OBRAS COMPLETAS

DE

ALMEIDA GARRETT

XIV

VOLUMES DE QUE SE COMPÕEM AS
OBRAS COMPLETAS DE ALMEIDA GARRETT

I — **Retrato de Venus** — **Historia da Pintura** — **Fragmentos de poemas ineditos.**
II — **Lyrica** — Vol. 1.º «Lyrica de João Minimo»—«Fabulas e Contos»—«Sonetos»—«Odes anacreonticas».
III — **Lyrica** — Vol. 2.º «Flores sem fructos»—«Folhas cahidas».
IV — **Camões**, poema em dez cantos.
V — **D. Branca**, poema em dez cantos.
VI — **Adozinda** — **Romances reconstruidos.**
VII — **Romanceiro**—Vol. 1.º «Romances da tradição oral».
VIII — **Romanceiro**—Vol. 2.º «Romances da tradição oral» —«Romances com forma litteraria».
IX — **Theatro**—Vol. 1.º «Catão».
X — **Theatro** — Vol. 2.º «Merope» — «Impromptu de Cintra»—«Corcunda por amor».
XI — **Theatro** — Vol. 3.º «Auto de Gil Vicente» — «Philippa de Vilhena».
XII — **Theatro** — Vol. 4.º «Alfageme de Santarem» — «Tio Simplicio».
XIII — **Theatro** — Vol. 5.º «Falar verdade a mentir» — «As Prophecias do Bandarra»—«Um noivado no Dafundo» —«O Camões do Rocio».
XIV — **Theatro** — Vol. 6.º «Frei Luiz de Sousa» — «A Sobrinha do Marquez».
XV — **Arco de Sant'Anna** — Chronica portuense. — Manuscripto achado no convento dos Grillos, no Porto, por um soldado do corpo academico.—Vol. 1.º
XVI — **Arco de Sant'Anna** — Vol. 2.º
XVII — **Helena** (Fragmento de um romance).
XVIII — **Viagens na minha terra** — Vol 1.º
XIX — **Viagens na minha terra** — Vol 2.º
XX — **Da educação** — «Cartas dirigidas a uma senhora illustre, encarregada da instituição de uma joven princeza».
XXI — **Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua portugueza** — **Outros escriptos** — **Impressões e viagens.**
XXII — **Memorias biographicas.**
XXIII — **Portugal na balança da Europa** — «Do que tem sido e do que ora lhe convem ser na nova ordem de coisas do mundo civilisado».
XXIV — **Politica** — «Reflexões e opusculos»—«Correspondencia diplomatica»—Vol. 1.º
XXV — **Politica** — «Reflexões e opusculos»—«Correspondencia diplomatica»—Vol 2.º
XXVI — **Discursos parlamentares.**
XXVII — **Cartas intimas.**
XXVIII— **Garrett e a sua obra**, por Theophilo Braga.

OBRAS COMPLETAS
DE ALMEIDA GARRETT
Edição revista, coordenada e dirigida pelo Dr. Theophilo Braga

XIV

THEATRO

VOLUME VI

Frei Luiz de Souza
A Sobrinha do Marquez

EDIÇÃO ILLUSTRADA

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora
LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
95 Rua Augusta, 95 | 45, Rua Ivens, 47
1910

FREI LUIZ DE SOUSA

Não havia a minima tenção de entregar nunca á scena *Frei Luiz de Sousa*, nem tão cedo á imprensa, quando se acabou de compôr nos fins do inverno passado. Resolveu, porém, o auctor apresental-o ao Conservatorio, com a memoria que adeante vae transcripta, em testemunho de consideração por aquelle estabelecimento que fundára.

Lida a memoria em conferencia, segundo o costume academico, e deposta na mesa com o drama, foram geraes as instancias para que este se lêsse tambem. O auctor não se fez muito rogar, porque bem desejava observar o effeito que produziria em auditorio tão escolhido a sua nova tentativa.

Se o não illudiu a cegueira de poeta, nem o quiz enganar a benevolencia dos muitos amigos que alli estavam, o effeito foi maior do que nunca se atreveriam a prevêl-o as mais sanguineas esperanças do escriptor mais seguro de si e do seu publico.

A imprensa fez ecco ao favoravel juizo do Conservatorio; e o drama teve a boa estreia de começar a ser bemquisto do publico antes ainda de lhe ser apresentado.

Foi isso causa de lhe pedirem, e o auctor fazer com muito gosto, outra leitura d'elle na sociedade intima de uma familia que préza como sua e á qual o prendem de sincera e estreita amisade—não só, nem tanto, as relações de algum contraparentesco, mas muito mais as de affeição verdadeira, de estima bem fundada e experimentada em qualidades que se vão fazendo cada dia mais raras n'esta terra.

Em tudo e sempre—excepto n'uma coisa que não vem para aqui—se póde e deve ter mais fé, nas mulheres que nos homens: em coisas d'arte o seu voto é decisivo. Desde aquella leitura o auctor começou a acreditar na sua obra como composição dramatica, pois até então ingenuamente a reputava mais um *estudo* para se examinar no gabinete, do que proprio quadro para se desenrolar na exposição publica da scena.

Resolveu-se alli logo, e na excitação do momento, representar o drama em um theatro particular. Distribuiram-se as partes, começaram os ensaios, e em poucas semanas, apezar de todas as difficuldades, subiu á scena na quinta do Pinheiro, a cujos amaveis donos não ha obsequio nem fineza que não deva o auctor e a peça.

O theatro é pequeno, mas accommoda muita gente; e encheu-se do que ha mais luzido e brilhante na «sociedade». As lagrimas das senhoras e o applauso dos homens

fizeram justiça ao incomparavel merito dos actores, principalmente das damas, a quem, sem a menor sombra de lisonja, nem sequer de cumprimento, o auctor póde dizer que deve a mais apreciavel corôa litteraria que ainda recebeu.

Na tribuna e no fôro, nos theatros e nas academias, nas assembleias do povo e nos palacios dos reis, em toda a parte lhe têm cortado d'essas palmas que verdejam um dia, que hoje dá o favor, que ámanhã tira a inveja; que, emquanto estão no viço, fazem curvar o joelho ao vulgo dos pequenos, e ao vulgo — muito mais vulgo — dos grandes; mas que em seccando, no outro dia, são açoite que empunha logo a vileza d'esses covardes para se vingarem nas costas do que os humilhou, e a quem não perdôam o tempo que estiveram de joelhos... Coitados! pois não é essa a sua vida, a sua posição natural? E'; mas querem fingir, de vez em quando, que não, e que podem estar direitos como a gente de bem. O auctor de *Frei Luiz de Sousa* avalia isso no que isso vale; e só pendura d'est'outras corôas no templo singelo da sua memoria, onde o fasto nunca entrou nem foi adorada a vaidade.

Para lembrança d'aquella noite de satisfação tão pura, se escrevem aqui os nomes dos amaveis artistas que verdadeiramente foram os que realisaram e deram vida ás vagas concepções que o poeta esboçára n'este drama. Eram distribuidos os papeis d'este modo:

Ex.^{mos} Srs.

D. Emilia Krus de Azevedo...... *Magdalena.*
D. Maria da Conceição de Sá.... *Maria.*
Joaquim José de Azevedo....... *Manuel de Sousa.*
Antonio Pereira da Cunha...... *Frei Jorge.*
Duarte Cardoso de Sá.......... *Romeiro.*
Antonio Maria de Sousa Lobo... *Prior.*
Duarte de Sá, Junior............ *Miranda.*

O auctor suppriu, no papel de *Telmo,* a falta de um amigo impossibilitado. Ponto, córos, e os mesmos comparsas, tudo eram parentes ou amigos intimos.

Faz gosto recordar todas estas circumstancias: é roubar uma pagina á monotona historia da semsaboria do tempo.

Lisboa, 31 de dezembro de 1843.

AO CONSERVATORIO REAL [1]

Senhores:

Um estrangeiro fez, ha pouco tempo, um romance da aventurosa vida de Frei Luiz de Souza. Ha muito enfeite de maravilhoso n'este livro, que não sei se agrada aos extranhos; a mim, que sou natural, pareceu-me empanar a singela belleza de tam interessante historia. Exponho um sentimento meu; não tive a minima ideia de censurar, nem sequer de julgar a obra a que me refiro, escripta em francez, como todos sabeis, pelo nosso consocio o sr. Fernando Diniz.

E' singular condição dos mais bellos factos e dos mais bellos caracteres que ornam os fastos portuguezes, serem tantos d'elles, quasi todos elles de uma extrema e estreme simplicidade. As figuras, os grupos, as situações da nossa historia—ou da nossa tradição—que para aqui tanto vale—parecem mais talhados para se moldarem e vasarem na solemnidade severa e quasi estatuaria da tragedia antiga, do que para se pintarem nos quadros, mais animados talvez porém menos

[1] Foi lida esta Memoria em conferencia do Conservatorio Real de Lisboa em 6 de Maio de 1843.

profundamente impressivos, do drama novo —ou para se interlaçarem nos arabescos do moderno romance.

Ignez de Castro, por exemplo, com ser o mais bello, é tambem o mais simples assumpto que ainda trataram poetas. E por isso todos ficaram atraz de Camões, porque todos, menos elle, o quizeram enfeitar julgando dar-lhe mais interesse.[1]

Na historia de Frei Luiz de Sousa—como a tradição a legou á poesia, e desprezados para este effeito os embargos da critica moderna — a qual, ainda assim, tam sómente allegou mas não provou—n'essa historia, digo, ha toda a simplicidade de uma fabula tragica antiga. Casta e severa como as de Eschylo, apaixonada como as de Euripides, energica e natural como as de Sophocles, tem, demais do que ess'outras, aquella uncção e delicada sensibilidade que o espirito do Christianismo derrama por toda ella, molhando de lagrimas contrictas o que seriam desesperadas ancias n'um pagão, accendendo até nas ultimas trévas da morte, a véla da esperança que se não apaga com a vida.

A catastrophe é um duplo e tremendo suicidio; mas não se obra pelo punhal ou pelo veneno: foram duas mortalhas que cahiram sobre dois cadaveres vivos:—jazem em paz no mosteiro, o sino dobra por elles; morre-

[1] Profunda observação de Mr. Adamson, citando um critico allemão, a respeito das causas por que entre tantas tragedias de *Ignez de Castro*, portuguezas, castelhanas, francezas, inglezas e allemãs, nenhuma tinha sahido verdadeiramente digna do assumpto. Vej. *Memoirs of Camoens* by John Adamson.

ram para o mundo, mas vão esperar ao pé da Cruz que Deus os chame quando fôr a sua hora.

A desesperada resignação de Prometheu cravado de cravos no Caucaso, rodeado de curiosidades e compaixões, e com o abutre a espicaçar-lhe no figado, não é mais sublime. Os remorsos de Edipo não são para comparar aos exquisitos tormentos de coração e de espirito que aqui padece o cavalheiro pundonoroso, o amante delicado, o pae estremecido, o christão sincero e temente do seu Deus. Os terrores de Jocasta fazem arripiar as carnes, mas são mais asquerosos do que sublimes; a dor, a vergonha, os sustos de D. Magdalena de Vilhena revolvem mais profundamente no coração todas as piedades, sem o paralysar de repente com uma compressão de horror que excede as forças do sentimento humano. A bella figura de Manuel de Sousa Coutinho, ao pé da angelica e resignada fôrma de D. Magdalena, amparando em seus braços interlaçados o innocente e mal estreado fructo de seus fataes amores, formam naturalmente um grupo, que se eu podesse tomar nas mãos o escopro de Canova ou de Torwaldsen—sei que o desentranhava de um cêpo de marmore de Carrara com mais facilidade, e decerto com mais felicidade, do que tive em pôr o mesmo pensamento por escriptura nos tres actos do meu drama.

Esta é uma verdadeira tragedia — se as póde haver, e como só imagino que as possa haver sobre factos e pessoas comparativamente recentes. Não lhe dei todavia esse no-

me porque não quiz romper de vizeira com os estafermos respeitados dos seculos que, formados de peças que nem offendem nem defendem no actual guerrear, inanimados, ôcos e postos ao canto da sala para onde ninguem vae de proposito—ainda têm comtudo a nossa veneração, ainda nos inclinamos deante d'elles quando alli passamos por acaso.

Demais, posto que eu não creia no verso como lingua dramatica possivel para assumptos tam modernos, tambem não sou tam desabusado comtudo que me atreva a dar a uma composição em prosa o titulo solemne que as musas gregas deixaram consagrado á mais sublime e difficil de todas as composições poeticas,

O que escrevi em prosa, podéra escrevel-o em verso;—e o nosso verso solto está provado que é docil e ingenuo bastante para dar todos os effeitos d'arte sem quebrar na natureza. Mas sempre havia de apparecer mais artificio do que a indole especial do assumpto podia soffrer. E dil-o-hei porque é verdade—repugnava-me tambem pôr na bocca de Frei Luiz de Sousa outro rythmo que não fosse o da elegante prosa portugueza que elle, mais do que ninguem, deduziu com tanta harmonia e suavidade. Bem sei que assim ficará mais clara a impossibilidade de imitar o grande modelo; mas antes isso, do que fazer falar por versos meus o mais perfeito prosador da lingua.

Contento-me para a minha obra com o titulo modesto de drama; só peço que a não julguem pelas leis que regem, ou devem re-

ger, essa composição de fórma e indole nova; porque a minha, se na fórma desmerece da categoria, pela indole ha-de ficar pertencendo sempre ao antigo genero tragico.

Não o digo por me dar applauso, nem para obtêr favor tão pouco; senão porque o facto é esse, e para que os menos reflectidos me não julguem sobre dados falsos e que eu não tomei para assentar o problema que procurava resolver.

Não sei se o fiz: a difficuldade era extrema pela extrema simplicidade dos meios que adoptei. Nenhuma acção mais dramatica, mais tragica do que esta; mas as situações são poucas: estender estas de invenção era adelgaçar a força d'aquella, quebrar-lhe a energia. Em um quadro grande, vasto — as figuras poucas, as attitudes simples, é que se obram os grandes milagres d'arte pela correcção no desenho, pela verdade das côres, pela sábia distribuição da luz.

Mas ou se ha-de fazer um prodigio ou uma semsaboria. Eu sei a que empreza de Icaro me arrojei, e nem tenho mares a que dar nome com a minha queda: ellas são tantas já!

Nem amores, nem aventuras, nem paixões, nem caractéres violentos de nenhum genero. Com uma acção que se passa entre pae, mãe e filha, um frade, um escudeiro velho, e um peregrino que apenas entra em duas ou tres scenas—tudo gente honesta e temente a Deus —sem um máo para contraste, sem um tyranno que se mate ou mate alguem, pelo menos no ultimo acto, como eram as tragedias d'antes—sem uma dansa macabra de assas-

sinios, de adulterios e de incestos, tripudiada ao som das blasphemias e das maldições, como hoje se quer fazer o drama—eu quiz vêr se era possivel excitar fortemente o terror e a piedade—ao cadaver das nossas platéas, gastas e cacheticas pelo uso continuo de estimulantes violentos, galvanisal-o com sós estes dois metaes de lei.

Repito sinceramente que não sei se o consegui; sei, tenho fé certa que aquelle que o alcançar, esse achou a tragedia nova, e calçou justo no pé o cothurno das nações modernas; esse não acceite das turbas τραγος consagrado, o bode votivo; não subiu ao carro de Thespis, não bezuntou a cara com bôrras de vinho para fazer visagens ao povo, esse atire a sua obra ás disputações das escolas e das parcialidades do mundo, e recolha se a descansar no septimo dia de seus trabalhos, porque tem creado o theatro da sua epoca.

Mas se o engenho do homem tem bastante de divino para ser capaz de tamanha creação, o poder de nenhum homem só não virá a cabo d'ella nunca. Eu julgarei ter já feito muito se, directamente por algum ponto com que acertasse, indirectamente pelos muitos em que errei, concorrer para o adeantamento da grande obra que trabalha e fatiga as entranhas da sociedade que a concebeu, e a quem peja com affrontamentos e nôjos, porque ainda agora se está a formar em principio de embryão.

Nem pareça que estou dando grandes palavras a pequenas coisas: o drama é a expressão litteraria mais verdadeira do estado

da sociedade: a sociedade de hoje ainda se não sabe o que é: o drama ainda se não sabe o que é: a litteratura actual é a palavra, é o verbo ainda, balbuciante de uma sociedade indefinida, e comtudo já influe sobre ella; é, como disse, a sua expressão, mas reflecte a modificar os pensamentos que a produziram.

Para ensaiar estas minhas theorias d'arte, que se reduzem a pintar do vivo, desenhar do nu, e a não buscar poesia nenhuma nem de invenção nem de estylo fóra da verdade e do natural, escolhi este assumpto, porque em suas mesmas difficuldades estavam as condições de sua maior propriedade.

Ha muitos annos, discorrendo um verão pela deliciosa beira-mar da provincia do Minho, fui dar com um theatro ambulante de actores castelhanos fazendo suas recitas n'uma tenda de lôna no areal da Povoa de Varzim, além de Villa do Conde. Era tempo de banhos, havia feira e concorrencia grande; fômos á noite ao theatro: davam a *Comedia famosa* não sei de quem, mas o assumpto era este mesmo de *Frei Luiz de Sousa*. Lembra-me que ri muito de um homem que nadava em certas ondas de papelão, emquanto n'um altinho, mais baixo que o cotovello dos actores, ardia um palaciosinho tambem de papelão... era o de Manuel de Sousa Coutinho em Almada!

Fosse de mim, dos actores ou da peça, a acção não me pareceu nada do que hoje a acho, grande, bella, sublime de tragica magestade. Não se obliteram facilmente em mim impressões que me entalhem, por mais leve que seja, nas fibras do coração: e as

que alli recebi estavam inteiramente apagadas quando, poucos annos depois, lendo a celebre Memoria do sr. bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo, e relendo, por causa d'ella, a romanesca mas sincera narrativa do padre Frei Antonio da Encarnação, pela primeira vez attentei no que era de dramatico aquelle assumpto.

Não passou isto, porém, de um vago relancear do pensamento. Ha dois annos, e aqui n'esta sala, quando ouvi lêr o curto mas bem sentido relatorio da commissão que nos propoz admittir ás provas publicas o drama, o *Captivo de Fez*, é que eu senti como um raio de inspiração nas reflexões que alli se faziam sobre a comparação de aquella fabula engenhosa e complicada com a historia tão simples do nosso insigne escriptor.

Quizeram-me depois fazer crêr que o drama portuguez era todo tirado, ou principalmente imitado, d'esse romance francez de que já vos falei e que eu ainda não tinha lido então. Fui lêl-o immediatamente, e achei falsa de todo a accusação, mas achei mais falsa ainda a preferencia de ingenuidade que a esse romance ouvia dar. Pareceu-me que o assumpto podia e devia ser tratado de outro modo, e assentei fazer este drama.

Escuso dizer-vos, Senhores, que me não julguei obrigado a ser escravo da chronologia nem a regeitar por improprio da scena tudo quanto a severa critica moderna indigitou como arriscado de se apurar para a historia. Eu sacrifico ás musas de Homero não ás de Herodoto: e quem sabe, por fim,

em qual dos dois altares arde o fogo de melhor verdade!

Versei muito e com muito afincada attenção, a Memoria que já citei do douto socio da Academia Real das Sciencias o sr. bispo de Vizeu; e collacionei todas as fontes de onde elle derivou e apurou seu copioso cabedal de noticias e reflexões; mas não foi para ordenar datas, verificar factos ou assentar nomes, senão para estudar de novo, n'aquelle bello compendio, caracteres, costumes, as côres do logar e o aspecto da epoca, aliás das mais sabidas e averiguadas.

Nem o drama, nem o romance, nem a epopêa são possiveis, se os quizerem fazer com a *Arte de verificar as datas* na mão.

Esta quasi apologia seria ridicula, Senhores, se o meu trabalho não tivesse de apparecer senão deante de vós, que por intuição deveis de saber, e por tantos documentos tendes mostrado que sabeis, quaes e quão largas são, e como limitadas, as leis da verdade poetica, que certamente não deve ser oppressora, mas tambem não póde ser escrava da verdade historica. Desculpae-me apontar aqui esta doutrina, não para vós gue a professaes, mas para algum escrupuloso mal advertido que me pudesse condemnar por infracção de leis a que não estou obrigado porque não as acceitei.

E todavia cuido que, fóra dos algarismos das datas, irreconciliaveis com todo o trabalho de imaginação, pouco haverá, no mais que ou não seja puramente historico, isto é, referido como tal pelos historiadores e biographos, ou implicitamente contido, possi-

vel, e verosimil de se contêr no que elles referem.

Offereço esta obra ao Conservatorio Real de Lisboa, porque honro e venero os eminentes litteratos, e os nobres caracteres civicos que elle reune em seu seio, e para testemunho sincero tambem da muita confiança que tenho n'uma instituição que tão util tem sido e ha-de ser á nossa litteratura renascente, que tem estimulado com premios, animado com exemplos, dirigido com sabios conselhos a cultura de um genero que é, não me canso de o repetir, a mais verdadeira expressão litteraria e artistica da civilisação do seculo, e reciprocamente exerce sobre ella a mais poderosa influencia.

Eu tive sempre na minha alma este pensamento, ainda antes—perdoae-me a innocente vaidade, se vaidade isto chega a ser —ainda antes de elle apparecer formulado em tão elegantes phrases por esses escriptores que alumiam e caracterisam a epoca, os Victor-Hugos, os Dumas, os Scribes. O estudo do homem é o estudo d'este seculo, a sua anatomia e physiologia moral as sciencias mais buscadas pelas nossas necessidades actuaes. Colligir os factos do homem, emprego para o sabio; comparál-os, achar a lei de suas séries, occupação para o philosopho, o politico; revestil-os das fórmas mais populares e derramar assim pelas nações um ensino facil, uma instrucção intellectual e moral que, sem apparato de sermão ou prelecção, surprehenda os animos e os corações da multidão, no meio de seus proprios passatempos — a missão do littera-

to, do poeta. Eis aqui porque essa epoca litteraria é a epoca do drama e do romance, porque o romance e o drama são, ou devem ser, isto.

Parti d'esse ponto, mirei a este alvo desde as minhas primeiras e mais juvenis composições litterarias, escriptas em tam desvairadas situações da vida, e as mais d'ellas no meio de trabalhos serios e pesados, para descansar de estudos mais graves ou refocilar o espirito fatigado dos cuidados publicos—alguma vez tambem para não deixar seccar de todo o coração na aridez das coisas politicas, nas quaes é força apertál-o até endurecer para que nol-o não quebre o egoismo duro dos que mais carregam onde acham mais brando, ferem com menos dó e com mais covarde valentia onde acham menos armado.

Eu tinha feito o meu primeiro estudo sobre o homem antigo na antiga sociedade: pul-o no expirar da velha liberdade romana, e no primeiro nascer do absolutismo novo, ou que deu molde a todos os absolutismos modernos, o que vale o mesmo. Dei-lhe as fórmas dramaticas, é a tragedia de CATÃO.

O romance de DONA BRANCA não foi senão uma tentativa encolhida e timida para espreitar o gosto do publico portuguez, para vêr se nascia entre nós o genero, e se os nossos jovens escriptores adoptavam aquella bella fórma; entravam por sua antiga historia a descobrir campo, a colher pelas ruinas de seus tempos heroicos os typos de uma poesia mais nacional e mais natural.

O Camões levou o mesmo fito e vestiu as mesmas fórmas.

Os meus ensaios de poesia popular na Adozinda vê-se que prendem no mesmo pensamento — falar ao coração e ao animo do povo pelo romance e pelo drama.

Este é um seculo democratico; tudo o que se fizer hade ser pelo povo e com o povo... ou não se faz. Os principes deixaram de ser, nem podem ser, Augustos. Os poetas fizeram-se cidadãos, tomaram parte na coisa publica como sua; querem ir, como Euripedes e Sophocles, solicitar na praça os suffragios populares, não como Horacio e Virgilio, cortejar no paço as sympathias de reaes corações. As côrtes deixaram de ter Mecenas; os Medicis, Leão X, Dom Manuel e Luiz XIV já não são possiveis; não tinham favores que dar nem thesouros que abrir ao poeta e ao artista. Os sonetos e os madrigaes eram para as assembléas perfumadas d'essas damas que pagavam versos a sorrisos:—e era talvez a melhor e mais segura lettra que se vencia na carteira do poeta. Os leitores e os espectadores de hoje querem pasto mais forte, menos condimentado e mais substancial: é povo, quer verdade. Dae-lhe a verdade do passado no romance e no drama historico, —no drama e na novella da actualidade offerecei-lhe o espelho em que se mire a si e ao seu tempo, a sociedade que lhe está por cima, abaixo, ao seu nivel—e o povo ha de applaudir, porque entende: é preciso entender para apreciar e gostar.

Eu sempre cri n'isto; a minha fé não era tam clara e explicita como hoje é, mas sem-

Romeiro — Ninguem!

FREI LUIZ DE SOUSA — *Acto II*, Scena XIV.

pre foi tam implicita. Quiz pôr a theoria á prova experimental e lancei no theatro o AUTO DE GIL VICENTE. Já escrevi algures, e sinceramente vos repito aqui, que não tomei para mim os applausos e favor com que o recebeu o publico; não foi o meu drama que o povo applaudiu, foi a idéa, o pensamento do drama nacional.

Esta academia real deante de quem hoje me comprazo de falar, e a quem, desde suas primeiras reuniões, expuz o meu pensamento, os meus desejos, as minhas esperanças e a minha fé, vós, Senhores, o entendestes e accolhestes, e lhe tendes dado vida e corpo. Directa ou indirectamente o Conservatorio tem feito nascer em Portugal mais dramas em menos de cinco annos do que até agora se escreviam n'um seculo.

O anno passado, quando publiquei o ALFAGEME, aqui vos disse, Senhores, a tenção com que o fizera, o desejo que tinha de o submetter á vossa censura e os motivos de delicadeza que tive para não o fazer entrar a ella pela fieira marcada nas nossas leis academicas. Os mesmos motivos me impedem agora de apresentar FREI LUIZ DE SOUSA sob a tutella do incognito e protegido pelas fórmulas que haveis estabelecido para o processamento imparcial e meditada sentença de vossas decisões.

Mas nenhuma delicadeza, nenhuns respeitos humanos podem vedar-me que eu venha entregar como offerenda ao Conservatorio Real de Lisboa este meu trabalho dramatico, que provavelmente será o ultimo, ainda que Deus me tenha a vida por mais tempo; por-

que esse pouco ou muito que já agora terei de viver está consagrado, por uma especie de juramento que me tomei a mim mesmo —a uma tarefa longa e pesada que não deixará nem a sésta do descanso ao trabalhador —que trabalha no seu, com a estação adeantada, e quer ganhar o tempo perdido. Incita-o esta idéa, e punge-o, demais, o amor proprio: porque hoje não póde já deixar de ser para mim um ponto de honra desempenhar funcções de que me não demitti nem demitto — escrevendo, na historia do nosso seculo, a Chronica do ultimo rei de Portugal o Senhor Dom Pedro IV.

Assim quasi que dou aqui o ultimo vale a essa amena litteratura que foi o mais querido folguedo da minha infancia, o mais suave enleio da minha juventude, e o passatempo mais agradavel e refrigerante dos primeiros e mais agitados annos da minha hombridade.

Despeço-me com saudade;— nem me peja dizel-o deante de vós: é virar as costas ao Eden de regalados e preguiçosos folgares para entrar nos campos do trabalho duro' onde a terra se não lavra senão com o suor do rosto; e quando produz, não são rosas nem lyrios que affagam os sentidos, mas plantas—uteis sim, porém desgraciosas á vista; fastientas ao olfacto—é o real e o necessario da vida.

FREI LUIZ DE SOUSA

DRAMA

Representado, a primeira vez em Lisboa, por uma sociedade particular, no theatro da quinta do Pinheiro em quatro de Julho de

MDCCCXLIII

PESSOAS

MANUEL (FREI LUIZ) DE SOUSA
DONA MAGDALENA DE VILHENA
DONA MARIA DE NORONHA
FREI JORGE COUTINHO
O ROMEIRO
TELMO PAES
O PRIOR DE BEMFICA
O IRMÃO CONVERSO
MIRANDA
O ARCEBISPO DE LISBOA
DOROTHEA

CÔRO DE FRADES DE SAN'DOMINGOS

Clerigos do Arcebispo, frades, criados, etc.

Logar da scena — Almada

ACTO PRIMEIRO

Camara antiga, ornada com todo o luxo e caprichosa elegancia portugueza dos principios do seculo dezesete. Porcelanas, xarões, sedas, flores, etc. No fundo duas grandes janellas rasgadas, dando para um eirado que olha sobre o Tejo e d'onde se vê toda Lisboa: entre as janellas o retrato em corpo inteiro, de um cavalleiro moço vestido de preto com a cruz branca de noviço de S. João de Jerusalem.— Defronte e para a bôcca da scena um bufete pequeno coberto de rico panno de velludo verde franjado de prata; sobre o bufete alguns livros, obras de tapeçarias meias-feitas, e um vaso da China de collo alto, com flores. Algumas cadeiras antigas, tamboretes razos, contadores. Da direita do espectador, porta de communicação para o interior da casa, outra da esquerda para o exterior. — E' no fim da tarde.

SCENA I

MAGDALENA só, sentada junto á banca, os pés sobre uma grande almofada, um livro aberto no regaço, e as mãos cruzadas sobre elle, como quem descahiu da leitura na meditação.

Magdalena *(repetindo machinalmeute e de vagar o que acabava de ler.)*

«N'aquelle engano d'alma ledo e cego
Que a fortuna não deixa durar muito...»

Com a paz e alegria d'alma.,. um engano, um engano de poucos instantes que seja... deve de ser a felicidade suprema n'este mundo.—E que importa que o não deixe durar muito a fortuna? Viveu-se, póde-se morrer. Mas eu!... *(Pausa)* Oh! que o não saiba elle ao menos, que não suspeite o estado

em que eu vivo... este medo, estes continuos terrores que ainda me não deixaram gozar um só momento de toda a immensa felicidade que me dava o seu amor.—Oh que amor, que felicidade... que desgraça a minha! (*Torna a cahir em profunda meditação: silencio breve.*)

SCENA II

MAGDALENA, TELMO PAES

Telmo (*chegando ao pé de Magdalena que o não sentiu entrar.*)
A minha senhora está a ler?...

Magdalena (*despertando*)—Ah! sois vós, Telmo... Não, já não leio: ha pouca luz de dia já; confundia-me a vista:—E é um bonito livro este! o teu valido, aquelle nosso livro, Telmo.

Telmo (*deitando-lhe os olhos*)—Oh, oh! Livro para damas—e para cavalleiros... e para todos: um livro que serve para todos; como não ha outro, tirante o respeito devido ao da Palavra de Deus! Mas esse não tenho eu a consolação de lêr, que não sei latim como meu senhor... quero dizer como o sr. Manuel de Souza Coutinho— que lá isso!... acabado escholar é elle. E assim foi seu pae antes d'elle, que muito bem o conheci: grande homem! Muitas lettras e de muito galante prática—e não somenos as outras partes de cavalleiro: uma gravidade!... Já não ha d'aquella gente.— Mas, minha senhora, isto de a Palavra de Deus estar assim n'outra lingua que a gente... que toda a gente não entende... confesso-vos que aquelle mercador inglez da rua Nova, que aqui vêm ás vezes têm-me dito suas coisas que me quadram... E Deus me perdôe! que eu creio que o homem é hereje d'esta seita nova d'Allemanha ou de Inglaterra. Será?

Magdalena—Olhae, Telmo; eu não vos quero dar conselhos: bem sabeis que desde o tempo que... que...

Telmo—Que já lá vae, que era outro tempo.

Magdalena—Pois sim... (*suspira*) Eu era uma criança; pouco maior era que Maria.

Telmo—Não, a senhora D. Maria já é mais alta.
Magdalena—E' verdade, tem crescido de mais, e de repente n'estes dois mezes ultimos...
Telmo—Então! Tem treze annos feitos, é quasi uma senhora, está uma senhora... *(A'parte)* Uma senhora aquella... pobre menina!
Magdalena *(com as lagrimas nos olhos)*—És muito amigo d'ella, Telmo?
Telmo—Se sou! Um anjo como aquelle... uma viveza, um espirito!... e então que coração?
Magdalena—Filha da minha alma! *(Pausa:—mudando de tom)* Mas olha, meu Telmo, tórno a dizer-t'o: eu não sei como heide fazer para te dar conselhos. Conheci-te de tam criança, de quando casei a... a... a primeira vez—costumei-me a olhar para ti com tal respeito: já então eras o que hoje és, o escudeiro valido, o familiar quasi parente, o amigo velho e provado dos teus amos.
Telmo *(enternecido)*—Não digaes mais, senhora, não me lembreis de tudo o que eu era.
Magdalena *(quasi offendida)*—Porquê? não és hoje o mesmo, ou mais ainda, se é possivel? Quitaram-te alguma coisa da confiança, do respeito—do amor e carinho a que estava costumado o aio fiel do meu senhor D. João de Portugal, que Deus tenha em gloria?
Telmo *(A'parte)*—Terá...
Magdalena—O amigo e camarada antigo de seu pae!
Telmo—Não, minha senhora, não, por certo.
Magdalena—Então?...
Telmo—Nada. Continuae, dizei, minha senhora.
Magdalena—Pois está bem—digo que mal sei dar-vos conselhos, e não queria dar-vos ordens.. Mas, meu amigo, tu tomaste—e com muito gosto meu e de seu pae,—um ascendente no espirito de Maria... tal que não ouve, não crê, não sabe senão o que lhe dizes. Quasi que és tu a sua donna, a sua aia de criação.—Parece-me... eu sei... não fales com ella d'esse modo, n'essas coisas.
Telmo—O quê? No que me disse o inglez, sôbre a sagrada Escriptura que elles lá têem em sua lingua, e que?
Magdalena—Sim... n'isso decerto... e em tantas outras coisas tam altas, tam fóra de sua idade, e

muitas do seu sexo tambem que aquella creança está sempre a querer saber, a perguntar—E' a minha unica filha: não tenho... nunca tivemos outra... e, além de tudo o mais, bem vês que não é uma creança... muito... muito forte.

Telmo—E'... delgadinha, é. Hade enrijar. E' têl-a por aqui, fóra d'aquelles áres apestados de Lisboa: e deixae, que se hade pôr outra.

Magdalena—Filha do meu coração!

Telmo—E do meu.—Pois não se lembra, minha senhora, que ao principio, era uma creança que eu não podia...—é a verdade, não a podia vêr: já sabereis porquê... mas vêl-a, era ver... Deus me perdôe!... nem eu sei...—E d'ahi começou-me a crescer, a olhar para mim com aquelles olhos... a fazer-me taes meiguices, e a fazer se-me um anjo tal de formosura e de bondade que—vêdes-me aqui agora que lhe quero mais do que seu pae.

Magdalena (*sorrindo*)—Isso agora!...

Telmo—Do que vós.

Magdalena (*rindo*)—Ora, meu Telmo!

Telmo—Mais, muito mais. E veremos: tenho cá uma coisa que me diz que antes de muito se hade ver quem é que quer mais á nossa menina n'esta casa.

Magdalena (*assustada*)—Está bom, não entremos com os teus agouros e prophecias do costume: são sempre de aterrar... Deixemo-nos de futuros...

Telmo—Deixemos que não são bons.

Magdalena—E de passados tambem...

Telmo—Tambem.

Magdalena—E vamos ao que importa agora.—Maria tem uma comprehensão...

Telmo—Comprehende tudo!

Magdalena—Mais do que convem.

Telmo—A's vezes.

Magdalena—E' preciso moderal-a.

Telmo—E' o que eu faço.

Magdalena—Não lhe dizer...

Telmo—Não lhe digo nada que não possa, que não deva saber uma donzella honesta e digna de melhor... melhor...

Magdalena—Melhor quê?

Telmo—De nascer em melhor estado.—Quizestes ouvil-o... está dito.

Magdalena — O Telmo! Deus te perdôe o mal que me fazes. (*Desata a chorar*).

Telmo (*ajoelhando e beijando-lhe a mão*) — Senhora... senhora D. Magdalena, minha ama, minha senhora . . . castigae-me. . . mandae-me já castigar, mandae-me cortar esta lingua pêrra que não toma ensino — Oh! senhora, senhora! . . . é vossa filha, é a filha do senhor Manuel de Sousa Coutinho, fidalgo de tanto primor, e de tam boa linhagem como os que se teem por melhores n'este reino, em toda a Hespanha. . . A senhora D. Maria... a minha querida D. Maria é sangue de Vilhenas e de Sousas; não precisa mais nada, mais nada, minha senhora, para ser . . . para ser . . .

Magdalena — Calae-vos, calae-vos, pelas dôres de Jesus Christo homem.

Telmo (*soluçando*) — Minha rica senhora! . . .

Magdalena (*Enchuga os olhos, e toma uma attitude grave e firme*) — Levantae vos, Telmo, e ouvi-me. (*Telmo levanta-se*) Ouvi-me com attenção. E' a primeira e será a ultima vez que vos falo d'este modo e em tal assumpto. — Vós fostes o aio e amigo de meu senhor . . . de meu primeiro marido, o senhor D. João de Portugal; tinheis sido o companheiro de trabalho e de gloria de seu illustre pae, aquelle nobre conde de Vimioso, que eu de tamanhinha me acostumei a reverenciar como pae. Entrei depois n'essa familia de tanto respeito; acheivos parte d'ella, e quasi que vos tomei a mesma amizade que aos outros... chegastes a alcançar um poder no meu espirito, quasi maior... — de certo, maior — que nenhum d'elles. O que sabeis da vida e do mundo, o que tendes adquirido na conversação dos homens e dos livros — porém, mais que tudo, o que de vosso coração fui vendo e admirando cada vez mais — me fizeram ter-vos n'uma conta, deixar-vos tomar, entregar-vos eu mesma tal auctoridade n'esta casa e sobre minha pessoa... que outros poderão estranhar. .

Telmo — Emendae-o, senhora.

Magdalena — Não, Telmo, não preciso nem quero emendal-o. — Mas agora deixae-me falar. — Depois que fiquei só, depois d'aquellafunesta jornada de Africa que me deixou viuva, orphan e sem ninguem... sem ninguem, e n'uma edade... com

dezesete annos!—em vós, Telmo, em vós só, achei o carinho e protecção, o amparo que eu precisava. Ficastes-me em logar de pae: e eu... salvo n'uma coisa!—tenho sido para vós, tenho-vos obedecido como filha.

Telmo—Oh minha senhora, minha senhora! mas essa coisa em que vos apartastes dos meus conselhos...

Magdalena — Para essa houve poder maior que as minhas forças... D. João ficou n'aquella batalha com seu pae, com a flôr da nossa gente. (*Signal de impaciencia em Telmo*). Sabeis como chorei a sua perda, como respeitei a sua memoria, como durante sete annos, incredula a tantas provas e testimunhos de sua morte, o fiz procurar por essas costas de Berberia, por todas as sejanas de Fez e Marrocos, por todos quantos aduares de Alarves ahi houve... Cabedaes e valimento, tudo se empregou; gastaram-se grossas quantias; os embaixadores de Portugal e Castella tiveram ordens apertadas de o buscar por toda a parte; aos padres da Redempção, a quanto religioso ou mercador podia penetrar n'aquellas terras, a todos se encommendava o seguir a pista do mais leve indicia que podesse desmentir, pôr em duvida ao menos aquella noticia que logo viera com as primeiras novas da batalha de Alcacer. Tudo foi inutil; e a ninguem mais ficou resto de duvida...

Telmo—Senão a mim.

Magdalena — Duvida de fiel servidor, esperança de leal amigo, meu bom Telmo! que diz com vosso coração, mas que tem atormentado o meu...—E então sem nenhum fundamento, sem o mais leve indicio... Pois dizei-me em consciencia, dizei-m'o de uma vez, claro e desenganado: a que se apéga esta vossa credulidade de sete... e hoje mais quatorze... vinte e um annos?

Telmo (*Gravemente*) — A's palavras, ás formaes palavras d'aquella carta escripta na propria madrugada do dia da batalha, e entregue a Frei Jorge que vol-a trouxe.—«Vivo ou morto»—resava ella—vivo ou morto... Não me esqueceu uma letra d'aquellas palavras; e eu sei que homem era meu amo para as escrever em vão: — «Vivo ou morto, Magdalena, hei-de vêr-vos pelo menos ainda uma vez n'este mundo.»—Não era assim que dizia?

Magdalena (*aterrada*)—Era.

Telmo—Vivo não veiu... e ainda mal!—E morto... a sua alma, a sua figura...

Magdalena (*possuida de grande terror*)—Jesus, homem!

Telmo—Não vos appareceu de certo.

Magdalena—Não: credo!

Telmo (*mysterioso*)—Bem sei que não. Queria-vos muito; e a sua primeira visita, como de razão, seria para minha senhora. Mas não se ia sem apparecer tambem ao seu aio velho.

Magdalena—Valha-me Deus, Telmo! Conheço que desarrasoaes, comtudo as vossas palavras mettem-me medo... Não me faças mais desgraçada.

Telmo—Desgraçada! Porquê? não sois feliz na companhia do homem que amaes, nos braços do homem a quem sempre quizestes mais sobre todos? Que o pobre do meu amo... respeito, devoção, lealdade, tudo lhe tivestes, como tam nobre e honrada senhora que sois... mas amor!

Magdalena—Não está em nós dal-o, nem quital-o, amigo.

Telmo—Assim é. Mas os ciumes que meu amo não teve nunca—bem sabeis que têmpera d'alma era aquella—tenho-os eu... aqui está a verdade nua e crua... tenho-os eu por elle: não posso, não posso vêr... e desejo, quero, forcejo por me acostumar... mas não posso. Manuel de Sousa... o senhor Manuel de Sousa Coutinho é guapo cavalheiro, honrado fidalgo, bom portuguez... mas—mas não é, nunca hade ser, aquelle espelho de cavallaria e gentileza, aquella flôr dos bons... Ah meu nobre amo, meu santo amo!

Magdalena—Pois sim, tereis razão... tendes razão, será tudo como dizeis. Mas reflecti, que haveis cabedal de intelligencia para muito:—Eu resolvi-me por fim a casar com Manuel de Sousa; foi do aprazimento geral de nossas familias, da propria familia de meu primeiro marido que bem sabeis quanto me estima; vivemos (*com affectação*) seguros, em paz e felizes... ha quatorze annos. Temos esta filha, esta querida Maria que é todo o gôsto e ancia da nossa vida. Abençoou-nos Deus na formosura, no engenho, nos dotes admiraveis d'aquelle anjo... E tu, tu, meu Telmo, que és tam seu que

chegas a pretender ter-lhe mais amor que nós mesmos...

Telmo—Não, não tenho!

Magdalena—Pois tens, melhor.—E és tu que andas, continuamente e quasi por accinte, a sustentar essa chimera, a levantar esse phantasma, cuja sombra, a mais remota, bastaria para ennodoar a pureza d'aquelle innocente, para condemnar a eterna deshonra a mãe e a filha... (*Telmo dá signaes de grande agitação*). Ora dize: já pensaste bem no mal que estás fazendo?—Eu bem sei que a ninguem n'este mundo, senão a mim, falas em taes coisas... falas assim como hoje temos falado... mas as tuas palavras mysteriosas, as tuas allusões frequentes a esse desgraçado rei D. Sebastião, que o seu mais desgraçado povo ainda não quiz acreditar que morresse, por quem ainda espera em sua leal incredulidade!—esses continuos agouros em que andas sempre de uma desgraça que está iminente sobre a nossa familia... não vês que estás excitando com tudo isso a curiosidade d'aquella criança aguçando-lhe o espirito—já tam perspicaz!—a imaginar, a descobrir... quem sabe se a acreditar n'essa prodigiosa desgraça em que tu mesmo... tu mesmo... sim, não crês devéras? Não crês, mas achas não sei que doloroso prazer em ter sempre viva e suspensa essa duvida fatal. E então considera, vê: se um terror similhante chega a entrar n'aquella alma, quem lh'o hade tirar nunca mais?... O que hade ser d'ella e de nós?—Não a perdes, não a matas... não me matas a minha filha?

Telmo *em grande agitação durante a fala precedente, fica pensativo e aterrado: fala depois como para si*)—E' verdade que sim! a morte era certa. E não hade morrer: não, não, não, tres vezes não (*Para Magdalena*) A' fé de escudeiro honrado, senhora D. Magdalena, a minha bocca não se abre mais; e o meu espirito hade fechar-se tambem... (*A'parte*) Não é possivel, mas eu heide salvar o meu anjo do céo! (*Alto para Magdalena*) Está dito, minha senhora.

Magdalena—Ora Deus t'o pague.—Hoje é o ultimo dia de nossa vida que se fala em tal.

Telmo—O ultimo.

Magdalena—Ora pois, ide, ide vêr o que ella faz:

(*levantando-se*) que não esteja a lêr ainda, a estudar sempre. (*Telmo vae a sair*) E olhae: chegae-me depois alli a San'Paulo, ou mandae, se não podeis...

Telmo—Ao convento dos Dominicos? Pois não posso!... quatro passadas.

Magdalena—E dizei a meu cunhado, a Fr. Jorge Coutinho, que me está dando cuidado a demora de meu marido em Lisboa; que me prometteu de vir antes de véspera, e não veiu; que é quasi noite, e que já não estou contente com a tardança. (*Chega á varanda e olha para o rio.*) O ár está sereno, o mar tam quieto, e a tarde tam linda!... quasi que não ha vento, é uma viração que afaga... Oh e quantas falúas navegando tam garridas por esse Tejo! Talvez n'alguma d'ellas—n'aquella tam bonita—venha Manuel de Souza.—Mas n'este tempo não ha que fiar no Tejo, d'um instante para o outro levanta-se uma nortada... e então aqui o pontal de Cacilhas!—Que elle é tam bom mareante... Ora, um cavalleiro de Malta! (*Olha para o retrato com amor.*) Não é isso o que me dá maior cuidado. Mas em Lisboa ainda ha peste, ainda não estão limpos os áres... e ess'outros áres que por ahi correm d'estas alterações publicas, d'estas malquerenças entre castelhanos e portuguezes! Aquelle caracter inflexivel de Manuel de Sousa traz-me n'um susto continuo.—Vae, vae a Frei Jorge, que diga se sabe alguma coisa, que me assocegue, se puder.

SCENA III

MAGDALENA, TELMO, MARIA

Maria (*entrando com umas flores na mão, encontra-se com Telmo, e o faz tornar para a scena*)—Bonito! Eu ha mais de meia hora no eirado passeando—e sentada a olhar para o rio a vêr as falúas e os bergantins que andam para baixo e para cima—e já aborrecida de esperar... e o senhor Telmo, aqui posto a conversar com a minha mãe, sem se importar de mim!—Que é do romance que me prometteste? não é o da batalha, não é o que diz:

> Postos estão, frente a frente.
> Os dois valorosos campos;

é o outro, é o da Ilha encuberta onde está el-rei D. Sebastião, que não morreu e que hade vir um dia de névoa muito cerrada... Que elle não morreu; não é assim, minha mãe?

Magdalena—Minha querida filha, tu dizes coisas! Pois não tens ouvido, a teu tio Frei Jorge e a teu tio Lopo de Sousa, contar tantas vezes como aquillo foi? O povo coitado imagina essas chimeras para se consolar na desgraça.

Maria—Voz do povo, voz de Deus, minha senhora mãe: elles que andam tam crentes n'isto, alguma coisa hade ser. Mas ora o que me dá que pensar é vêr que, tirado aqui o meu bom velho Telmo, (*chega-se toda para elle, acarinhando-o*) ninguem n'esta casa gosta de ouvir falar em que escapasse o nosso bravo rei, o nosso santo rei D. Sebastião. —Meu pae, que é tam bom portuguez, que não póde soffrer estes castelhanos, e que até ás vezes dizem que é demais o que elle faz e o que elle fala... em ouvindo duvidar da morte do meu querido rei D. Sebastião... ninguem tal hade dizer, mas põe-se logo outro, muda de semblante, fica pensativo e carrancudo: parece que o vinha affrontar, se voltasse, o pobre do rei.—O' minha mãe, pois elle não é por D. Filippe; não é, não?

Magdalena—Minha querida Maria, que tu hasde de estar sempre a imaginar n'essas, coisas que são tam pouco para a tua edade! isso é o que nos afflige, a teu pae e a mim; queria-te vêr mais alègre, folgar mais, e com coisas menos ..

Maria—Então minha mãe, então!—Vêem, vêem?... tambem minha mãe não gosta. Oh! essa ainda é peior, que se afflige, chora... ella ahi está a chorar. . ella ahi está a chorar. . (*Vae-se abraçar com a mãe que chora.*) Minha querida mãe, ora pois então!—Vae-te embora, Telmo, vae-te; não quero mais falar, nem ouvir falar de tal batalha, nem de taes historias, nem de coisa nenhuma d'essas.—Minha querida mãe!

Telmo—E é assim: não se fala mais n'isso. E eu voume embora. (*A' parte indo-se depois de lhe tomar as mãos*) Que febre que ella tem hoje, meu Deus! queimam-lhe as mãos. . e aquellas rosetas nas faces... Se o perceberá a pobre da mãe!

SCENA IV

MAGDALENA, MARIA

Maria--Quereis vós saber, mãe, uma tristeza muito grande que eu tenho?—A mãe já não chora, não! já se não enfada commigo?

Magdalena—Não me enfado comtigo nunca, filha, e nunca me affliges, querida. O que tenho é o cuidado que me dás, é o receio de que...

Maria—Pois ahi está a minha tristeza: é esse cuidado em que vos vejo andar sempre por minha causa. Eu não tenho nada, e tenho saude, olhae que tenho muita saude.

Magdalena — Tens, filha... se Deus quizer, hasde ter; e hasde viver muitos annos para consolação e amparo de teus paes que tanto te querem.

Maria—Pois olhae: passo noites inteiras em claro a lidar n'isto, e a lembrar-me de quantas palavras vos tenho ouvido, e a meu pae... e a recordar-me da mais pequena acção e gesto,—e a pensar em tudo, a vêr se descubro o que isto é—o porque tendo-me tanto amor... que, oh isso nunca houve de certo filha querida como eu!...

Magdalena—Não, Maria.

Maria — Pois sim, tendo-me tanto amor, que nunca houve outro egual, estaes sempre n'um sobresalto commigo?...

Magdalena—Pois se te estremecemos!

Maria—Não é isso: não é isso: é que vos tenho lido nos olhos... Oh, que eu leio nos olhos, leio, leio!... e nas estrellas do céo tambem—e sei coisas...

Magdalena—Que estás a dizer, filha, que estás a dizer? que desvarios! Uma menina do teu juizo, temente a Deus... não te quero ouvir falar assim. —Ora vamos: anda cá, Maria, conta-me do teu jardim, das tuas flôres. Que flôres tens tu agora? O que são estas? (*Pegando nas que ella traz na mão.*)

Maria (*abrindo a mão e deixando-as cahir no regaço da mãe*)—Murchou tudo... tudo estragado da calma... Estas são papoulas que fazem dormir, colhi-as para as metter debaixo do meu cabeçal esta noite, quero-a dormir de um somno, não

quero sonhar, que me faz vêr coisas... lindas ás vezes, mas tam extraordinarias e confusas...

Magdalena — Sonhar sonhas tu acordada, filha! Que, olha, Maria, imaginar é sonhar: e Deus poz-nos n'este mundo para velar e trabalhar — com o pensamento sempre n'elle sim, mas sem nos extranharmos a estas coisas da vida que nos cercam, a estas necessidades que nos impõe o estado, a condição em que nascemos. Vês tu, Maria: tu és a nossa unica filha, todas as esperanças de teu pae são em ti...

Maria — E não lh'as posso realisar, bem sei. — Mas que hei-de eu fazer? eu estudo, leio...

Magdalena—Lês demais, canças-te, não te distraes como as outras donzellas da tua edade, não és. .

Maria—O que eu sou... só eu o sei, minha mãe... E não sei, não: não sei nada, senão que o que devia ser não sou... — Oh! porque não havia de eu ter um irmão que fosse um galhardo e valente mancebo capaz de commandar os terços de meu pae, de pegar n'uma lança d'aquellas com que os nossos avós corriam a India, levando adeante de si Turcos e Gentios! um bello moço que fosse o retrato proprio d'aquelle gentil cavalleiro de Malta que alli está. (*Apontando para o retrato.*) Como elle era bonito meu pae! Como lhe ficava bem o preto!... e aquella cruz tam alva em cima? Para que deixou elle o habito, minha mãe, porque não ficou n'aquella santa religião a vogar em suas nobres galeras por esses mares, e afugentar os infieis deante da bandeira da Cruz?

Magdalena – Oh filha, filha!... (*Mortificada*) porque não foi vontade de Deus: tinha de ser d'outro modo. — Tomára eu agora que elle chegasse de Lisboa! Com effeito é muito tardar... valha-me Deus

SCENA V

JORGE, MAGDALENA, MARIA

Jorge—Ora seja Deus n'esta casa!

(Maria beija-lhe o escapulario e depois a mão; Magdalena sómente o escapulario.)

Magdalena—Sejais bemvindo, meu irmão!

Maria—Boas tardes, tio Jorge!

Jorge — Minha senhora mana ! — A benção de Deus te cubra, filha! — Tambem estou desassocegado como vós, mana Magdalena: mas não vos afflijaes, espero que não hade ser nada. — E' certo que tive umas noticias de Lisboa...

Magdalena *(assustada)*—Pois que é que foi?

Jorge—Nada, não vos assusteis ; mas é bom que estejaes prevenidas, por isso vol-o digo. Os Governadores querem sair da cidade... é um capricho verdadeiro .. Depois de aturarem mettidos alli dentro toda a força da peste. agora que ella está, se póde dizer, acabada, que são rarissimos os casos, é que por fôrça querem mudar de áres.

Magdalena—Pois coitados!...

Maria - Coitado do povo!—Que mais valem as vidas d'elles? Em pestes e desgraças assim eu entendia, se governasse, que o serviço de Deus e do rei me mandava ficar, até á ultima, onde a miseria fosse mais e o perigo maior, para attender com remedio e amparo aos necessitados.—Pois, rei não quer dizer pae commum de todos?

Jorge -A minha Donzella Theodora!—Assim é, filha; mas o mundo é d'outro modo: que lhe faremos?

Maria—Emendal-o.

Jorge (*Para Magdalena*, *baixo*)—Sabeis que mais? Tenho medo d'esta creança.

Magdalena (*Do mesmo modo*)—Tambem eu.

Jorge (*Alto*) — Mas emfim, resolveram sair ; e sabereis mais que, para côrte e «buen-retiro» dos nossos cinco reis, os senhores Governadores de Portugal por D. Philippe de Castella, que Deus guarde, foi escolhida esta nossa boa villa d'Almada, que o deveu á fama de suas aguas sadias, áres lavados e graciosa vista.

Magdalena—Deixal-os vir.

Jorge — Assim é: que remedio! Mas ouvi o resto. O nosso pobre convento de San'Paulo tem de hospedar o senhor arcebispo D. Miguel de Castro, presidente do Governo.—Bom prelado é elle; e. se não fosse que nos tira do humilde socego da nossa vida, por vir como senhor e principe secular. . o mais, paciencia. Peior é o vosso caso. .

Magdalena—O meu!

Jorge — O vosso e de Manuel de Sousa ; porque os outros quatro Governadores—e aqui está o que me

mandaram dizer em muito segredo de Lisboa—dizem que querem vir para esta casa, e pôr aqui aposentadoria.

Maria (*Com vivacidade*) — Fechamos-lhes as portas. Mettemos a nossa gente dentro — o terço de meu pae tem mais de seiscentos homens — e defendem'o-nos. Pois não é uma tyrannia? ..—E hade ser bonito!... Tomára eu vêr seja o que fôr que se pareça com uma batalha!

Jorge — Louquinha!

Magdalena — Mas que mal fizemos nós ao conde de Sabugal e aos outros Governadores, para nos fazerem esse desacato? Não ha por ahi outras casas: e elles não sabem que n'esta ha senhoras, uma familia.. e que estou eu aqui?...

Maria (*Que esteve com o ouvido inclinado para a janella*) — E' a voz de meu pae! Meu pae que chegou.

Magdalena (*Sobresaltada*)—Não oiço nada.

Jorge—Nem eu, Maria.

Maria — Pois oiço eu muito claro. E' meu pae que ahi vem... e vem affrontado!

SCENA VI

JORGE, MAGDALENA, MARIA, MIRANDA

Miranda—Meu senhor chegou: vi agora d'aquella alto entrar um bergantim que é por força o nosso. Estaveis com cuidado; e era para isso, que já vae a cerrar-se a noite.. Vim trazer-vos depressa a noticia.

Magdalena—Obrigada, Miranda.—E' extraordinaria esta creança; vê e ouve em taes distancias...

(Maria tem sahido para o eirado, mas volta logo depois.

E' verdade. (*A'parte*) — Terrivel signal n'aquelles annos e com aquella compleição!

SCENA VII

JORGE, MAGDALENA, MARIA, MIRANDA, MANUEL DE SOUSA, *entrando com varios creados que o seguem—alguns com brandões accesos—E' noite fechada.*

Manuel (*Parando junto da porta, para os creados*) Façam o que lhes disse. Já, sem mais detença! Não apaguem esses brandões; encostem-n'os ahi fora no patim. E tudo o mais que eu mandei.—(*Vindo ao proscenio*) Magdalena. Minha querida filha, minha Maria! (*Abraça-as*) Jorge, ainda bem, que aqui estás, preciso de ti: bem sei que é tarde e que são horas conventuaes; mas eu irei depois comtigo dizer a «mea culpa» e o «peccavi» ao nosso bom prior.—Miranda, vinde cá. (*Vae com elle á porta da esquerda, depois ás do eirado e dá-lhe algumas ordens baixo.*)

Magdalena - Que tens tu? nunca entraste em casa assim. Tens coisa que te dá cuidado... E não m'o dizes? O que é?

Manuel—E' que... E' que... Senta-te, Magdalena; aqui ao pé de mim Maria. Jorge, sentemo-nos, que estou cançado. *(Sentam-se todos)*. Pois agora sabe as novidades, que seriam estranhas se não fosse o tempo em que vivemos. *(Pausa)*. E' preciso sahir já d'esta casa, Magdalena.

Maria—Ah! inda bem, meu pae!

Manuel—Inda mal! mas não ha outro remedio. Sahiremos esta noite mesmo. Já dei ordens a toda a familia: Telmo foi avisar as tuas aias do que haviam de fazer, e lá anda pelas camaras velando n'esse cuidado. Sempre é bom que vás dar um relance d'olhos ao que por lá se faz: eu tambem irei por minha parte.—Mas temos tempo: isto são oito horas, á meia noite vão quatro: d'aqui lá o pouco que me importa salvar estará salvo... e elles não virão antes da manhã.

Magdalena—Então sempre é verdade que Luiz de Moura e os outros Governadores? ..

Manuel—Luiz de Moura é um vilão ruim, faz como quem é: o Arcebispo é... o que os outros querem que elle seja. Mas o conde de Sabugal, o conde de Sancta Cruz, que deviam olhar por quem são, e

que tomaram este encargo odioso . . . e vil de opprimir os seus naturaes em nome de um rei estrangeiro! . . . Oh que gente, que fidalgos portuguezes! . . . Heide-lhes dar uma lição, a elles e a este escravo d'este povo que os soffre, como não levam tyrannos ha muito tempo n'esta terra.

Maria—O meu nobre pae! Oh, o meu querido pae! Sim, sim, mostrae-lhes quem sois e o que vale um portuguez dos verdadeiros.

Magdalena—Meu adorado esposo, não te deites a perder, não te arrebates. Que farás tu contra esses poderosos? Elles, já te querem tam mal pelo mais que tu vales que elles, pelo teu saber—que esses grandes fingem que desprezam . . . mas não é assim, o que elles tem é inveja!—O que fará se lhes deres pretexto para se vingarem da affronta em que os traz a superioridade do teu merito!—Manuel, meu esposo, Manuel de Sousa, pelo nosso amor . . .

Jorge—Tua mulher tem razão. Prudencia, e lembra-te de tua filha.

Manuel—Lembro-me de tudo, deixa estar.—Não te inquietes, Magdalena: elles querem vir para aqui ámanhã de manhã; e nós forçosamente havemos de sahir antes d'elles entrarem. Por isso é preciso já.

Magdalena—Mas para onde iremos nós, de repente a estas horas?

Manuel—Para a unica parte para onde podemos ir: A casa não é minha . . . Mas é tua Magdalena.

Magdalena—Qual? . . . a que foi? . . . a que pega com San'Paulo? . . . Jesus me valha!

Jorge—E vão muito bem: a casa é larga e está em bom reparo, tem ainda quasi tudo de trastes e paramentos necessarios; pouco tereis que levar comvosco.—E então para mim, para os nossos padres todos que alegria! Ficamos quasi debaixo dos mesmos telhados.—Sabeis que temos alli tribuna para a capella da Senhora da Piedade, que é a mais devota e a mais bella de toda a igreja . . . Ficamos como vivendo juntos.

Maria—Tomára-me eu já lá. *(Levanta-se pulando)*

Manuel—E são horas, vamos a isto. *(Levantando-se.)*

Magdalena *(vindo para elle).*—Ouve, escuta que tenho que te dizer; porque quem és, ouve: não haverá algum outro modo?

Manuel—Qual, senhora, e que lhe heide eu fazer? Lembrae vós, vêde se achaes.

Magdalena—Aquella casa... eu não tenho animo... Olhae: eu preciso de falar a sós comvosco — Frei Jorge, ide com Maria ahi para dentro; tenho que dizer a vosso irmão.

Maria — Tio, venha, quero vêr se me accommodam os meus livrinhos; (*confidencialmente*) e os meus papeis, que eu tambem tenho papeis: deixae que lá na outra casa vos heide mostrar... Mas segredo?

Jorge—Tontinha!

SCENA VIII

MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA

Manuel (*passeia agitado de um lado para o outro da scena, com as mãos cruzadas detraz das costas: e parando de repente*)—Hade saber-se no mundo que ainda ha um portuguez em Portugal.

Magdalena—Que tens tu, dize, que tens tu?

Manuel — Tenho que não heide soffrer esta affronta... e que é preciso sahir d'esta casa, senhora.

Magdalena - Pois sahiremos, sim: eu nunca me oppuz ao teu querer, nunca soube que coisa era ter outra vontade differente da tua; estou prompta a obedecer-te sempre, cegamente, em tudo. Mas oh! esposo da minha alma... para aquella casa não, não me leves para aquella casa. (*Deitando-lhe as mãos ao pescoço*)

Manuel—Ora tu não eras costumada a ter caprichos! Não temos outra para onde ir: e a estas horas n'este aperto... Mudaremos depois, se quizeres... Mas não lhe vejo remedio agora.—E a casa que tem? Porque foi de teu primeiro marido! é por mim que tens essa repugnancia? Eu estimei e respeitei sempre a D. João de Portugal; honro a sua memoria, por ti, por elle e por mim; e não tenho na consciencia por que receie abrigar-me debaixo dos mesmos tectos, que o cobriram.—Viveste alli com elle? Eu não tenho ciumes de um passado que me não pertencia. E o presente, esse é meu, meu só, todo meu, querida Magdalena... Não falemos mais n'isso; é preciso partir e já.

Magdalena—Mas é que tu não sabes... eu não sou melindrosa nem de invenções: em tudo o mais sou mulher e muito mulher, querido; n'isso não... mas tu não sabes a violencia, o constrangimento d'alma, o terror com que eu penso em ter de entrar n'aquella casa. Parece-me que é voltar ao poder d'elle, que é tirar-me dos teus braços, que o vou encontrar alli.. — Oh perdôa, perdôa-me, não me sáe esta idéa da cabeça ..—que vou achar alli a sombra despeitosa de D. João que me está ameaçando com uma espada de dois gumes... que a atravessa no meio de nós, entre mim e ti e a nossa filha, que nos vae separar para sempre... —Que queres ..? bem sei que é loucura; mas a idéa de tornar a morar alli, de viver alli comtigo e com Maria não posso com ella. Sei de certo que vou ser infeliz, que vou morrer n'aquella casa funesta, que não estou alli tres dias, tres horas sem que todas as calamidades do mundo venham sobre nós.—Meu esposo, Manuel, marido da minha alma, pelo nosso amor t'o peço, pela nossa filha .. vamos seja para onde fôr, para a cabana de algum pobre pescador d'esses contornos, mas para alli não, oh! não.

Manuel—Em verdade nunca te vi assim; nunca pensei que tivesses a fraqueza de acreditar em agouros. Não ha senão um temor justo. Magdalena, é o temor de Deus; não ha espectros que nos possam apparecer senão os das más acções que fazemos. Que tens tu na consciencia que t'os faça temer? O teu coração e as tuas mãos estão puras: para os que andam deante de Deus, a terra não tem sustos, nem o inferno pavores que se lhes attrevam. Rezaremos por alma de D. João de Portugal n'essa devota capella que é a parte da sua casa; e não hajas medo que nos venha perseguir n'este mundo aquella santa alma que está no céo, e que em tam santa batalha, pelejando por seu Deus e por seu rei, acabou martyr ás mãos dos infieis.—Vamos, D. Magdalena de Vilhena, lembraevos de quem sois e de quem vindes, senhora... e não me tires, querida mulher, com vans chymeras de creanças, a tranquilidade do espirito e a força do coração, que as preciso inteiras n'esta hora.

Magdalena—Pois que vaes tu fazer?

Manuel—Vou, já te disse, vou dár uma lição aos nossos tyrannos que lhes hade lembrar, vou dar um exemplo a este povo que o hade alumiar...

SCENA IX

MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA, TELMO, MIRANDA, *e outros* CREADOS *entrando apressadamente.*

Telmo—Senhor, desembarcaram agora grande comitiva de fidalgos, escudeiros e soldados que vêm de Lisboa e sobem a encosta para a villa. O Arcebispo não é de certo, já cá está ha muito no convento: diz-se por ahi...

Manuel—Que são os Governadores? *(Telmo faz um signal affirmativo.)* Quizeram-me enganar, e apressam-se a vir hoje... parece que adivinharam... Mas não me colheram desapercebido. *(Chama á porta da esquerda)* Jorge, Maria! (*Volta para a scena.*) Magdalena, já já sem mais demora.

SCENA X

MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA, TELMO, MIRANDA *e outros* CREADOS, JORGE *e* MARIA *entrando.*

Manuel—Jorge, acompanha estas damas. Telmo, ide, ide com ellas.—(*Para os outros creados.*) Partiu já tudo, as arcas, os meus cavallos, armas e tudo o mais?

Miranda—Quasi tudo foi já; o pouco que falta está prompto e sahirá n'um instante... pela porta de traz, se quereis.

Manuel—Bom; que saia. (*A um signal de Miranda sáem dois creados.*) Magdalena, Maria, não vos quero vêr aqui mais. Já, ide; serei comvosco em pouco tempo.

SCENA IV

MANUEL DE SOUSA, MIRANDA *e os outros*
CREADOS

Manuel—Meu pae morreu desastrosamente cahindo sôbre a sua propria espada; quem sabe se eu morrerei nas chammas ateadas por minhas mãos ? Seja. Mas fique-se apprendendo em Portugal como um homem de honra e coração, por mais poderosa que seja a tyrannia, sempre lhe póde resistir, em perdendo o amor a coisas tam vis e precarias como são esses haveres que duas faiscas destróem n'um momento... como é esta vida miseravel que um sôpro póde apagar em menos tempo ainda ! (*Arrebata duas tochas das mãos dos creados corre á porta da esquerda, atira com uma para dentro; e vê-se atear logo uma lavareda immensa. Vae ao fundo atira a outra tocha e succede o mesmo. Ouve-se alarido de fóra.*)

SCENA XII

MANUEL DE SOUSA *e* CREADOS; MAGDALENA, MARIA, TELMO *e* JORGE (*accudindo*)

Magdalena—Que fazes... que fizeste ?—Que é isto oh meu Deus !

Manuel (*tranquillamente*)—Illumino a minha casa para receber os muito poderosos e excellentes senhores Governadores d'estes Reinos. Suas excellencias podem vir quando quizerem.

Magdalena—Meu Deus, meu Deus!... Ai, e o retrato de meu marido!... Salvem-me aquelle retrato.

(Miranda e o outro criado vão para tirar o painel ; uma columna de fogo salta nas tapeçarias e os afugenta.)

Manuel—Parti, parti. As materias inflammaveis que eu tinha disposto vão-se ateando com espantosa velocidade. Fugi.

Magdalena (*cingindo-se no braço do marido*)—Sim, sim, fujamos.

Maria (*tomando-o ao outro braço*)—Meu pae, nós não fugimos sem vós.

Todos—Fujamos, fujamos...

(Redobram os gritos de fóra, ouve-se rebate de sinos: cae o panno.)

ACTO SEGUNDO

E' no palacio que fôra de D. João de Portugal, em Almada, salão antigo de gosto melancholico e pesado, com grandes retratos de familia, muitos de corpo inteiro, bispos, donas, cavalleiros, monges; estão em logar mais conspicuo, no fundo, o d'El-rei D. Sebastião, o de Camões e o de D. João de Portugal. Portas do lado direito para o exterior, do esquerdo para o interior, cobertas de reposteiros com as armas dos condes de Vimioso. São as antigas da casa de Bragança, uma aspa vermelha sobre campo de prata com cinco escudos do reino, um no meio e os quatro nos quatro extremos da aspa, em cada braço e entre dois escudos uma cruz floreteada, tudo do modo que trazem actualmente os duques de Cadaval; sobre o escudo corôa de conde. No fundo um reposteiro muito maior e com as mesmas armas cobre as portadas da tribuna que deita sobre a capella da Senhora da Piedade na egreja de San'Paulo dos Dominicos d'Almada.

SCENA I

MARIA *e* TELMO

Maria *(sahindo pela porta da esquerda e trazendo pela mão a Telmo, que parece vir de pouca vontade)* —Vinde, não façaes bulha; que minha mãe ainda dorme. Aqui, aqui n'esta sala é que quero conversar. E não teimes, Telmo, que fiz tenção e acabou-se.

Telmo—Menina!...

Maria—«Menina e moça me levaram de casa de meu pae:» é o principio d'aquelle livro tam bonito que minha mãe diz que não entende: entendo-o eu.— Mas aqui não ha menina nem môça; e vós, senhor Telmo Paes, meu fiel escudeiro, «faredes o que mandado vos é.» — E não me repliques, que então

altercamos, faz-se bulha, e acorda minha mãe, que é o que eu não quero. Coitada! Ha oito dias que aqui estamos n'esta casa, e é a primeira noite que dorme com socego. Aquelle palacio a arder, aquelle povo a gritar, o rebate dos sinos, aquella scena toda... Oh! tam grandiosa e sublime, que a mim me encheu de maravilha, que foi um espectaculo como nunca vi outro de egual magestade!... á minha pobre mãe aterrou-a, não se lhe tira dos olhos: vae a fechal-os para dormir e diz que vê aquellas chammas ennoveladas em fumo a rodear-lhe a casa, a crescer para o ar, e a devorar tudo com furia infernal... O retrato de meu pae, aquelle do quarto de lavor tam seu favorito em que elle estava tam gentil homem, vestido de Cavalleiro de Malta com a sua cruz branca no peito—aquelle retrato não se póde consolar de que lh'o não salvassem, que se queimasse alli. Vês tu? ella que não cria em agouros, que sempre me estava a reprehender pelas minhas scismas, agora não lhe sae da cabeça que a perda do retrato é prognostico fatal de outra perda maior que está perto, de alguma desgraça inesperada, mas certa que a tem de separar de meu pae.—E eu agora é que faço de forte e assizada, que zombo de agouros e de si nas... para a animar, coitada!... que aqui entre nós, Telmo, nunca tive tanta fé n'elles. Creio, oh se creio! que são avisos que Deus nos manda para nos preparar.—E ha... oh! ha grande desgraça a cahir sobre meu pae... de certo! e sobre minha mãe tambem, que é o mesmo.

Telmo (*disfarçando o terror de que está tomado*)— Não digaes isso... Deus hade fazel-o por melhor, que lh'o merecem ambos. *(Cobrando animo e exaltando-se.)* Vosso pae, D. Maria, é um portuguez ás direitas. Eu sempre o tive em boa conta; mas agora, depois que lhe vi fazer aquella acção,—que o vi com aquella alma de portuguez velho, deitar as mãos ás tochas, e lançar elle mesmo o fogo á sua propria casa; queimar e destruir n'uma hora tanto do seu haver, tanta coisa do seu gosto, para dar um exemplo de liberdade, uma licção tremenda a estes nossos tyrannos... Oh minha querida filha, aquillo é um homem. A minha vida que elle queira é sua. E a minha pena, toda a minha pena é que o

não conheci, que o não estimei sempre no que elle valia.

Maria (*com lagrimas nos olhos, e tomando-lhe as mãos*)—Meu Telmo, meu bom Telmo!... E' uma gloria ser filha de tal pae: não é? dize.

Telmo—Sim é: Deus o defenda!

Maria—Deus o defenda! amen. E elles os tyrannos Governadores ainda estarão muito contra meu pae? Já soubeste hoje alguma coisa das diligencias do tio Frei Jorge?

Telmo—Já sim. Vão-se desvanecendo—ainda bem!—os agouros de vossa mãe... hão de sahir falsos de todo. O Arcebispo, o conde de Sabugal, e os outros, já vosso tio os trouxe á razão, já os moderou. Miguel de Moura é que ainda está renitente; mas hade-lhe passar. Por estes dias fica tudo socegado. Já o estava se elle quizesse dizer que o fogo tinha pegado por acaso. Mas ainda bem que o não quiz fazer; era desculpar com a vilania de uma mentira o generoso crime por que o perseguem.

Maria—Meu nobre pae!--Mas quando hade elle sahir d'aquelle homizio! Passar os dias retirado n'essa quinta tão triste d'além do Alfeite, e não poder vir aqui senão de noite, por instantes, e Deus sabe com que perigo!

Telmo—Perigo nenhum; todos o sabem e fecham os olhos. Agora é só conservar as apparencias ahi mais uns dias, e depois fica tudo como d'antes.

Maria—Ficará, pode ser, Deus queira que seja!—Mas tenho cá uma cousa que me diz que aquella tristeza de minha mãe, aquelle susto, aquelle terror em que está—e que ella disfarça com tanto trabalho na presença de meu pae (tambem a mim m'o queria encobrir, mas agora já não pode, coitada!) aquillo é pressentimento de desgraça grande. .—Oh! mas é verdade... vinde cá; (*leva-o deante dos tres retratos que estão no fundo; apontando para o de D. João*) de quem é este retrato aqui, Telmo?

Telmo (*olha e vira a cara de repente*) Esse é... hade ser .. é um da familia, d'estes senhores da casa de Vimioso, que aqui estão tantos.

Maria (*ameaçando-o com o dedo*)—Tu não dizes a verdade, Telmo.

Telmo (*quasi offendido*)—Eu nunca menti, senhora D. Maria de Noronha.

Maria—Mas não diz a verdade toda o senhor Telmo Paes, que é quasi o mesmo.

Telmo—O mesmo! ... Disse-vos o que sei, e o que é verdade; é um cavalleiro da familia de meu outro amo que Deus ... que Deus tenha em bom logar.

Maria—E não tem nome o cavalleiro?

Telmo (*embaraçado*)—Hade ter: mas eu é que ...

Maria (*como quem lhe vae tapar a bocca*) - Agora é que tu ias mentir de todo ... cala-te.—Não sei para que são estes mysterios: cuidam que eu heide ser sempre creança!—Na noite que viemos para esta casa, no meio de toda aquella desordem eu e minha mãe entrámos por aqui dentro sós e viemos ter a esta sala. Estava alli um brandão acceso, encostado a uma d'essas cadeiras que tinham posto no meio da casa: dava todo o clarão da luz n'aquelle retrato ... Minha mãe, que me trazia pela mão, põe de repente os olhos n'elle e dá um grito, oh meu Deus! ... ficou tam perdida de susto, ou não sei de que, que me ia cahindo em cima. Pergunto-lhe o que é; não me respondeu: arrebata da tocha, e leva-me com uma fôrça ... com uma pressa a correr por essas casas, que parecia que vinha alguma cousa má atraz de nós.—Ficou n'aquelle estado em que a temos visto ha oito dias, e não lhe quiz falar mais em tal. Mas este retrato que ella não nomeia nunca de quem é, e só diz assim ás vezes: «O outro, o outro ...» este retrato, e o de meu pae que se queimou, são duas imagens que lhe não saem do pensamento.

Telmo (*com anciedade*)—E esta noite ainda lidou muito n'isso?

Maria—Não; desde hontem pela tarde, que cá esteve o tio Fr. Jorge e animou com muitas palavras de consolação e de esperança em Deus, e que lhe disse do que contava abrandar os Governadores, minha mãe ficou outra; passou lhe de todo, ao menos até agora.—Mas então, vamos, tu não me dizes do retrato? Olha: (*designdndo o d'El-rei D. Sebastião*) aquelle do meio, bem sabes se o conhecerei; é o do meu querido e amado rei D. Sebastião. Que majestade! que testa aquella tão austera, mesmo d'um rei môço e sincero ainda, leal, verdadeiro

que tomou ao serio o cargo de reinar, e jurou que hade engrandecer e cobrir de gloria o seu reino! Elle alli está... E pensar que havia de morrer ás mãos de mouros, no meio de um deserto, que n'uma hora se havia de apagar toda a ousadia reflectida que está n'aquelles olhos rasgados, no apertar d'aquella bôcca!... Não póde ser, não póde ser. Deus não podia consentir em tal.

Telmo—Que Deus te ouvisse, anjo do céo!

Maria—Pois não ha prophecias que o dizem? Ha, e eu creio n'ellas. E tambem creio n'aquell'outro que alli está; (*indica o retrato de Camões*) aquelle teu amigo com quem tu andaste lá pela India, n'essa terra de prodigios e bizarrias, por onde elle ia... como é? ah, sim...

«N'ua mão sempre a espada e n'outra a penna...»

Telmo—Oh! o meu Luiz, coitado! bem lh'o pagaram. Era um rapaz mais moço do que eu, muito mais... e quando o vi a ultima vez... foi no alpendre de San'Domingos em Lisboa—parece-me que o estou a vêr!—tam mal trajado, tam encolhido... elle que era tam desembaraçado e galan... e então velho! velho alquebrado,—com aquelle olho que valia por dois mas tam summido e encovado já, que eu disse commigo: «Ruim terra te comerá cedo corpo da maior alma que deitou Portugal!»—E dei-lhe um abraço... foi o ultimo... Elle pareceu ouvir o que me estava dizendo o pensamento cá por dentro, e disse-me: «Adeus Telmo! San'Telmo seja commigo n'este cabo da navegação... que já vejo terra, amigo»—e apontou para uma cova que alli se estava a abrir.—Os frades resavam o officio dos mortos na egreja... Elle entrou para lá, e eu fui-me embora. D'ahi a um mez, vieram-me aqui dizer: «Lá foi Luiz de Camões n'um lençol para Sant'Anna.» E ninguem mais falou n'elle.

Maria—Ninguem mais!... Pois não lêem aquelle livro que é para dar memoria aos mais esquecidos?

Telmo—O livro sim: aceitaram-n'o como o tributo de um escravo. Estes ricos, estes grandes, que opprimem e desprezam tudo o que não são as suas vaidades, tomaram o livro como uma cousa que lhes fizesse um servo seu e para honra d'elles. O

servo, acabada a obra, deixaram-n'o morrer ao desamparo sem lhe importar com isso... quem sabe se folgaram? podia pedir-lhes uma esmolla—escusavam de se incommodar a dizer que não.

Maria (*com enthusiasmo*)—Está no céu, que o céu fez-se para os bons e para os infelizes, para os que já cá da terra o adivinharam! Este lia nos mysterios de Deus; as suas palavras são de propheta. Não te lembras o que lá diz do nosso rei D. Sebastião?... como havia de elle então morrer? Não morreu. (*Mudando de tom*) Mas o outro, o outro... quem é ess'outro, Telmo? Aquelle aspecto tam triste, aquella expressão de melancholia tam profunda.. aquellas barbas tam negras e cerradas.. e aquella mão que descança na espada como quem não tem outro arrimo, nem outro amor n'esta vida ..

Telmo (*deixando-se surprehender*) — Pois tinha, oh se tinha...

(Maria olha para Telmo, como quem comprehendeu, depois torna a fixar a vista no retrato; e ambos ficam deante d'elle como fascinados. No entretanto e ás ultimas palavras de Maria, um homem embuçado com chapéo sôbre os olhos levanta o reposteiro da direita e vêm, pé ante pé, approximando-se dos dois que o não sentem.)

SCENA II

MARIA, TELMO *e* MANUEL DE SOUSA

Manuel—Aquelle era D. João de Portugal, um honrado fidalgo, e um valente cavalleiro.

Maria (*Respondendo sem observar quem lhe fala*) — Bem m'o dizia o coração.

Manuel (*Desembuçando-se e tirando o chapéo com muito affecto*) — Que te dizia o coração, minha filha?

Maria (*Reconhecendo-o*)—Oh meu pae, meu querido pae! já me não diz mais nada o coração senão isto. (*Lança-se-lhe nos braços e beija-o na face muitas vezes*)—Ainda bem que vieste.—Mas de dia!... não tendes receio, não ha perigo já?

Manuel—Perigo, pouco. Hontem á noite não pude vir; e hoje não tive paciencia para aguardar todo o dia: vim bem coberto com esta capa...

Telmo—Não ha perigo nenhum, meu senhor; podeis estar á vontade e sem receio. Esta madrugada

muito cedo estive no convento, e sei pelo senhor Frei Jorge que está, se pode dizer, tudo concluido.

Manuel—Pois ainda bem, Maria. E tua mãe, tua mãe, filha?

Maria—Desde hontem está outra...

Manuel (*Em acção de partir*)—Vamos a vêl-a.

Maria (*retendo-o*)—Não, que dorme ainda.

Manuel—Dorme? Oh, então melhor.—Sentemo-nos aqui filha, e conversemos. (*Toma-lh- as mãos; sentam-se.*) Tens as mãos tam quentes! (*Beija-a na testa.*) E esta testa, esta testa!... escalda—Se isto está sempre a ferver! Valha-te Deus, Maria! Eu não quero que tu penses!

Maria—Então que heide eu fazer?

Manuel—Folgar, rir, brincar, tanger na harpa, correr nos campos, apanhar as flôres...—E Telmo que te não conte mais historias, que te não ensine mais trovas e soláos. Poetas e trovadores padecem todos da cabeça... e é um mal que se péga.

Maria—Então para que fazeis vós como elles?... eu bem sei que fazeis.

Manuel (*Sorrindo*)—Se tu sabes tudo! Maria, minha Maria (*Amimando-a.*) Mas não sabias ainda agora de quem era aquelle retrato ..

Maria—Sabia.

Manuel—Ah! você sabia e estava fingindo?

Maria (*Gravemente*)—Fingir não, meu pae. A verdade... é que eu sabia de um saber cá de dentro; ninguem m'o tinha dito, e eu queria ficar certa.

Manuel—Então adivinhas, feiticeira. (*Beija-a na testa*) - Telmo, ide vêr se chamaes meu irmão: dizei-lhe que estou aqui.

SCENA III

MANUEL DE SOUSA *e* MARIA

Manuel—Ora ouve cá, filha. Tu tens uma grande propensão para achar maravilhas e mysterios nas cousas mais naturaes e singelas. E Deus entregou tudo á nossa razão, menos os segredos de sua natureza ineffavel, os de seu amor, e de sua justiça e misericordia para comnosco. Esses são os pontos sublimes e incomprehensiveis da nossa fé! Esses crêem-se: tudo o mais examina-se.—Mas vamos,

(*sorrindo)* não dirão que sou da Ordem dos Prégadores? Hade ser d'estas paredes, é uncção da casa: que isto é quasi um convento aqui, Maria... Para frades de San'Domingos não nos falta senão o habito...

Maria—Que não faz o monge...

Manuel—Assim é, querida filha! Sem habito, sem escapulario nem correia, por baixo do setim e do veludo, o cilicio pode andar tam apertado sobre as carnes, o coração tam contricto no peito... a morte—e a vida que vem depois d'ella—tam deante dos olhos sempre, como na cella mais estreita e com o burel mais grosseiro cingido. Mas emfim, chega-te aos bons... sempre é meio caminho andado. Eu estou contentissimo de virmos para esta casa—quasi que nem já me peza da outra. Tenho aqui meu irmão Jorge e todos estes bons padres de San'Domingos como de portas a dentro.—Ainda não viste d'aqui a egreja? (*Levanta o reposteiro do fundo e chegam ambos á tribuna*). E' uma devota capella esta. E todo o templo tam grave! dá consolação vêl-o. Deus vos deixe gosar em paz de tam boa visinhança. (*Tornam para o meio da casa.*)

Maria (*Que parou deante do retrato de D. João de Portugal, volta-se de repente para o pae.)*—Meu pae, este retrato é parecido?

Manuel—Muito; é raro vêr tam perfeita similhança; o ár, os ademanes, tudo. O pintor copiou fielmente quanto viu. Mas não podia ver, nem lhe cabiam na tella, as nobres qualidades de alma, a grandeza e valentia de coração,—e a fortaleza d'aquella vontade, serena mas indomavel, que nunca foi vista mudar. Tua mãe ainda hoje estremece só de o ouvir nomear; era um respeito... era quasi um temor santo que lhe tinha.

Maria—E lá ficou n'aquella fatal batalha!...

Manuel—Ficou.—Tens muita pena, Maria!

Maria—Tenho.

Manuel—Mas se elle vivesse... não existias tu agora, não te tinha eu aqui nos meus braços.

Maria (*Escondendo a cabeça no seio de seu pae*).—Ai meu pae!

SCENA IV

MARIA, MANUEL DE SOUSA, JORGE

Jorge—Ora alviçaras, minha dona sobrinha: venha-me já abraçar, senhora D. Maria. *(Maria beija-lhe o escapulario; e depois abraçam-se.)* Inda bem que vieste, meu irmão! Está tudo feito: os Governadores deixam cair o caso em esquecimento; Miguel de Moura já cedeu.—O Arcebispo foi hontem a Lisboa e volta esta tarde. Vamos eu e mais quatro religiosos nossos buscal-o para o acompanhar, e tu has-de vir comnosco para lhe agradecer; que não teve parte no aggravo que te fizeram, e foi quem acabou com os outros que se não resentissem da offensa ou do que lhes prouve tomar como tal... deixemos isso. Volta para o convento e quasi que vem ser teu hospede! é preciso fazer-lhe cumprimento, que nol-o merece.

Manuel- Se elle vem só, sem os outros.

Jorge—Só, só: os outros estão por essas quintas d'aquem do Tejo. E nós não chegamos aqui senão lá por noite.

Manuel—Se entendes que posso ir...

Jorge—Podes e deves.

Manuel—Vou decerto.—E até eu preciso de ir a Lisboa: tenho negocio de importancia no Sacramento, no vosso convento novo de freiras abaixo de San Vicente; necessito falar com a abbadessa.

Maria—Oh meu pae, meu querido pae, levae-me por quem sois, comvosco. Eu queria ver a tia Joanna de Castro; é o maior gosto que posso ter n'esta vida Quero vêr aquelle rosto... De mim não se hade tapar. .

Manuel— E tua mãe?

Maria—Minha mãe dá licença, dá. Ella já está boa .. oh, e em vos vendo fica boa de todo, e eu vou.

Manuel—E os áres maos em Lisboa?

Jorge—Isso já acabou de todo: nem signal de peste. —Mas emfim a prudencia. .

Maria—A mim não se me péga nada.—Meu querido pae, vamos, vamos.

Manuel—Veremos o que diz tua mãe, e como ella está.

SCENA V

MARIA, MANUEL DE SOUSA, JORGE; MAGDALENA (*entrando*)

Magdalena (*correndo a abraçar Manuel de Sousa*) —Estou boa já, não tenho nada, esposo da minha alma, todo o meu mal era susto; era terror de te perder.

Manuel—Querida Magdalena!

Magdalena—Agora estou boa: Telmo já me disse tudo e curou-me com a boa nova.—Maria, Deus lembrou-se de nós: ouviu as tuas orações, filha, que as minhas... (*Vae a recahir na sua tristeza.*)

Jorge—Ora, pois, mana, ora pois!... Louvado seja Elle por tudo. E haja alegria! Que era sermos desagradecidos para com o senhor, que nos valeu, mostrar-se hoje alguem triste n'esta casa.

Magdalena (*fazendo por se alegrar*)—Triste porquê? As tristezas acabaram (*Para Manuel de Sousa.*) Tu ficas aqui já de vez. Não me deixas mais, não saes d'ao pé de mim?—Agora, olha, estes primeiros dias ao menos, has-de-me aturar, has-de-me fazer companhia. Preciso muito, querido

Manuel—Pois sim, Magdalena, sim; farei quanto quizeres.

Magdalena—E' que eu estou boa... boa de todo mas tenho uma...

Manuel—Uma imaginação que te atormenta. Havemos de castigal-a, ainda que não seja senão para dar exemplo a certa donzella que nos está ouvindo e que precisa... precisa muito.—Pois olha: hoje é sexta feira. .

Magdalena—Sexta feira! (*aterrada*) ai que é sexta feira!

Manuel—Para mim tem sido sempre o dia mais bem estreado de toda a semana.

Magdalena—Sim!

Manuel—E' o dia da paixão de Christo, Magdalena.

Magdalena (*Cahindo em si.*)—Tens razão.

Manuel—E' hoje sexta feira; e d'aqui a oito... vamos—d'aqui a quinze dias bem contados, não saio de casa Estás contente?

Magdalena—Meu esposo, meu marido, meu querido Manuel!

Manuel—E tu, Maria?
Maria (*Amuada*)=Eu não.
Manuel (*para Magdalena*)—Queres tu saber por que é aquelle amuo? E' que eu precisava de ir hoje a Lisboa...
Magdalena—A Lisboa... hoje!
Manuel—Sim: e não posso deixar de ir, sabes que por fins d'esta minha pendencia com os Governadores, eu fiquei em divida—quem sabe se da vida? Miguel de Moura e esses meus degenerados parentes eram capazes de tudo!—Mas o certo é que fiquei em muita divida ao Arcebispo. Elle volta hoje aqui para o convento; e meu irmão, que vae com outros religiosos para o acompanharem, entende que eu tambem devo ir. Bem vês que não ha remedio.
Magdalena—Logo hoje!... Este dia de hoje é o peior... se fosse ámanhã, se fosse passado hoje!... E quando estarás de volta?
Jorge—Estamos aqui sem falta á bôcca da noite.
Magdalena (*fazendo por se resignar*)—Paciencia; ao menas valha-nos isso. Não me deixam aqui só outra noite... esta noite, particularmente, não fico só...
Manuel—Não, socega, não; estou aqui ao anoitecer. E nunca mais saio d'ao pé de ti. E não serão quinze dias; vinte, os que tu quizeres.
Maria—Então vou, meu pae, vou?—Minha mãe dá licença, dá?
Magdalena—Vaes aonde, filha? que dizes tu?
Maria—Com meu pae que tem de ir ao Sacramento. de caminho.—E bem sabeis, querida mãe, o que eu ando ha tanto tempo para ir áquelle convento para conhecer a tia D. Joanna...
Jorge—Soror Joanna: assim é que se chama agora.
Maria—E' verdade. E andam-me a prometter, ha um anno, que me hão de levar lá... D'esta vez hão de m'o cumprir .. não é assim, minha mãe, (*acarinhando-a*) minha querida mãesinha!—Sim, sim, dizei já que sim.
Magdalena (*abraçada com a filha*)—Oh Maria, Maria... tambem tu me queres deixar!—tambem tu me desamparas . e hoje!
Maria—Venho logo, minha mãe, venho logo.—Olhae; e não tenhaes cuidado commigo: vae meu pae, vae

o tio Jorge,—levo a minha aia, a Dorothea... E, é verdade, o meu fiel escudeiro hade ir tambem, o meu Telmo.

Magdalena—E tua mãe, filha, deixal-a aqui só, a morrer de tristeza? (*áparte*) e de medo!

Manuel—Tua mãe tem razão, não hade ser assim, hoje não póde ser. (*Maria fica triste e desconsolada*).

Jorge—Ora pois; eu já disse que não queria vêr hoje ninguem triste n'esta casa.—Venha cá a minha donzella dolorida, (*pegando-lhe pela mão*) e faça aqui muitas festas ao tio frade, que eu fico a fazer companhia a sua mãe. E vá, vá satisfazer essa louvavel curiosidade que tem de ir vêr aquella santa freirinha que tanto deixou para deixar o mundo e se ir enterrar n'um claustro. Vá, e venha... melhor de coração, não póde ser—que tu és boa como as que são boas, minha Maria—Mas quero-te mais fria de cabeça: ouves?

Maria (*áparte*) Fria!... quando ella estiver ôca!—(*Alto*) Vou-me aprомptar minha mãe?

Magdalena (*sem vontade*)—Se teu pae quer...

Manuel—Dou licença: vae. (*Maria sae a correr.*)

SCENA VI

MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA, JORGE

Manuel—E' preciso deixal-a espairecer, mudar de logar, distrahir-se: aquelle sangue está em chammas arde sobre si e consome-se, a não o deixarem correr á vontade—Hade vir melhor: verás.

Magdalena—Deus o queira!—Telmo que vá com ella; não o quero cá.

Manuel—Porquê?

Magdalena—Porque... Maria... Maria não está bem sem elle—e elle tambem... em estando sem Maria—que é a sua segunda vida, diz o pobre do velho,—sabes? Já treslê muito .. já está muito... e entra-me com scismas que ..

Manuel—Está, está muito velho, coitado! Pois que vá: melhor é.

SCENA VII

MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA, JORGE, MARIA *entrando com* TELMO *e* DOROTHEA

Maria—Então vamos meu pae.
Manuel—Pois vamos.
Jorge—E são horas, vão. A' ribeira é um pedaço de rio; e até ás sete, o mais, tu precisas de estar de volta a porta da Oira, que é onde irão ter os nossos padres á espera do Arcebispo.—Eu cá me desculparei com o prior. Vão.
Maria—Minha mãe! (*Abraçando-a*) Então, se choraes assim, não vou.
Manuel—Nem eu, Magdalena. Ora pois! Eu nunca te vi assim.
Magdalena—Porque nunca assim estive....—Vão, vão... adeus!—Adeus, espôso do meu coração!—Maria, minha filha, toma sentido no ár, não te resfries. E o sol... não saias debaixo do tôldo no bergantim Telmo, não te tires d'ao pé d'ella.—Dá-me outro abraço, filha.—Dorothea, levaes tudo? (*Examina uma bolsa grande de damasco que Dorothea leva no braço.*) Póde haver qualquer coisa, molhar-se, ter frio para a tarde .. (*Telmo examinando a bolsa.*) Vae tudo: bem!—(*Baixo a Dorothea.*) Não me apartes os olhos d'ella, Dorothea. Ouve. (*Fala baixo a Dorothea que lhe responde baixo tambem: depois diz alto.*) Está bom.
Manuel—Não tenhas cuidado; vamos todos com ella. (*Abraçam-se outra vez; Maria sae apressadamente, e para a mãe não vêr que vae suffocada com choro.*)

SCENA VIII

MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA, JORGE

Magdalena (*Seguindo com os olhos a filha, e respondendo a Manuel de Sousa.*)—Cuidados!.. eu não tenho já cuidados. Tenho este medo, este horror de ficar só... de vir a achar-me só no mundo.
Manuel—Magdalena!
Magdalena—Que queres? não está na minha mão.—Mas tu tens razão de te enfadar com as minhas

impertinencias. Não falemos mais n'isso. Vae. Adeus!—Outro abraço. Adeus.

Manuel—Oh querida mulher minha, parece que vou eu agora embarcar n'um galeão para a India... Ora vamos: ao anoitecer, antes da noite, aqui estou.—E Jesus!... Olha a condessa de Vimioso, esta Joanna de Castro que a nossa Maria tanto deseja conhecer .. olha se ella faria esses prantos quando disse o ultimo adeus ao marido ..

Magdalena—Bemdita ella seja! Deu-lhe Deus muita força, muita virtude. Mas não lh'a invejo, não sou capaz de chegar a essas perfeições.

Jorge—E' perfeição verdadeira; é a do Evangelho: Deixa tudo e segue-me.

Magdalena—Vivos ambos... sem offensa um do outro, querendo-se, estimando-se.. e separar-se cada um para a sua cova! Vêrem-se com a mortalha já vestida—e... vivos, sãos... depois de tantos annos de amor... e convivencia... condemnarem-se a morrer longe um do outro—sós, sós!—E quem sabe se n'essa tremenda hora... arrependidos!

Jorge—Não o permitirá Deus assim .. oh, não. Que horrivel coisa seria!

Manuel—Não permitte, não.—Mas não pensemos mais n'elles: estãos entregues a Deus... (*Pausa.*) E que temos nós como isso? A nossa situação é tam differente... (*Pausa.*) Em todas nós póde Elle abençoar.—Adeus, Magdalena, adeus! até logo, Maria já lá vae no caes a esta hora... adeus?—Jorge, não a deixes. (*Abraçam-se; Magdalena vae até fóra da porta com elle.*)

SCENA IX

JORGE (*só*)

Eu faço por estar alegre, e queria vêl-os contentes a elles .. mas não sei já que diga do estado em que vejo minha cunhada, a filha.. até meu irmão o desconheço! A todos parece que o coração lhes adivinha desgraça... E eu quasi que tambem já se me pega o mal. Deus seja comnosco!

SCENA X

JORGE, MAGDALENA

Magdalena (*fa ando ao bastidor*) — Vae, ouves Miranda? Vae e deixa-te lá estar até vêres chegar o bergantim; e quando desembarcarem, vem-me dizer para eu ficar descançada. (*Vem para a scena.*) Não ha vento, e o dia está lindo. Ao menos não tenho sustos com a viagem. Mas a volta... quem sabe? o tempo muda tam depressa...

Jorge — Não, hoje não tem perigo.

Magdalena — Hoje... hoje! Pois hoje é o dia da minha vida que mais tenho receiado... que ainda temo que não acabe sem uma grande desgraça... E' um dia fatal para mim: faz hoje annos que... que casei a primeira vez — faz annos que se perdeu el-rei D Sebastião — e faz annos tambem que... vi pela primeira vez a Manuel de Sousa.

Jorge — Pois contaes essa entre as infelicidades da vossa vida?

Magdalena — Conto. Este amor — que hoje está sanctificado e bemdito no céo, porque Manuel de Sousa é meu marido — começou com um crime, porque eu amei-o assim que o vi .. e quando o vi — hoje, hoje... foi em tal dia como hoje! — D. João de Portugal ainda era vivo. O peccado estava-me no coração; a bôcca não o disse.. os olhos não sei o que fizeram, mas dentro d'alma eu já não tinha outra imagem senão a do amante. . já não guardava a meu marido, a meu bom . a meu generoso marido.. senão a grosseira fidelidade que uma mulher bem nascida quasi que mais deve a si do que ao esposo. Permittiu Deus.. quem sabe se para me tentar?. que n'aquella funesta batalha de Alcacer, entre tantos, ficasse tambem D. João ..

SCENA XI

MAGDALENA, JORGE, MIRANDA

Miranda (*Apressado*) — Senhora... minha senhora!

Magdalena (*Sobresaltada*) — Quem vos chamou, que quereis — Ah! és tu, Miranda Como assim! já chegaram?... Não pode ser.

Miranda—Não, minha senhora; ainda agora irão passando o pontal. Mas não é isso...
Magdalena—Então que é? Não vos disse eu que não viesseis d'alli antes de os vêr chegar?
Miranda—Para lá torno já, minha senhora: ha tempo de sobejo.—Mas venho trazer-vos recado... um estranho recado, por minha fé.
Magdalena—Dizei já, que me estaes a assustar.
Miranda—Para tanto não é, nem coisa séria, antes quasi para rir. E' um pobre velho peregrino. um d'estes romeiros que aqui estão sempre a passar, que vêm das bandas d'Hespanha...
Magdalena—Um captivo.. um remido?
Miranda—Não, senhora, não traz a cruz, nem é; é um romeiro—algum d'estes que vão a Sant'Iago; mas diz elle que vem de Roma e dos Santos Logares.
Magdalena—Pois, coitado! virá. Agasalhae-o; e dêem-lhe o que precisar.
Miranda—E que elle diz que vem da Terra Santa, e...
Magdalena—E porque não virá?—Ide, ide, e fazei-o accommodar já.—E' velho?
Miranda—Muito velho—e com umas barbas!... Nunca vi tam formosas barbas de velho, e tam alvas.—Mas, senhora, diz elle que vem da Palestina e que vos traz recado...
Magdalena—A mim!
Miranda—A vós; e que por força vos hade vêr e falar.
Magdalena—Ide vêl-o, Frei Jorge. Engano hade ser: mas ide vêr o pobre do velho.
Miranda—E' escusado, minha senhora: o recado que traz, diz que a outrem o não dará senão a vós, e que muito vos importa sabel-o.
Jorge—Eu sei o que é: alguma reliquia dos Santos Logares—se elle com effeito de lá vem!—que o bom do velho vos quer dar... como taes coisas se dão a pessoas da vossa qualidade. . a troco de uma esmola avultada. E' o que elle hade querer: é o costume.
Magdalena—Pois venha embora o romeiro! E trazei-m'o aqui, trazei.

SCENA XII

MAGDALENA, JORGE

Jorge—Que é precisa muita cautella com estes peregrinos! A vieira no chapéo e o bordão na mão, ás vezes não são mais que negaças para armar á caridade dos fieis. E n'estes tempos revoltos ..

SCENA XIII

MAGDALENA, JORGE *e* MIRANDA *que volta com o* ROMEIRO

Miranda (*da porta*)—Aqui está o romeiro.
Magdalena—Que entre. E vós, Miranda, tornae para onde vos mandei; ide já, e fazei como vos disse.
Jorge (*chegando á porta da direita*)—Entrae, irmão, entrae. (*O Romeiro entra devagar*) E' esta a senhora D. Magdalena de Vilhena.--E' esta a fidalga a quem desejaes falar?
Romeiro—A mesma.

(A um signal de Frei Jorge, Miranda retira-se)

SCENA XIV

MAGDALENA, JORGE, ROMEIRO

Jorge—Sois portuguez?
Romeiro—Como os melhores, espero em Deus.
Jorge—E vindes...
Romeiro—Do Santo Sepulchro de Jesus Christo.
Jorge—E visitastes todos os Santos Logares?
Romeiro—Não os visitei; morei lá vinte annos cumpridos.
Magdalena—Santa vida levastes, bom romeiro.
Romeiro Oxalá!—Padeci muita fome, e não soffri com paciencia: deram-me muitos tratos, e nem sempre os levei com os olhos n'Aquelle que alli tinha padecido tanto por mim... Queria rezar, e meditar os mysterios da Sagrada Paixão que alli se obrou... e as paixões mundanas, e as lembranças dos que se chamavam meus segundo a carne, travavam-me do coração e do espirito, que os não deixava estar com Deus, nem n'aquella terra que

é toda sua. — Oh! eu não merecia estar onde estive: bem vêdes que não soube morrer lá.

Jorge—Pois bem: Deus quiz trazer-vos á terra de vossos paes; e quando fôr sua vontade, ireis morrer socegado nos braços de vossos filhos.

Romeiro—Eu não tenho filhos, padre.

Jorge—No seio da vossa familia...

Romeiro — A minha familia... Já não tenho familia.

Magdalena—Sempre ha parentes, amigos...

Romeiro — Parentes! . Os mais chegados, os que eu me importava achar... contaram com a minha morte, fizeram a sua felicidade com ella; hão de jurar que me não conhecem.

Magdalena—Haverá tam má gente... e tam vil que tal faça?

Romeiro—Necessidade póde muito.—Deus lh'o perdoará, se poder!

Magdalena – Não façaes juizos temerarios, bom romeiro.

Romeiro — Não faço. — De parentes, já sei mais do que queria: amigos, tenho um; com esse, conto.

Jorge—Já não sois tam infeliz.

Magdalena—E o que eu poder fazer-vos, todo o amparo e gasalhado que puder dar-vos, contae commigo, bom velho, e com meu marido, que hade folgar de vos proteger...

Romeiro—Eu já vos pedi alguma coisa, senhora?

Magdalena—Pois perdoae, se vos offendi, amigo.

Romeiro—Não ha offensa verdadeira senão as que se fazem a Deus Pedi-lhe vós perdão a Elle, que não vos faltará de quê.

Magdalena—Não, irmão, não decerto. E elle terá compaixão de mim.

Romeiro—Terá...

Jorge *(cortando a conversação)*—Bom velho, dissestes trazer um recado a esta dama: dae-lh'o já, que havereis mister de ir descansar ..

Romeiro *(sorrindo amargamente)* — Quereis lembrar-me que estou abusando da paciencia com que me têm ouvido? Fizestes bem, padre; eu ia-me esquecendo... talvez me esquecesse de todo da mensagem a que vim... estou tam velho e mudado do que fui!

Magdalena—Deixae, deixae, não importa, eu folgo

de vos ouvir: dir-me-heis vosso recado quando quizerdes... logo, ámanhã...

Romeiro—Hoje hade ser. Ha tres dias que não durmo nem descanço, nem pousei esta cabeça, nem pararam estes pés dia nem noite, para chegar aqui hoje, para vos dar meu recado... e morrer depois... ainda que morresse depois; porque jurei... faz hoje um anno .. quando me libertaram, dei juramento sobre a pedra santa do Sepulchro de Christo...

Magdalena—Pois ereis captivo em Jerusalem?

Romeiro—Era: não vos disse que vivi lá vinte annos.

Magdalena—Sim, mas...

Romeiro—Mas o juramento que dei foi que antes de um anno cumprido, estaria deante de vós e vos diria da parte de quem me mandou...

Magdalena (*aterrada*)—E quem vos mandou, homem?

Romeiro—Um homem foi,—e um honrado homem... a quem unicamente devi a liberdade... a *ninguem* mais. Jurei fazer-lhe a vontade, e vim.

Magdalena—Como se chama?

Romeiro—O seu nome nem o da sua gente nunca o disse a ninguem no captiveiro.

Magdalena—Mas emfim, dizei vós...

Romeiro—As suas palavras, trago-as escriptas no coração com as lagrimas de sangue que lhe vi chorar, que muitas vezes me cahiram n'estas mãos, que me correram por estas faces. Ninguem o consolava senão eu... e Deus! Vêde se me esqueceriam as suas palavras.

Jorge—Homem, acabae.

Romeiro—Agora acabo; soffrei, que elle tambem soffreu muito. —Aqui estão as suas palavras: «Ide a D. Magdalena de Vilhena, dizei-lhe que um homem que muito bem lhe quiz... aqui está vivo... por seu mal.. e d'aqui não póde sahir nem mandar-lhe novas suas de ha vinte annos que o trouxeram captivo.»

Magdalena (*Na maior anciedade*)—Deus tenha misericordia de mim! E esse homem, esse homem... Jesus! esse homem era .. esse homem tinha sido.. levaram-n'o ahi de d'onde!... de Africa?

Romeiro—Levaram.

Magdalena—Captivo?...
Romeiro—Sim.
Magdalena—Portuguez?... captivo da batalha de...
Romeiro—De Alcacer Kebir.
Magdalena (*espavorida*)—Meu Deus, meu Deus! Que se não abre a terra debaixo dos meus pés?. . Que não cáem estas paredes, que me não sepultam já aqui?...
Jorge—Callae-vos, D. Magdalena: a misericordia de Deus é infinita; esperae. Eu duvido, eu não creio... estas não são coisas para se crêrem de leve. (*Reflecte, e logo como por uma ideia que lhe accudiu de repente*) Oh! inspiração divina...(*Chegando ao Romeiro*) Conheceis bem esse homem, romeiro: não é assim?
Romeiro—Como a mim mesmo.
Jorge—Se o vireis... ainda que fôra n'outros trajes... com menos annos—pintado, digamos—conhecêl-o-heis?
Romeiro—Como se me visse a mim mesmo n'um espelho.
Jorge—Procurae n'estes retratos, e dizei-me se algum d'elles póde ser.
Romeiro (*sem procurar, e apontando logo para o retrato de D. João*)—E' aquelle.
Magdalena (*com um grito espantoso*)—Minha filha, minha filha, minha filha!... (*Em tom cavo e profundo*) Estóu .. estás .. perdidas, deshonradas... infames! (*Com outro grito de coração*) Oh minha filha, minha filha!... (*Foge espavorida e n'este gritar.*)

SCENA XV

JORGE, e o ROMEIRO, que seguiu Magdalena com os olhos, e está alçado no meio da casa com aspecto severo e tremendo.

Jorge—Romeiro, romeiro! quem és tu?
Romeiro (*apontando com o bordão para o retrato de D. João de Portugal*)—Ninguem.

(Frei Jorge cae prostrado no chão, com os braços estendidos deante da tribuna. O panno desce lentamente.)

ACTO TERCEIRO

Parte baixa do palacio de D. João de Portugal, communicando pela porta á esquerda do espectador, com a capella da Senhora da Piedade na egreja de San'Paulo dos Dominicos d'Almada: é um casarão vasto sem ornato algum. Arrumadas ás paredes, em diversos pontos, escadas, tocheiras, cruzes, ciriaes e outras alfaias e guizamentos d'egreja de uso conhecido. A um lado um esquife dos que usam as confrarias; do outro uma grande cruz negra de tábua com o letreiro J. N. R. J., e toalha pendente, como se usa nas ceremonias da Semana Santa. Mais para a scena uma banca velha com dois ou tres tamboretes; a um lado uma tocheira baixa com tocha accesa e já bastante gasta; sôbre a mesa um castiçal de chumbo, de credencia, baixo e com vela accesa tambem,—e um hábito completo de religioso dominico, tunica, escapulario, rosario, cinto, etc. No fundo porta que dá para as officinas e aposentos que occupam o resto dos baixos do palacio.—E' alta noite.

SCENA I

MANUEL DE SOUSA (*Sentado n'um tamborete, ao pé da mesa, o rosto inclinado sobre o peito, os braços cahidos e em completa prostração d'espirito e de corpo; n'um tamborete do outro lado* JORGE, *meio encostado para a mesa, com as mãos postas, e os olhos pregados no irmão.*)

Manuel—Oh minha filha, minha filha! *(silencio longo.)* Desgraçada filha, que ficas orphan!... orphan de pae e mãe... (*Pausa*) e de familia e de nome, que tudo perdeste hoje... (*Levanta-se com violenta afflicção.)* A desgraçada nunca os teve.—Oh Jorge, que esta lembrança é que me mata, que me desespera! (*Apertando a mão do irmão, que se levantou após d'elle e o está consolando do gesto.*) E' o castigo terrivel do meu erro.. se foi erro...

crime sei que não foi. E sabe-o Deus, Jorge, e castigou-me assim, meu irmão.

Jorge—Paciencia, paciencia; os seus juizos são imperscrutaveis. (*Acalma e faz sentar o irmão: tornam a ficar ambos como estavam.*)

Manuel—Mas eu em que mereci ser feito o homem mais infeliz da terra, posto de alvo á irrisão e ao discursar do vulgo?... Manuel de Sousa Coutinho, filho de Lopo de Sousa Coutinho, o filho do nosso pae, Jorge!

Jorge—Tu chasmas-te o homem mais infeliz da terra... Já te esqueceste, que ainda está vivo aquelle...

Manuel (*cahindo em si*)—E' verdade. (*Pausa; e depois, como quem se desdiz.*) Mas não é, nem tanto: padeceu mais, padeceu mais longamente, e bebeu até ás fezes o calix das amarguras humanas .. (*Levantando a voz.*) Mas fui eu, eu que lh'o preparei, eu que lh'o dei a beber, pelas mãos... innocentes mãos!... d'essa infeliz que arrastei na minha queda, que lancei n'esse abysmo de vergonha, a quem cobri as faces — as faces puras e que não tinham córado d'outro pejo senão do da virtude e do recato... cobri-lh'as de um véo de infamia que nem a morte hade levantar, porque lhe fica, perpétuo e para sempre, lançado sobre o tumulo a cobrir-lhe a memoria de sombras... de manchas que se não lavam!—Fui eu o auctor de tudo isto, o auctor da minha desgraça e da sua deshonra d'elles... Sei-o, conheço; e não sou mais infeliz que nenhum?

Jorge—Vê a palavra que disseste: «deshonra»: lembra-te d'ella e de ti, e considera, se podes pleitear miserias com esse homem a quem Deus não quiz acudir com a morte antes de conhecer ess'outra agonia maior.—Elle não tem...

Manuel—Elle não tem uma filha como eu, desgraçado... (*Pausa*)—Uma filha bella, pura, adorada, sobre cuja cabeça—oh, porque não é na minha!—vae cahir toda essa deshonra, toda a ignominia, todo o opprobrio que a injustiça do mundo, não sei porquê, me não quer lançar no rosto a mim, para pôr tudo na testa branca e pura de um anjo que não tem outra culpa senão a da origem que eu lhe dei.

Jorge—Não é assim, meu irmão; não te cegues com a dôr, não te faças mais infeliz do que és. Já não és pouco, meu pobre Manuel, meu querido irmão! E Deus hade levar em conta essas amarguras. Já que te não póde apartar o calix dos beiços, o que tu padeces, hade ser descontado n'ella, hade resgatar a culpa.

Manuel—Resgate! sim para o céo: n'esse confio eu.. mas o mundo?

Jorge—Deixa o mundo e as suas vaidades.

Manuel—Estão deixadas todas. Mas este coração é de carne.

Jorge—Deus, Deus será o pae de tua filha.

Manuel—Olha, Jorge: queres que te diga o que eu sei decerto, e que devia ser consolação .. mas não é, que eu sou homem, não sou anjo, meu irmão — devia ser consolação, e é desespêro, é a corôa de espinhos de toda esta paixão que estou passando... é que a minha filha. Maria... a filha do meu amor a filha do meu peccado, se Deus quer que seja peccado—não vive, não resiste, não sobrevive a esta affronta.

(Desata a soluçar, cáe com os cotovelos fixos na mesa e as mãos apertadas no rosto: fica n'esta posição por longo tempo. Ouve-se de quando em quando um soluço comprimido. Frei Jorge está em pé, detraz d'elle, amparando-o com o seu corpo. e os olhos postos no céo.)

Jorge *(chamando timidamente)*—Manuel!

Manuel—Que me queres, irmão?

Jorge *(animando-o)*—Ella não está tam mal; já lá estive hoje ..

Manuel—Estiveste?... oh! conta-me, conta-me; eu não tenho... não tive ainda ànimo de a ir vêr.

Jorge—Haverá duas horas que entrei na sua camara e estive ao pé do leito. Dormia, e mais socegada da respiração. O accesso de febre, que a tomou quando chegámos de Lisboa e que viu a mãe n'aquelle estado,—parecia declinar... quebrar-se mais alguma cousa. Dorothea, e Telmo... pobre velho coitado!... estavam ao pé d'ella, cada um de seu lado .. disseram-me que não tinha tornado a. . a...

Manuel—A lançar sangue?... Se ella deitou-o do coração!... não tem mais. N'aquelle corpo tam franzino, tam delgado, que mais sangue hade ha-

ver?—Quando hontem a arranquei d'ao pé da mãe e a levava nos braços, não m'o lançou todo ás golfadas aqui no peito? (*Mostra um lenço branco todo manchado de sangue.*) Não tenho aqui .. o sangue... o sangue da minha victima?. . que é o sangue das minhas vêas... que é o sangue da minha alma—é o sangue da minha querida filha! (*Beija o lenço muitas vezes.*) Oh meu Deus, meu Deus! Eu queria pedir-te que a levasses já... e não tenho ânimo. Eu devia acceitar por mercê da tua misericordia que chamasses aquelle anjo para junto dos teus, antes que o mundo, este mundo, infame e sem commiseração, lhe cuspisse na cara com a desgraça do seu nascimento.—Devia, devia... e não posso, não quero, não sei, não tenho ânimo, não tenho coração. Peço-te vida, meu Deus (*ajoelha e põe as mãos*) peço-te vida, vida, vida .. para ella, vida para a minha filha!... saude, vida para a minha querida filha!... e morra eu de vergonha, se é preciso, cubra-me o escarneo do mundo, deshonre-me o opprobrio dos homens, tape-me a sepultura uma loisa de ignominia, um epitaphio que fique a bradar por essas éras deshonra e infamia sobre mim!... Oh meu Deus, meu Deus! (*Cae de bruços no chão... Passado algum tempo, Frei Jorge se chega para elle, levanta-o quasi a pêso. e o torna a assentar.*)

Jorge—Manuel, meu bom Manuel, Deus sabe melhor o que nos convem a todos: põe nas suas mãos esse pobre coração, põe-n'o resignado e contricto, meu irmão, e Elle fará o que em sua misericordia sabe que é melhor.

Manuel (*com vehemencia e medo*)—Então desenganas-me... desenganas-me já? .. é isso que queres dizer? Fala homem: não ha que esperar?... não ha que esperar d'alli, não é assim? dize: morre? morre?... (*Desanimado*) Tambem eu fico sem filha!

Jorge—Não disse tal. Por caridade comtigo, meu irmão, não imagines tal. Eu disse-te a verdade: Maria pareceu-me menos opprimida; dormia...

Manuel (*variando*)—Se Deus quizera que não acordasse!

Jorge—Valha-me Deus!

Manuel—Para mim aqui está esta mortalha: (*tocando*

no habito) morri hoje... vou amortalhar-me logo; e adeus tudo o que era mundo para mim! Mas minha filha não era do mundo... não era, Jorge; tu bem sabes que não era: foi um anjo que veiu do céo para me acompanhar na peregrinação da terra, e que me apontava sempre, a cada passo da vida, para a eterna pousada d'onde viera e onde me conduzia. Separou-nos o archanjo das desgraças, o ministro das iras do Senhor que derramou sobre mim o vaso cheio das lagrimas, e a taça rasa das amarguras ardentes de sua colera. (*Cahindo de tom.*) Vou com esta mortalha para a sepultura... e, viva ou morta, cá deixo a minha filha no meio dos homens que a não conheceram, que a não hão de conhecer nunca, porque ella não era d'este mundo nem para elle... (*Pausa*)—Torna lá, Jorge, vae vel-a outra vez, vae e vem-me dizer; que eu ainda não posso .. mas hei de ir, oh! hei de ir vêl-a e beijal-a antes de descer á cova... Tu não queres, não podes querer...

Jorge—Havemos de ir... quando estiveres mais socegado.. havemos de ir ambos: descança, has de vêl-a.—Mas isto inda é cedo.

Manuel—Que horas são?

Jorge—Quatro, quatro e meia (*Vae á porta da esquerda e volta.*) São cinco horas, pelo alvor da manhan que já dá nos vidros da egreja. D'aqui a pouco iremos, mas socega.

Manuel—E a outra. . a outra desgraçada, meu irmão?

Jorge—Está—imagina por ti—está como não podia deixar de estar; mas a confiança em Deus pode muito: vae-se conformando. O Senhor fará o resto.—Eu tenho fé n'este escapulario (*tocando no habito em cima da meza*) para ti e para ella. Foi uma resolução digna de vós, foi uma inspiração divina que os allumiou a ambos. Deixa estar; ainda pode haver dias felizes para quem soube consagrar a Deus as suas desgraças.

Manuel—E isto está tudo prompto? Eu não soffro n estes habitos, eu não aturo, com estes vestidos de vivo, a luz d'esse dia que vem a nascer.

Jorge—Está tudo concluido. O Arcebispo mostrou-se bom e piedoso prelado n'esta occasião: e é um santo homem, é. O arcebispo já expediu todas as

licenças e mais papeis necessarios. Coitado! o pobre do velho velou quasi toda a noite com o seu vigario para que não faltasse nada desde o romper do dia. Mandou-se ao provincial, e pela sua parte e pela nossa tudo está corrente. Frei João de Portugal, que é o Prior de Bemfica, e tambem vigario do Sacramento, sabes, chegou haverá duas horas, noite fechada ainda, e cá está: é quem te ha de lançar o habito, a ti e a Dona... a minha irman. —Depois ireis, segundo vosso desejo, um para Bemfica, outro para o Sacramento.

Manuel—Tu és um bom irmão, Jorge: *(Aperta-lhe a mão)* Deus t'o ha de pagar. *(Pausa)*. Eu não me atrevo .. tenho repugnancia... mas é forçoso perguntar-te por alguem mais. Onde está *elle*... e o que fará!...

Jorge—Bem sei, não digas mais: o romeiro. Está na minha cella, e de lá não hade sahir—que foi ajustado entre nós—senão quando quando eu lh'o disser. Descansa: não vera ninguem, nem será visto de nenhum d'aquelles que o não devem vêr. Demais, o segredo de seu nome verdadeiro está entre mim e ti—alem do arcebispo, a quem foi indispensavel communical-o para evitar todas as formalidades e delongas que aliás havia de haver n'uma separação d'esta ordem—Ainda ha outra pessoa com quem lhe prometti—não pude deixar de prometter, porque sem isso não queria elle entrar em accórdo algum—com quem lhe prometti que havia de falar hoje e antes de mais nada.

Manuel—Quem? será possivel? .. Pois esse homem quer ter a crueldade de rasgar, fevra a fevra, os pedaços d'aquelle coração já partido? Não tem entranhas esse homem: sempre assim foi, duro, desapiedado como a sua espada.—E' D. Magdalena que elle quer vêr? ..

Jorge Não, homem; é o seu aio velho, é Telmo-Paes Como lh'o havia eu de recusar!

Manuel De nenhum modo: fizeste bem: eu é que sou injusto. Mas o que eu padeço é tanto e tal... —Vamos; eu ainda me não entendo bem claro com esta desgraça: dize-me, fala-me a verdade: minha mulher...—minha mulher! com que bôcca pronuncio eu ainda estas palavras!—D. Magdalena o que sabe?

Jorge—O que lhe disse o romeiro n'aquella fatal sala dos retratos... o que já te contei. Sabe que D. João está vivo. mas não sabe aonde; suppõe-n'o na Palestina talvez; é onde o deve suppôr pelas palavras que ouviu.

Manuel—Então não conhece, como eu, toda a extensão, toda a indubitavel verdade da nossa desgraça. Ainda bem! talvez possa duvidar, consolar-se com alguma esperança de incerteza.

Jorge—Hontem de tarde não; mas esta noite começava a raiar-lhe no espirito alguma falsa luz d'essa van esperança. Deus lh'a deixe, se é para bem seu.

Manuel—Porque não hade deixar? não é já desgraçada bastante?—E Maria, a pobre Maria!... Essa confio no Senhor que não saiba, ao menos por ora ..

Jorge—Não sabe. E ninguem lh'o disse, nem dirá. Não sabe senão o que viu: a mãe quasi nas agonias da morte. Mas o motivo, só se ella o adivinhar.—Tenho medo que o faça...

Manuel—Tambem eu.

Jorge—Deus será comnosco e com ella!—Mas não: Telmo não lhe diz nada por certo; eu já lhe asseverei—e acreditou-me—que a mãe estava melhor, que tu ias logo vêl-a.. E assim espero que até lá por meio do dia, a possâmos conservar em completa ignorancia de tudo. Depois ir se-lhe-ha dizendo, pouco a pouco, até onde fôr inevitavel. E Deus... Deus acudirá.

Manuel—Minha pobre filha, minha querida filha!

SCENA II

JORGE, MANUEL DE SOUSA, TELMO

Telmo (*Batendo de fóra á porta do fundo.*)—Acordou.

Manuel (*Sobresaltado.*)—E' a voz de Telmo.

Jorge—E'. (*Indo abrir a porta.*) Entrae, Telmo.

Telmo—Acordou.

Jorge—E como está?

Telmo—Melhor, muito melhor, parece outra. Está muito abatida, isso sim ; muito fraca, a voz lenta, mas os olhos serenos, animados como d'antes e

sem aquelle fusilar de hontem. Perguntou por vós... ambos.

Manuel—E pela mãe?

Telmo—Não: nunca mais falou n'ella.

Manuel—Oh filha, filha!...

Jorge—Iremos vêl-a. (*Pega na mão do irmão.*) Tu promettes-me? ..

Manuel Prometto.

Jorge—Vamos. - (*Chamando a Telmo pará a bocca da scena*) Ouvi, Telmo: lembraes-vos do que vos disse esta manhan?

Telmo Nao me heide lembrar?

Jorge - Ficae aqui. Em nós sahindo, puchae aquella corda que vae dar á sineta da sacristia: virá um irmão converso; dizei-lhe o vosso nome, elle ir-se-ha sem mais palavra, e vós esperae. Fechae logo esta porta por dentro, e não abraes senão á minha voz. Entendestes?

Telmo—Ide descançado.

SCENA III

TELMO, *depois o* IRMÃO CONVERSO

Telmo (*Vae para deitar a mão á corda, pára suspenso algum tempo e depois*) -Vamos: isto hade ser. (*Ouve-se tocar longe uma sineta:* Telmo *fica pensativo e com o braço alevantado e immovel.*)

Conversa—Quem sois?

Telmo (*Estremecendo.*)—Telmo Paes.

(O Converso faz venia e vae-se.

SCENA IV

Telmo (*só.*)—Virou-se-me a alma toda com isto: não sou já o mesmo homem. Tinha um presentimento do que havia de acontecer... parecia-me que não podia deixar de succeder .. e cuidei que o desejava em quanto não veiu.—Veiu, e fiquei mais aterrado, mais confuso que ninguem!—Meu honrado amo, o filho do meu nobre senhor está vivo... o filho que eu criei n'estes braços... vou saber novas certas d'elle—no fim de vinte annos de o julgarem todos perdido—e eu, eu que sem-

pre esperei, que sempre suspirei pela sua vinda ..—era um milagre que eu esperava sem o crêr! Eu agora tremo . E' que o amor d'est'outra filha, d'esta ultima filha, é maior; e venceu... venceu, apagou o outro. Perdôe-me Deus, se é peccado. Mas que peccado hade haver com aquelle anjo? Se me ella viverá, se escapará d'esta crise terrivel!—Meu Deus, meu Deus! (*Ajoelha*) Levae o velho que já não presta para nada, levae-o por quem sois! (*Apparece o Romeiro a porta da esquerda, e vem lentamente approximando-se de Telmo que não dá por elle.*) Contentae-vos com este pobre sacrificio da minha vida, Senhor, e não me tomeis dos braços o innocentinho que eu criei para vós, Senhor, para vós. . mas ainda não, não m'o leveis ainda. Já padeceu muito, já traspassaram bastantes dores aquella alma: esperae-lhe com a da morte algum tempo!...

SCENA V

TELMO *e o* ROMEIRO

Romeiro—Que não oiça Deus o teu rôgo!

Telmo (*Sobresaltado*)—Que voz!—Ah! é o Romeiro. —Que me não oiça Deus! porquê?

Romeiro—Não pedias tu por teu desgraçado amo, pelo filho que creaste?

Telmo (*A'parte*)—Já não sei pedir senão pela outra. (*Alto*) E que pedisse por elle, ou por outrem, porque me não hade ouvir Deus se lhe peço a vida de um innocente?

Romeiro—E quem te disse que elle o era?

Telmo—Esta voz . esta voz!—Romeiro, quem és tu?

Romeiro (*tirando o chapéo e levantando o cabello dos olhos*)—Ninguem, Telmo; ninguem, se nem tu já me conheces.

Telmo (*deitando-se-lhe ás mãos para lh'as beijar*)—Meu amo, meu senhor .. sois vós? —sois, sois. — D. João de Portugal, oh, sois vós, senhor?

Romeiro—Teu filho já não?

Telmo -Meu filho!... Oh! é o meu filho todo; a voz, o rosto .. Só estas barbas, este cabello não... Mais branco já que o meu, senhor!

Romeiro—São vinte annos de captiveiro e miseria, de saudades, de âncias que por aqui passaram. Para a cabeça bastou uma noite como a que veiu depois da batalha d'Alcacer; a barba, acabaram de a curar o sol da Palestina e as aguas do Jordão.

Telmo—Por tam longe andastes!

Romeiro—E por tam longe eu morrêra!—Mas não quiz Deus assim.

Telmo—Seja feita a sua vontade.

Romeiro—Péza-te?

Telmo—Oh, senhor!

Romeiro—Péza-te?

Telmo—Hade-me pezar da vossa vida? (*A'parte*) meu Deus! parece-me que menti...

Romeiro—E porque não, se já me péza a mim d'ella, se tanto me péza ella a mim?—Amigo, ouve... Tu és meu amigo?

Telmo—Não sou?

Romeiro—E's: bem sei. E comtudo, vinte annos de ausencia, e de conversação de novos amigos, fazem esquecer tanto os velhos!... mas tu és meu amigo? E se tu o não fôras quem o seria?

Telmo—Senhor!

Romeiro—Eu não quiz acabar com isto, não quiz pôr em effeito a minha ultima resolução sem falar comtigo, sem ouvir da tua bocca.

Telmo—O que quereis que vos diga, senhor?—Eu...

Romeiro—Tu, bem sei que duvidaste sempre da minha morte, que não quizeste ceder a nenhuma evidencia; não me admirou de ti, meu Telmo, mas tambem não posso—Deus me ouve—não posso criminar ninguem porque o acreditasse: as próvas eram de convencer todo o ânimo; só lhe podia resistir o coração E aqui... coração que fosse meu... não havia outro.

Telmo—Sois injusto.

Romeiro—Bem sei o que queres dizer.—E é verdade isso? é verdade que por toda a parte me procuraram, que por toda a parte . ella mandou mensageiros, dinheiro?

Telmo—Como é certo estar Deus no céu, como é verdade ser aquella a mais honrada e virtuosa dama que tem Portugal.

Romeiro—Basta: vae dizer-lhe que o peregrino era um impostor, que desappareceu, que ninguem

mais houve novas d'elle; que tudo isto foi vil e grosseiro embuste dos inimigos de... dos inimigos d'esse homem que ella ama... E que socegue, que seja feliz—Telmo, adeus!

Telmo—E eu heide mentir, senhor, eu heide renegar de vós, como ruim vilão que não sou?

Romeiro—Hasde porque eu te mando.

Telmo (*Em grande anciedade*)—Senhor, senhor não tenteis a fidelidade do vosso servo. E' que vós não sabeis... D. João, meu senhor, meu amo, meu filho, vós não sabeis...

Romeiro—O quê?

Telmo—Que ha aqui um anjo.. uma outra filha minha, senhor, que eu tambem criei...

Romeiro—E a quem já queres mais que a mim; dize a verdade.

Telmo—Não m'o pergunteis.

Romeiro—Nem é preciso. Assim devia de ser Tambem tu!—Tiraram-me tudo. (*Pausa*)—E têm um filho elles?..—Eu não..—E mais imagino... Oh passaram hoje peior noite do que eu. Que lh'o leve Deus em conta e lhes perdôe como eu perdoei já.—Telmo, vae fazer o que te mandei.

Telmo—Meu Deus, meu Deus! que heide eu fazer?

Romeiro—O que te ordena teu amo—Telmo, dá-me um abraço. (*Abraçam-se.*)—Adeus, adeus até..

Telmo (*Com anciedade cr scente*).—Até quando, senhor?

Romeiro—Até ao dia de juizo.

Telmo Pois vós?.

Romeiro—Eu..—Vae, saberás de mim, quando fôr tempo. Agora é preciso remediar o mal feito. Fui imprudente, fui injusto, fui duro e cruel. E para quê—D. João de Portugal morreu no dia em que sua mulher disse que elle morrêra Sua mulher honrada e virtuosa, sua mulher que elle amava... oh Telmo, Telmo com que amor a amava eu!—Sua mulher que elle já não póde amar sem deshonra e vergonha!? . Na hora em que ella acreditou na minha morte, n'essa hora morri. Com a mão que deu a outro riscou-me do numero dos vivos. D. João de Portugal não hade deshonrar a sua viuva. Não: vae; dito por ti terá dobrada força: dize-lhe que falaste com o romeiro, que o examinaste, que o convenceste de falso e de impostor...

dize o que quizeres, mas salva-a a ella da vergonha e ao meu nome da affronta. De mim já não ha se não esse nome, ainda honrado; a memoria d'elle que fique sem mancha.—Está em tuas mãos, Telmo, entrego-te mais que a minha vida. Queres faltar-me agora?

Telmo—Não, meu senhor; a resolução, é nobre e digna de vós. Mas póde ella aproveitar ainda?

Romeiro—Porque não?

Telmo—Eu sei!—Talvez...

SCENA VI

ROMEIRO, TELMO; MAGDALENA (*de fóra á porta do fundo.*)

Magdalena—Espôso, espôso! abri-me. por quem sois. Bem sei que aqui estaes; abri.

Romeiro—E' ella que me chama. Santo Deus! Magdalena que chama por mim...

Telmo—Por vós!

Romeiro—Pois por quem?... nao lhe ouvis gritar; —«Espôso, espôso?»

Magdalena—Marido da minha alma, pelo nosso amor te peço, pelos doces nomes que me deste, pelas memorias da nossa felicidade antiga, pelas saudades de tanto amor e tanta ventura, oh! não me negues este ultimo favor.

Romeiro—Que encanto, que seducção! Como lhe heide resistir!

Magdalena—Meu marido, meu amor, meu Manuel!

Romeiro—Ah! . E eu tam cego que já tomava para mim. —Ceo e inferno! abra-se esta porta... (*Investe para a porta com impeto, mas pára de repente.*) Não: o que é dito é dito. (*Vae precipitadamente á corda da sineta, toca com violencia; apparece o mesmo irmão converso e a um signal do Romeiro ambos desapparecem pela porta da esquerda.*)

SCENA VII

TELMO, MAGDALENA; *depois* JORGE
e MANUEL DE SOUSA

Magdalena *(Ainda de fóra.)* — Jorge, meu irmão. Frei Jorge, vós estaes ahi, que eu bem sei; abri-me por caridade, deixae-me dizer uma unica palavra a meu... a vosso irmão:—e não vos importuno mais, e farei tudo o que de mim quereis, e... *(Ouve-se do mesmo lado ruido de passos apressados. e logo a voz de Frei Jorge.)*

Jorge *(de fóra)*—Telmo, Telmo, abri, se podeis... abri já.

Telmo *(abrindo a porta)*—Aqui estou eu só.

Magdalena *(entrando desgrenhada e fóra de si, procurando, com os olhos, todos os recantos da casa.)* —Estaveis aqui só, Telmo! E elle para onde foi?

Telmo—Elle quem, senhora?

Jorge *(vindo á frente)*—Telmo estava aqui guardando por mim, e com ordem de não abrir a ninguem em quanto eu não viesse.

Magdalena—Aqui havia duas vozes que falavam.

Telmo *(aterrado)*—Ouvistes?

Magdalena - Sim, ouvi. Onde está elle, Telmo? onde está meu marido.. Manuel de Sousa?

Manuel—*(que tem estado no fundo, em quanto Magdalena sem o vêr, se adiantara para a scena, vem agora á frente)*—Esse homem está aqui, senhora; que lhe quereis?

Magdalena—Oh que ár, que tom, que modo esse com que me falas!...

Manuel *(enternecendo-se)*—Magdalena .. *(Cahindo em si e gravemente)* Senhora, como quereis que vos fale, que quereis que vos diga?—Não está tudo dito entre nós?

Magdalena—Tudo! quem sabe? Eu parece-me que não. Olha: eu sei? .. mas não dariamos nós, com demasiada precipitação, uma fé tam céga; uma crença tam implicita a essas mysteriosas palavras de um romeiro, um vagabundo.. um homem emfim que ninguem conhece? Pois dize..

Telmo *(á parte a Jorge)*—Tenho que vos dizer, ouvi. *(Conversam ambos áparte.)*

Manuel—Oh Magdalena, Magdalena! não tenho mais nada que te dizer.—Crê-me que t'o juro na presença de Deus: a nossa união, o nosso amor é impossivel.

Jorge (*continuando a conversação com Telmo, e levantando a voz com aspereza*)—E' impossivel, j'agora...—e sempre o devia ser.

Magdalena (*virando-se para Jorge*)—Tambem tu, Jorge!

Jorge (*virando-se para ella*)—Eu falava com Telmo, minha irman.—(*Para Telmo*) Ide, Telmo, ide onde vos disse, que sois mais preciso lá (*Fala-lhe ao ouvido; depois alto*) Não m'a deixes um instante, ao menos até passar a hora fatal.

(Telmo sae com repugnancia, e rodeando para vêr se chega ao pé de Magdalena. Jorge, que o percebe, fa -lhe um signal imperioso; elle recúa, e finalmente se retira pelo fundo.)

SCENA VIII

MAGDALENA, MANUEL DE SOUSA, JORGE

Magdalena—Jorge, meu irmão, meu bom Jorge, vós, que sois tam prudente e reflectido, não daes nenhum pêso ás minhas duvidas?

Jorge—Tomára eu ser tam feliz que podesse, querida irman.

Magdalena—Pois entendeis?...

Manuel—Magdalena.. senhora! Todas estas coisas são já indignas de nós.—Até hontem, a nossa desculpa, para com Deus e para com os homens, estava na boa fé e seguridade de nossas consciencias. Essa acabou. Para nós já não ha senão estas mortalhas, (*tomando os habitos de cima da banca*) e a sepultura de um claustro.—A resolução que tomámos é a unica possivel; e já não ha que voltar atraz... Ainda hontem falavamos dos condes de Vimioso. Quem nos diria... oh incomprehensiveis mysterios de Deus!... Animo, e ponhamos os olhos n'aquella cruz! —Pela ultima vez Magdalena... pela derradeira vez n'este mundo, querida. (*Vae para a abraçar e recúa*) Adeus, adeus! (*Foge precipitadamente pela porta da esquerda*)

SCENA IX

MAGDALENA, JORGE; *(Côro dos frades dentro)*

Magdalena—Ouve, espera; uma só palavra; Manuel de Sousa!... (*Toca o orgam dentro.*)

Côro (*dentro*)—De profundis clamavi ad te, Domine; Domine, exaudi vocem meam.

Magdalena (*indo abraçar-se com a cruz*)—Oh Deus; senhor meu! pois já, já? nem mais um instante, meu Deus?—Cruz do meu Redemptor, oh cruz preciosa, refugio de infelizes, ampara-me tu, que me abandonaram todos n'este mundo, e já não posso com as minhas desgraças .. e estou feita um espectaculo de dôr e de espanto para o ceo e para a terra!—Tomae, Senhor, tomae tudo...—A minha filha tambem?... Oh! a minha filha, a minha filha... tambem essa vos dou, meu Deus—E agora, que mais quereis de mim, Senhor? (*Toca o orgam outra vez.*)

Côro (*dentro*)—Fiant aures tuae intendentes; in vocem deprecationis meae.

Jorge—Vinde, minha irman, é a voz do Senhor que vos chama. Vae começar a santa cerimonia.

Magdalena *(enchugando as lagrimas e com resolução)*—Elle foi?

Jorge—Foi sim, minha irman.

Magdalena (*levantando-se*)—E eu vou. (*Sáem ambos pela porta do fundo.*)

SCENA X

Corre o panno do fundo, e apparece a egreja de San-Paulo: os frades sentados no côro. Em pé junto ao altar-mór, o PRIOR DE BEMFICA. *Sôbre o altar dois escapularios dominicanos.* MANUEL DE SOUSA *de joelhos com o habito de noviço vestido, á direita do Prior,* o ARCEBISPO *de capa magna e barrete no seu throno, rodeado dos seus clerigos em sobrepelizes. Pouco depois entra* JORGE *acompanhando* MAGDALENA *tambem já vestida de noviça e que vae ajoelhar á esquerda do Prior.—Toca o orgam.*

Côro—Si iniquitates observaveris, Domine; Domine, quis sustinebit?

Prior (*tomando os escapularios de cima do altar*) — Manuel de Sousa Coutinho, irmão Luiz de Sousa, pois em tudo quizestes despir o homem velho. abandonando tambem ao mundo o nome que n'elle tinheis!—Soror Magdalena! Vós ambos, que já fostes nobres senhores no mundo, e aqui estaes prostrados no pó da terra, n'esse humilde habito de pobres noviços; que deixastes tudo até vos deixar a vós mesmos... filhos de Jesus Christo, e agora de nosso padre San'Domingos, recebei com este bento escapulario...

SCENA XI

O PRIOR DE BEMFICA, *o* ARCEBISPO, MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA, etc. MARIA *(que entra precipitadamente pela egreja em estado de completa alienação; traz umas roupas brancas, desalinhadas e cahidas, os cabellos soltos, o rosto macerado, mas inflammado com as rose as ethicas; os olhos desvairados; pára um momento, reconhece os paes, e vae direita a elles.—Espanto geral: a ceremonia interrompe-se.)*

Maria—Meu pae, meu pae, minha mãe! levantae-vos, vinde (*Toma-os pelas mãos: elles obedecem machinalmente, vêm ao meio da scena: confusão geral.*)

Magdalena—Maria! minha filha!

Manuel—Filha, filha!... Oh, minha filha... (*Abraçam-se ambos n'ella.*)

Maria *(separando-se com elles da outra gente, e trazendo-os para a bocca da scena.)*—Esperae: aqui não morre ninguem sem mim. Que quereis fazer? Que cerimonias são estas? Que Deus é esse que está n'esse altar, e quer roubar o pae e a mãe a sua filha?—(*Para os circumstantes*) Vós quem sois, espectros fataes?... quereis-m'os tirar dos meus braços?... Esta é a minha mãe, este é o meu pae... Que me importa a mim com o outro? Que morresse ou não, que esteja com os mortos ou com os vivos—que se fique na cova ou que resuscite agora para me matar?... Mate-me, mate-me, se quer, mas deixe-me este pae, esta mãe que são

meus. — Não ha mais do que vir ao meio de uma familia e dizer: Vós não sois marido e mulher?... e esta filha do vosso amor, esta filha criada ao collo de tantas meiguices, de tanta ternura, esta filha é...—Mãe, mãe, eu bem o sabia... nunca t'o disse, mas sabia-o: tinha-m'o dito aquelle anjo terrivel que me apparecia todas as noites para me não deixar dormir... aquelle anjo que descia com uma espada de chammas na mão, e a atravessava entre mim e ti, que me arrancava dos teus braços quando eu adormecia n'elles... que me fazia chorar quando meu pae ia beijar-me no teu collo. — Mãe, mãe, tu não hasde morrer sem mim... Pae, dá cá um panno da tua mortalha... dá cá eu quero morrer antes que elle venha: (*Encolhendo-se no habito do pae*) Quero-me esconder aqui, antes que venha esse homem do outro mundo dizer-me na minha cara e na tua — aqui deante de toda esta gente: Essa filha é a filha do crime e do peccado!.. Não sou; dize, meu pae, não sou.. dize a essa gente toda, dize que não sou. (*Vae para Magdalena*). Pobre mãe! tu não podes... coitada!.. não tens animo... -nunca mentiste?... Pois mente agora para salvar a honra de tua filha, para que lhe não tirem o nome de seu pae.

Manuel — Misericordia, meu Deus!

Maria — Nao queres? Tu tambem não, pae? — Não querem. E eu heide morrer assim... e elle vem ahi...

SCENA XII

MARIA, MAGDALENA, MANUEL;
o ROMEIRO e TELMO *que apparecem no fundo da scena sahindo detraz do altar-mór*

Romeiro (*para Telmo*) — Vae, vae; vê se ainda é tempo; salva-os, que ainda podes.. (*Telmo dá alguns passos para deante.*)

Maria (*apontando para o Romeiro*)—E' aquella voz, é elle — Já não é tempo.. Minha mãe, meu pae, cubri-me bem estas faces, que morro de vergonha... (*Esconde o rosto no seio da mãe*) morro morro.. de vergonha... (*Cae e fica morta no

chão. Manuel de Sousa e Magdalena prostram-se ao pé do cadaver da filha.)

Manuel (*Depois de algum espaço, levanta-se de joelhos*)—Minha irman, rezemos por alma... encommendemos a nossa alma a este anjo que Deus levou para si. Padre Prior, podeis-me lançar aqui o escapulario?

Prior (*indo buscar os escapularios ao altar-mór e tornando*) — Meus irmãos, Deus afflige n'este mundo áquelles que ama. A corôa de gloria não se dá senão no céu.

(*Toca o orgão e cáe o panno*)

NOTAS

A Memoria ao Conservatorio

Nota A

Todos ficaram atraz de Camões, porque todos o quizeram enfeitar (o assumpto de Ignez de Castro) julgando dar-lhe mais nterêsse........................... pag.

Ignez de Castro, o mais bello e poetico episodio do riquissimo *romance* da historia portugueza, está por tratar ainda, ou eu muito me engano. Camões fez o que fizeram todos os grandes poetas nacionaes chamados por sua augusta missão a enfeixar, n'um magnifico e perpetuo monumento, todas as glorias, todas as tradições poeticas de um povo: este é o caracter da sua epopeia e de todas as verdadeiras epopeias; fixam as crenças e a historia maravilhosa de uma nação, são ellas mesmas parte consubstancial, typica e quasi hieratica d'essa nacionalidade que consagraram pela religião da poesia. Taes foram para os gregos os dois poemas de Homero, para os persas o *Scháhnámeh* (Livro dos Reis) de Firdusi, para os povos do norte o *Niebelungen*, para as nações christans do meio dia o *Orlándo* de Ariosto. E por isto nos mais antigos se duvida ainda hoje de seu verdadeiro auctor, que alguns não querem que seja senão collector, como o nome de rhapsodias, dado aos contos de Homero, parece inculcar.

Nem eu nem o logar somos proprios para se decidir a questão. O que para mim é decidido é que o nosso Homero portuguez deu ao seu poema o cunho e caracter de epopeia nacional quando n'elle reuniu todas as nossas mais queridas memorias e recordações antigas, desde Viriato, o vencedor dos Romanos, até D. João de Castro o triumphador romano. Assim juntou todas as rhapsodias do romance portuguez, e

fez a *Iliada* dos Lusitanos. Ignez de Castro entrou no quadro como elle a achou nas tradições populares, e nas chronicas velhas, que pouco mais eram do que as tradições populares, escriptas.—ou como então se diria, «postas por escriptura.» A pintura é rapida, e bella da simplicidade antiga dos grandes pinceis, como se os sabe menear a poesia popular; não pécca senão nos ornatos classicos do mao gôsto da Renascença a que por vezes sacrificou o grande poeta; tal é a fala de Ignez a el-rei. .

O romance de Garcia de Rezende não tem esse defeito: tem menos d'elle a tragedia de Antonio Ferreira, apezar de tam moldada pelos exemplares gregos. Mas estas são as tres composições sobre Ignez de Castro que verdadeiramente se approximaram do assumpto. O mais tudo que produziu a litteratura portugueza e castelhana, e que reproduziram tam descorado as extranhas, está abaixo da craveira.

Exceptuemos todavia as Chronicas antigas, que são mais poeticas na sua prosa tam sincera, do que a maior parte dos poetas que as traduziram para a affectação das suas rhymas.

Não haverá um portuguez que se affoite a competir por este grande premio, o maior que a litteratura patria tem levantado no meio da arena poetica? Precisa, é verdade, ser um Shakspeare ou um Schiller: sobretudo precisa esquecer todos os exemplares classicos e romanticos, não querer fazer á Racine ou á Victor Hugo, á maneira d'este grego ou d'aquell'outro latino ou d'est'outro inglez, e «crear-se a si» para o assumpto. O que principalmente falta é esta resolução.

Nota B

Se eu podesse tomar nas mãos o escopro de Canova ou de Torwaldsen .... pag. 7

Não escrevi esta phrase á tôa: é uma convicção minha que na poesia da linguagem o genero parallelo á Estatuaria é a Tragedia: assim como a Epopeia a grande architectura: e os outros generos, especies e variedades litterarias aos seus correspondentes na Pintura: ode á allegoria, idylio á paizagem, epigramma á caricatura, romance e drama ao quadro historico, e assim os mais. A Musica segue as divisões da Poesia falada, cuja irman gemea nasceu. Ao cabo, ARTE é uma só, expressada por variados modos segundo são

variado os sentidos do homem. Em vez de tantos mestres de rhetorica e poetica, ou de litteratura como agora creio que se chamam, um só que desenvolvesse esta doutrina tam simples como verdadeira, aproveitava no curso de um anno o que elles perdem e têm perdido em muitas dezenas.

Nota C

Esta é uma verdadeira tragedia—se as póde haver, e como eu imagino que as possa haver sobre factos e pessoas comparativamente recentes.................... pag. 7

Racine desculpa-se de ser posto na scena tragica um assumpto tam moderno como Bajazet, julgando supprido o deffeito da edade com a distancia do logar, a diversidade dos costumes e o mysterio das coisas do serralho. Nos assumptos nacionaes, porém, ao menos para nós, ha um termo além do qual a scena não supporta o verso. D. Sebastião é talvez o ultimo caracter historico a quem ainda podessemos ouvir recitar hendecasyllabos: d'ahi para cá duvido. Do tempo de Frei Luiz de Sousa pode ser que ainda se ature o verso em assumpto ou bem tragico ou bem heroico: dependerá porém muito do modo por que os fizerem, e os declamarem, os taes versos.

Nota D

O nosso verso sôlto está provado que é docil e ingenuo bastante para dar todos os effeitos d'arte sem quebrar na natureza .... pag. 8

Todavia o rythmo dramatico está ainda por aferir entre nós. Nem os Gregos nem os Latinos nem os Inglezes nem os Allemães escreveram as suas tragedias no mesmo metro que as suas epopeias. Fazem-n'o os francezes porque mais não podem, com a mofina lingua que Deus lhes deu. Os Castelhanos tambem não punham no theatro quasi outro verso mais que a redondilha popular. Gil-Vicente usou de todos os metros possiveis em portuguez, mas rarissima vez do endecasyllabo. E todavia este é quasi o unico a que a prosodia da lingua dá harmonia e força bastante para soar bem sem rima. Que se hade fazer? Variar-lhe o rythmo, quebrar-lhe a monotonia da cadencia, como fez Alfieri, a quem todavia o toscano faltou com as desinencias fortes que não tem, e que no portuguez abundam tanto.

Quando para a tragedia, creio que é este o unico expediente; n'outros generos de drama entendo que se póde tentar o exemplo dos Castelhanos.

Ainda hoje o Sr. Breton-de-los-Herreros e o proprio Sr. Martinez-de-la-Rosa estão metrificando comedias, puramente comedias, em verso de redondilha, o octasyllabo que não menos popular e natural é n'esta nossa que n'aquell'outra lingua das Hespanhas.

D'esta e de outras coisas que taes é que se devia occupar a nossa Academia e o nosso Conservatorio.

Nota E

Ao cadaver das platéas gastas e cacheticas pelo uso continuo de stimultantes violentos, galvanisal-o com sós estes dois metaes de lei (o terror e piedade.) .... pag. 10

N'este ponto sou mais classico do que Aristoteles, mais estacionario que o velho Horacio, e mais orthodoxo do que Racine. Na tragedia e no drama tragico não podem entrar outros affectos. O horror, o asco, serão bons — não sei se são — para o drama a que, por falta de melhor nome talvez, chamam grande. Este ultimo genero porém, que muitos querem que não seja senão uma especie hybrida ou uma aberração, este genero, digo, tem sobretudo provado a sua incapacidade para exercer o predominio na scena, pela desmoralisação artistica com que tem corrompido o publico. Symbolo e reflexo da anarchia, não põe limites aos desejos, devassa e franqueia tudo: em pouco tempo gasta-se, com ella, sobre si mesmo.

Não lhe fica mais que dar nem que esperar. A tendencia natural do publico, depois das saturnaes da escóla Ultra-romantica, é portanto toda para a ordem, para as regras, para o regimem da moderação... Felizmente na litteratura não ha oligarchias, á espreita, destes cansassos e tendencias populares, para as grangear fraudulentamente em proveito do privilegio e do absolutismo.

Nota F

Não subiu ao carro de Thespis, não bezuntou a cara com bòrras de vinho para fazer visagens ao povo... pag. 10

A escola romantica foi tam manifesta reacção contra os vicios e abusos dos ultra classicos, tal e

tam perfeita como a do liberalismo contra a corrupta monarchia feudal. Ambas cahiram na anarchia pelo forte impulso que traziam, ambas destruiram muito porque podiam, e edificaram pouco porque não sabiam; ambas têm de oscilar ainda muito, antes que se ache o verdadeiro equilibrio das coisas, sem voltar ao impossivel que acabou, nem ir para o impossivel que nunca hade ser. N'estas duas questões anda o mundo: questões que estão mais ligadas e dependentes do que cuida o vulgar dos patetas—chamados homens d'Estado, porque outra coisa não sabem ser—e o vulgar dos timidos litteratos que, ou *non bene relicta parmula* nos campos das disputas civis se condemnam a soneteiros de bastardos Mecenas, ou abdicam a augusta corôa de poeta popular que em nossos tempos, como nos de Alceu e de Sophocles, e como nos de Dante, tem espinhos debaixo dos loiros e precisa tanta coragem como talento para se trazer com dignidade.—E a vida da carne é tam curta para o homem de lettras!... a da gloria não lhe põem termo os homens.

Nota G

A litteratura actual é a palavra, é o verbo ainda balbuciante de uma sociedade indefinida, e comtudo já influe sobre ella.................. . ... pag. 11

Esta continua e reciproca influencia da litteratura sobre a sociedade, e da sociedade sobre a litteratura, é um dos phenomenos mais dignos da observação do philosopho. Quando a historia fôr verdadeiramente o que deve ser e já tende para isso—hade falar menos em batalhas, em datas de nascimentos, casamentos e mortes de principes, e mais na legislação, nos costumes e na litteratura dos povos.—Quem vier a escrever e a estudar a historia d'este nosso seculo nem a entenderá nem a fará entender decerto; se o não fizer pelos livros dos sabios, dos poetas, dos moralistas que caracterizam a epoca, e são ao mesmo tempo causa e effeito de seus mais graves successos.

Nossos barbaros avoengos não conheciam outro poder senão a força—a força material; d'ahi não historiaram senão d'ella. As rhapsodias de historia legislativa e litteraria que algum adepto redigia, mais por curiosidade ou por espirito de classe do que por

outra coisa, não eram obras populares, nem foram nunca havidas por taes, nem por quem as escrevia, nem por quem as lia. Assim tam difficil é hoje o trabalho de ligar e comparar umas historias com outras para poder achar a historia nacional. Mas deve ser muito estupido o que nao vir melhor a historia de D Manuel em Gil Vicente do que em Damião de Goes, e a d'el rei D. José nas leis do Marquez de Pombal e nos escriptos de José de Seabra do que nas gazetas do tempo, ou ainda nas proprias memorias mais intimas de seus amigos e inimigos.

Nas obras de Chateaubriand e de Guizot, de Delavigne e Lamartine. nas de Victor Hugo e até de George Sand, nas de Lamennais e de Cousin está o seculo dezenove com todas as suas tendencias indefinidas e vagas, com todas as suas timidas saudades do passado, seus terrores do futuro, sua desanimada incredulidade no presente. Falo da França porque é o coração da Europa: de Lisboa a San'Petersburgo, d'ahi ao rio de Janeiro e a Washington os membros todos do grande corpo social d'alli recebem e para alli refluem os mesmos accidentes de vida.

Nota H

A *Comedia famosa* não sei de quem, mas o assumpto era este mesmo.................................... pag. 11

Revolvi muitas collecções de *Comedias famosas*, que são bastantes e volumosas as que temos em Lisboa, e não pude achar aquella que vi na Povoa em 818. É tam difficil ter aqui informações litterarias dos nossos visinhos d'aopé da porta, que abandonei a empreza de a descobrir, apezar do vivo interesse que n'isso tinha.—E' mágoa e perda que duas litteraturas que tanto ganhariam em se entender e ajudar reciprocamente, como é a nossa e a castelhana, estejam hoje mais extranhas uma á outra do que talvez nenhumas conhecidas na Europa.

Nota I

Que me não julguem sobre dados falsos e que eu não tomei para assentar o problema que procurava resolver... pag. 11

Uma obra d'arte, seja qual fôr, não póde ser julgada pelas regras que á critica lhe apraz estabelecer-lhe, senão pelas que o auctor invocou e tomou para

sua norma. De não entenderem ou não quererem entender este principio de eterna verdade e justiça, os encontrados anathemas com que, vae n'um seculo, se estão fulminando classicos e romanticos uns aos outros. O theatro inglez era uma galeria de monstruosidade repugnante para Voltaire e para toda a Academia franceza; as mais suaves modulações da musa de Racine pareceram *trillos* de capados da capella do papa a Schlegel e a toda a escóla shakspeareana d'além do Rhin e da Mancha.

Qual tinha razão? Nenhum.

Nota J

O drama, o *Captivo de Fez*........................ pag. 12

O relatorio da commissão do Conservatorio Real é datado de 18 de Dezembro de 1840.

Nota K

Eu sacrifico ás musas de Homero não ás de Herodoto. pag. 15

Herodoto dividiu a sua Historia, como todos sabem, em nove livros ou secções, cada uma das quaes tem o nome ou titulo de uma das nove Musas. A historia, assim como a poesia, eram para os antigos coisas sagradas e religiosas que não tratavam senão debaixo da invocação dos deuses. E as Musas, filhas da memoria, não eram o symbolo nem a inspiração dos bellos fingimentos, mas da verdade bellamente narrada. Quantas fábulas tem a *Illiada* e a *Odyssea*, não as houve por taes o poeta; senão por tradições e crenças respeitadas e respeitaveis no seu tempo. Herodoto tam pouco imaginava entrar nas provincias da poesia quando narrava as incriveis maravilhas que elle e os seus contemporaneos tinham por historia.

Nota L

O primeiro nascer do absolutismo novo, ou que deu molde a todos os absolutismos modernos, o que vale o mesmo.. pag. 15

O despotismo asiatico antigo era o principio, era a regra; o absolutismo europeu moderno é o facto, a excepção, a deviação. Os despotismos da Asia, como então eram e ainda hoje são, nascem da exageração do governo patriarchal do chefe da familia, da tribu, da nação O absolutismo europeu é a usurpa-

ção dos direitos do povo: lá a coisa publica formou-se pelo principe e com elle; aqui é o principe que se impoz á republica. Desde Julio Cesar até agora, a origem de todas as monarchias absolutas na Europa, a fundação de todas as suas dynastias tem sido a usurpação mais ou menos violenta, mais ou menos flagrante, mais ou menos astuciosa, dos direitos da nação por um homem.

Nota M

Para vêr... se os nossos jovens escriptores... entravam por sua antiga historia a descobrir campo, a colher pelas ruinas de seus tempos heroicos os typos de uma poesia mais nacional e mais natural.................. pag. 15

Por muitos defeitos que se possam notar na nossa litteratura actual, ninguem poderá todavia asseverar que ella não seja mais natural e mais nacional, do que a sua immediata predecessora. Os sonetos, as eglogas, as odes pindaricas e os dithyrambos que, até o primeiro quarto d'este seculo, eram a glória dos Arcades da segunda camada, os *Jonios* e os *Josinos*, os *Elmiros* e os *Belmiros*, teriam talvez—e creio que tinham—menos erros de linguagem e menos faltas de estylo do que têm os romances e os dramas de tantos rapazes de muito e de pouco talento que por ahi se deitam hoje a escrever. Mas tambem não tinham um pensamento, uma idéa, quasi uma phrase que não fosse copiada, imitada servilmente. Quem cantava um assumpto nacional, quem descrevia um sitio da sua terra, quem recorria a outro maravilhoso que não fosse o do Olympo? Toda a nossa litteratura era franceza com o reflexo grego e latino; ainda quando os assumptos eram nacionaes, não passava a nacionalidade dos nomes dos heroes, ou dos titulos dos poemas. O Garção, o Tolentino e Francisco Manuel vê-se que sentiam a falsidade do tom em que estavam afinadas as suas bellas e riquissimas lyras, mas certamente lhes faltou a coragem para romper com os preconceitos academicos ainda muito poderosos então. Bocage teria podido fazêl-o; mas aquelle pasmoso talento nunca reflectiu no que era e podia, nem na alta missão a que o chamavam, tanto o seu genio como a sua popularidade.

Não me atrevo a dizer que já temos uma litteratura nacional, nem sequer sei se chegaremos a isso;

mas é sem duvida que para lá caminhâmos, e com mais largos e mais certos passos do que nunca, desde os *Lusiadas* para cá.

Ao Drama — Acto primeiro

Nota A

Todo o luxo e caprichosa elegancia portugueza dos principios do seculo dezesete................... pag. 21

Citarei o interessante Ms. descoberto pelo Sr. Alexandre Herculano na bibliotheca real da Ajuda, e do qual alguns extractos já foram publicados no PANORAMA de 1843.

«Postoque Lisboa seja tamanha e tam nobre povoação, não tem palacio algum de burguez ou de fidalgo que mereça consideração quanto á materia; e quanto a architectura, são edificios muito grandes. Ornam-os porém de tal modo, que na verdade ficam magnificos. Costumam forrar os aposentos de razes, de damascos e de finissimos razes no inverno, e no verão de couros dourados mui ricos que se fabricam n'aquella cidade.»

(*Ms. da Bibl. d'Ajuda.*)

Nota B

N'aquelle engano d'alma ledo e cego.
Que a fortuna não deixa durar muito.......... pag. 21

Os *Luziadas* eram de certo então, no principio do seculo dezesete, um livro da moda e que devia andar sobre o bofete de todas as damas elegantes. Hoje está provado que só no primeiro anno da sua publicação se fizeram em Lisboa duas edições, que por sua grande similhança confundiram muito tempo os criticos e bibliophilos. Até o anno de 1613, epoca da separação de Manuel de Sousa Coutinho e D. Magdalena de Vilhena, as edições dos *Luziadas* eram já nove, desde a primeira de 1572 até á do referido anno de 16 3, que é a dos celebres commentarios de Manuel Correia, feita por Pedro Crasbeeck. Das *Rhymas* contam-se tres edições no mesmo periodo, a quarta fez-se no seguinte anno de 1614. Dois Autos tinham sahido na collecção do Prestes.

Nota C

E assim foi seu pae antes d'elle.................. pag. ‥

Lopo de Sousa Coutinho, pae de Frei Luiz de Sousa, era natural de Santarem, filho de Fernão Coutinho, e bisneto do segundo conde de Marialva, D. Gonçalo Coutinho. Serviu na India com muita distincão desde a edade de dezoito annos, no governo de Nuno da Cunha. Voltando ao reino, foi muito estimado de D. João III, que lhe deu o governo da Mina. D'alli tornou com a merecida reputacão de honestidade e zêlo; e succedendo na casa a seu irmão mais velho, Rui Lopes, que falecera, casou com D. Maria de Noronha, dama da rainha D. Catharina, de quem teve os seguintes filhos: Rui Lopes Coutinho, Lopo de Sousa Coutinho, Gonçalo Vaz Coutinho, Manuel (depois Frei Luiz) de Sousa Coutinho, João Rodrigues Coutinho, André de Sousa Coutinho, N... (que foi provincial dos Gracianos) e Jorge Coutinho, depois Frei Jorge de Jesus —Barbosa dá-lhe mais tambem uma filha, D. Anna de Noronha, freira nas Donas de Santarem.

Era Lopo de Sousa grande cultor das lettras e das sciencias, sabia a physica e as mathematicas, foi profundo na litteratura antiga e professava, como todos os bons espiritos do seu tempo, a poesia. «Uniu com tudo isto» diz o Sr. Bispo de Vizeu «grande religião, pureza de costumes e tal isenção no serviço do rei e da patria, que nunca solicitou premios, nem pediu compensações da fazenda que despendera largamente quando visitou os logares d'Africa, e *exercitou* o posto de capitão mór da armada da côrte. Tam nobres prendas e tamanhos serviços o faziam digno de respeito, a que obrigava ainda mais a sua presença veneravel; de tal sorte que até el-rei, se refere que «lhe não falava sem indicios de grande consideração.»

A phrase de Frei Antonio da Encarnação, é mais mimosa e portugueza: «A presença e gravidade da pessoa era tal, que dizem que o mesmo rei se *compunha* quando falava com elle.»

Escreveu varias obras, que aponta Barbosa: dois livros do *Cêrco de Diu*, Coimbra por João Alvares 1556, fol.; um livro da *Perdição de Manuel de Sousa de Sepulveda*, 4.º;—varias obras poeticas no *Can-*

cioneiro geral de Anvers 1570; traducções do Lucano e de Seneca tragico: e *Emprêsas de illustres Varões portuguezes na India*. Ms.—Frei Antonio da Encarnação menciona tambem escriptos mathematicos, provavelmente Ms. de que não ha outra noticia.

V. Prologo á II parte da *Hist. de S. Domingos*; Fr. José da Natividade, *Agiolog. Domin.*; *Histor. Genealog.* t. XII; e *Bibliothec. Lus.*; *Memor. da Academ. R. das Sc.*, de Lisboa, t. VIII, p. I. 1823.

Nota D

Aquelle mercador inglez da rua-Nova, que aqui vem ás vezes, tem-me dito suas cousas que me quadram. pag. 22

A rua-nova era o Chiado de então, a *rue de La-Paix*, o *Regent street* da Lisboa, capital d'aquella immensa monarchia que D. Sebastião ainda deixou. Cito outra vez a Relação ou viagem dos Venezianos Tron e Lippomani:

«Quando as ruas em geral são más e incommodas para andar, assim a pé como em coche, tanto é facil, deleitosa e bella a rua Nova pelo seu cumprimento e largueza, mas sobretudo por ser ornada de uma infinidade de lojas cheias de diversas mercadorias para uso de nobre e real povoação.»

(*Ms. da Bibl. real d'Ajuda.*)

Nota E

Herege d'esta seita nova d'Allemanha ou de Inglaterra, pag 22

Até em Portugal, o paiz mais exclusivamente catholico da terra, não deixou de fazer sua impressão a lucta pela liberdade religiosa que no seculo XVI tanto amotinou o norte da Europa. Até aqui a reforma teve, se não proselytos determinados, pelo menos seus admiradores que sympathisavam com certos principios proclamados pelos christãos dissidentes. Um dos caracteres mais illustres da epoca, e que mais illustravam então na Europa o nome portuguez, Damião de Goes, foi suspeito e accusado—cuido que não sem algum fundamento—de sua intelligencia com os reformistas de Allemanha.

Nota F

O escudeiro valido, o familiar quasi parente, o amigo velho e provado de teus amos........................ pag. 23

D'estes antigos familiares das casas illustres, ou que viviam a lei de nobreza, ainda na minha infancia conheci alguns representantes. Nas provincias, e principalmente nas do norte, até o começo deste seculo, o escudeiro não era um criado, era um companheiro, muitas vezes nem inferior em nobreza, e só dependente pela fortuna. Foi o ultimo vestigio do pouco que havia de patriarchal nos habitos feudaes. O escudeiro é uma figura caracteristica no quadro dos costumes portuguezes, emquanto os houve; e hoje mais interessante depois que se apagou toda a phisionomia nacional com as modas e usos extranhos, nem sempre mais elegantes que os nossos

Nota G

E' a minha unica filha: não tenho... nunca tivemos outra.. pag. 24

D. Magdalena de Vilhena, filha herdeira de Francisco de Sousa Tavares, capitão-mór do mar da India e das fortalezas de Cananor e Diu, e de D. Maria da Silva, sua mulher, foi casada em primeiras nupcias com D. João de Portugal, neto do primeiro conde de Vimioso, e filho do celebre D. Manuel de Portugal, que immortalizaram os versos de Camões; teve d'elle um filho que morreu moço, e duas filhas. D'estas, uma casou com D. Pedro de Menezes, da casa dos condes de Linhares, e não teve successão; outra, por nome D. Joanna de Portugal, casou com D. Lopo d'Almeida, avô do primeiro conde de Assumar, em cuja successão veiu a reunir-se depois a descendencia das duas casas, Portugal e Sousa Coutinho, pelo casamento de D. Diogo Fernandes d'Almeida com D. Joanna Thereza Coutinho. Singular coincidencia! observa com razão o Sr. bispo de Vizeu na sua Memor. cit.

Do segundo marido, o nosso Manuel de Sousa Coutinho, não teve senão esta filha, que Francisco de Santa Maria chama D. Anna, e eu D. Maria de Noronha, fundado na grande auctoridade de meu tio D. Fr. Alexandre, que assim o tinha emmendado

no exemplar de seu uso, e era homem de escrupuloso rigor em todos os pontos.

Nota H

Tam bom linhagem como os que se têm por melhores n'este reino, em toda Hespanha................ pag. 25

Do que fica dito na nota C a este acto, pag. 775, se vê que não ha amplificações n'estas expressões. Oiço aos praticos em genealogias que esta illustrissima familia dos Sousas Coutinhos, tam distincta por armas, lettras e virtudes, se extinguira completamente; e que os que hoje usam juntar os dois nobres appellidos ao seu nome têm muito pouco direito verdadeiro para isso—Dirão os genealogicos quanto ao sangue, e a opinião do publico quanto ao mais.

Nota I

Por todas as sejanas de Fez e Marrocos, por todos quantos aduares de Alarves ahi houve.............. pag. 26

Todos os nossos chronistas e escriptores de memórias do tempo chamam *sejanas* áquelles bairros ou districtos fechados das cidades de Berberia em que viviam os judeus, e aonde foram geralmente alojados e guardados os portuguezes captivos que esperavam seu resgate.

Nota K

Os embaixadores de Portugal e Castella tiveram ordens appertadas de o buscar por toda a parte........ pag. 26

Não só no breve reinado de D. Henrique, o cardeal-rei, mas ainda durante o do primeiro Philippe, II de Castella, estiveram lidando constantemente no resgate e protecção dos captivos christãos em Berberia e os dois agentes de Portugal e de Castella, que rivalizavam de zêlo e generosidade em seus nobres esforços.

Todos os escriptos do tempo dão testemunho d'este facto tam honroso para as duas côrtes de Hespanha.

Nota L

Mas não se ia sem apparecer tambem ao seu aio velho. pag. 27

Não é de invenção minha este argumento, que convence tam fortemente o bom do aio velho, e que me lisongeio de ser uma das coisas mais caracteristicas

e originaes que o observador não vulgar encontrará talvez n'esta composição. Tirei-o de um precioso thesoiro d'onde tenho havido quasi tudo o que em meus escriptos litterarios têm tido a fortuna de ser mais applaudido. O thesoiro são as reminiscencias da minha infancia, e o estudo que incessantemente tenho feito da linguagem, do sentir, do pensar e do crêr do nosso povo, que é o mais poetico e espirituoso povo da Europa.

Quero contar como me lembrou de pôr aquellas palavras na bocca de Telmo Paes. Eu passei os primeiros annos da minha vida entre duas quintas, a pequena quinta do Castello, que era de meu pae, e a grande quinta do Sardão que era, e ainda é, da familia de meu avô materno, José Bento Leitão; ambas são ao sul do Douro, ambas perto do Porto, mas tam isoladas e fóra do contacto da cidade, que era perfeitamente do campo a vida que alli viviamos, e que ficou sendo sempre para mim o typo da vida feliz, da unica vida natural n'este mundo.—Uma parda velha, a boa Rosa de Lima, de quem eu era o menino bonito entre todos os rapazes, e por quem ainda chóro de saudades apezar do muito que me ralhava ás vezes, era a chronista mór da familia, e em particular da capella e da quinta do Sardão, que ella julgava uma das maravilhas da terra e venerava como um bom castelhano o seu Escurial. Contava-me ella, entre mil bruxarias e coisas do outro mundo que piamente acreditava, que tambem n'aquellas coisas «se mentia muito;» que de meu avô, por exemplo, diziam que tinha apparecido embrulhado n'um lençol passeiando á meia noite em cima dos arcos que trazem a agua para a quinta: o que era inteiramente falso, porque ella estava certa que, se o Sr. José Bento podésse vir a este mundo, não se ia embora sem apparecer á sua Rosa de Lima.»—E arrazavam-se-lhe os olhos de agua ao dizer isto, luzia-lhe na bocca um sorriso de confiança que ainda agora me faz impressão quando me lembra.

A poesia verdadeira é esta, é a que sae d'estas suas fontes primeiras e genuinas; não são arrebiques de phrases tiradas de gregos ou latinos, de francezes ou de inglezes segundo é moda; nem rifacimentos exaggerados—hoje da semsaboria descorada da escola passigraphica que destingiu a nacionalidade de toda

as litteraturas no fim do seculo passado e principios d'este — ámanhan de quanto ha mais obsoleto e *irrevocavel* no stylo enrevezado, nas idéas confusas, nos principios indeterminados dos chroniqueiros velhos. A litteratura é filha da terra, como os Titans da fabula, e á sua terra se deve deitar para ganhar forças novas quando se sente exhausta.

Nota M

Esse desgraçado rei D. Sebastião, que o seu mais desgraçado povo ainda não quiz accreditar que morresse, por quem ainda espera em sua leal incredulidade. pag. 28

A incredulidade popular sobre a morte d'el-rei D. Sebastião começou logo com as primeiras noticias que chegaram ao reino da derrota de Alcacer Kebir. Querem alguns que as esperanças do povo fossem adrede sustentadas pelos que mais haviam instigado aquella triste jornada, para evitarem a responsabilidade de seus fataes conselhos. O facto é que no público nunca se acreditou bem na morte d'el-rei. E nenhum, de tantos que escaparam, nenhum disse nunca que o vira morrer. No epitaphio de Belem pozse a resalva *si vera est fama*. Os varios impostores que em diversas partes appareceram tomando o nome de D. Sebastião, em vez de destruirem, confirmaram as suspeitas nacionaes. O verdadeiro ou falso Sebastião, que foi entregue em Veneza e atormentado em Napoles, deixou duvidas profundas nos animos mais seguros.

Menos bastava para dar côr e crença á multidão de fábulas romanescas e poeticas de que se encheu logo Portugal e que duraram até os nossos dias. O sebastianista é outro caracter popular que ainda não foi tratado e que, em habeis mãos, deve dar riquissimos quadros de costumes nacionaes. O romancista e o poeta, o philologo e o philosopho acharão muito que lavrar n'este fertilissimo veio da grande mina de nossas crenças e superstições antigas.

Nota N

O (romance) da batalha.. que diz:
Postos estão, frente a frente,
Os dois valorosos campos .... pag. 29

Este romance que se cantava, diz Miguel Leitão, ao som de uma melodia simples e plangente, de que

elle na sua *Miscellania* nos conservou as notas, vem alli em castelhano; achei-o em Portuguez nos Apontamentos do cavalheiro de Oliveira, e tambem o publicou em portuguez A. L. Caminha, na sua *Collecção de Ineditos.*

No logar competente do meu *Romanceiro* o dou em ambas as linguas, sem me atrever a decidir em qual d'ellas fosse originalmente composto.

Nota O

D. Sebastião... que hade vir um dia de névoa muito cerrada .... pag. 30

Era opinião firme e corrente entre os derradeiros sebastianistas, e talvez ainda hoje o seja, porque me dizem que alguns ha ainda, que el-rei D Sebastião havia de vir n'um dia de névoa muito cerrada. Assim rezavam certas Prophecias populares.

Outro thesoiro de poesia nacional não estas Prophecias que ainda ninguem examinou philologicamente como ellas merecem. No meu *Romanceiro* procurei restituil-as ao logar e categoria litteraria que estou convencido lhes compete.

Nota P

Pois não tens ouvido, a teu tio Frei Jorge e a teu tio Lopo de Souza, contar como aquilio foi?............. pag. 30

Lopo de Sousa, irmão de Frei Luiz de Sousa ficou. captivo na batalha de Alcacer. *Hist. Geneal.*, t XII —Frei Jorge. estou persuadido que foi frade graciano—postoque as conveniencias dramaticas me fizessem adoptar a opinião de Touron e Echard. dando-o aqui por dominico.

Entre os que se renderam ás promessas de Castella para entregar Portugal foi, com bastante probabilidade, Rui Lopes Coutinho. o irmão mais velho de Frei Luiz de Sousa: d'onde, não se dariam muito irmãos de tam differentes sentimentos Por isso aqui não é apontado o seu nome. ainda que se achasse, como sabemos, na jornanada de Africa.

V. Faria e Sousa, *Europ.*, t. III. p. I.; e a *Mem.* cit. do sr. Bispo de Viseu.

Nota Q

Elles que andam tam crentes n'isto, alguma coisa hade ser.................................... pag. 30

Veja a nota M a este acto. E consulte o dizer de todos os escriptores do tempo: vêr-se-ha que o engano popular, se o era, recahia com effeito em muito grandes e fundadas suspeitas. Nunca uma pura falsidade chega a obter credito geral; é preciso que tenha algum fundamento: a imaginação do povo não é creadora, augmenta, exagera, mas não tira do nada.

Nota R

Elle não é por D. Philippe........................ pag. 30

«Se é como parece, somos obrigados a admittir com lastima este labéo (de se ter vendido a Philippe de Castella) na descendencia de Lopo de Sousa Coutinho, e a confessar que muito desdisse do desinteresse e dignidade de um pae tam illustre, e muito desprezou as lições da primeira edade o seu mesmo primogenito. (V. not. P a este acto.) Comtudo, á vista da mágoa profunda com que Manuel de Sousa Coutinho fala da fatal jornada d'Africa em tantos logares, e do patriotico enthusiasmo de que a cada passo nos offerece argumentos, é muito de presumir que o contagio nem tocou levemente o seu delicado pundonor.»

Memor. cit. do Sr. Bispo de Vizeu.

Nota S

Para que deixou elle o hábito... porque não ficou n'aquella santa religião............................ pag. 32

Manuel de Sousa foi a Malta, pouco mais ou menos, no anno de 1576, para noviciar n'aquella religião. Duvidam Frei Antonio da Encarnação e Frei Lucas de Santa Catharina se effectivamente elle seria já noviço quando o aprisionaram os Argelinos em uma galé da ordem, pois que o deixaram resgatar; e é sabido que tal não permittiam nunca aos cavalleiros maltezes. A opinião mais geral dos escriptores é porém que elle chegou a noviciar. E é certo que no anno de 1577 (segundo elle proprio escreve na P. I. Liv. VI, cap. 3 da *Hist. de S. Domingos*) estava captivo em Argel. D'ahi computa o sr. Bispo de Vizeu

que seria captivado pelo anno de 1576. Tomaram-n'o sahindo de Sardenha, conforme refere no prologo ás obras de Jayme Falcão.

Qui in Melitensi triremi adversa tempestate pene eversa a piratis ad Sardiniam capti, Algerium que in Africa trajecti.

Ahi «achou entre os captivos,» diz Barbosa, «o celebre Miguel Cervantes Saavedra, com quem contrahiu muito estreita amizade.» Ficou-nos testimunho d'esta amizade na linda novella de Cervantes, ***Trabalhos de Persiles e Sigismunda.***

Nota T

Agora que ella (a peste) esta, se pode dizer, acabada... é que por fôrça querem mudar de ares.......... pag. 33

A peste começou no fim de Outubro de 1598, estava quasi extincta pelos fins de Agosto do anno seguinte; mas no Outubro immediato *começaram a picar* novos *rebates*, *não acabando de levantar de todo até Fevereiro de 1602.*

Hist. de S. Domingos, P. III, L. VI, Cap. 10.

Nota V

A minha donzella Theodora.................... pag. 33

Ainda hoje, na phrase commum, a *Donzella Theodora* é o typo da sabedoria feminina mais superior. Todos conhecem o romance provençal, de genero e stylo byzantino, que, traduzido em portuguez, obteve egual acceitação e popularidade ao *Roberto do Diabo*, á *Formosa Mangalona* e seus pares.

Nota X

Para côrte e «buen-retiro» dos nossos cinco reis.. pag. 33

«Quinqueviratus ille invidiam sibi non levem conflavit, mihi inopinatum exilium peperit.»

Prologo de Fr. Luiz de Sousa ás *Obras* de Jayme Falcão

Nota Y

O terço de meu pae tem mais de seiscentos homens. pag. 34

«Praefecturam mihi imposuerat rex septimgentorum peditum, equitum ferme centum.»

Prolog. ás *Obras* de Jayme Falcão.

Marquez — Oh padre, padre! Vamos, a sua mão.

SOBRINHA DO MARQUEZ — *Acto III*, Scena XII

Nota Z

O conde de Sabugal, o conde de Santa Cruz...... pag. 35

Quando Philippe II sahiu de Lisboa em 1583, deixou por governador o Archiduque Alberto, auxiliado pelo arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida, Pedro d'Aicaçova, e Miguel de Moura, secretario. Em 1594, chamado Archiduque para o Arcebispado de Toledo, deu o governo a D. Miguel de Castro, novo arcebispo de Lisboa, aos Condes de Portalegre, de Santa Cruz, do Sabugal, e a Miguel de Moura.

Nota Aa

A (casa) que foi de... a que péga com San'Paulo pag. 36

D. João de Portugal, primeiro marido de D. Magdalena de Vilhena, tinha bens e casas do lado d'Almada. E não foram decerto estas as que incendiou Manuel de Sousa para resistir á prepotencia dos Governadores do reino: todas as probabilidades são que a scena do romeiro se passaria em uma casa que tivesse sido de D. João, pois estava alli o seu retrato. Ser ella pegada com a egreja e convento de San'-Paulo, é que sómente foi probabilidade poetica ou dramatica.

Nota Bb

Meu pae morreu desastrosamente cahindo sôbre a sua propria espada: quem sabe se eu morrerei nas chammas ateadas por minhas mãos?...................... pag 40

Succedeu isto na villa de Povos em Janeiro de 1577. V. Frei Antonio da Encarnação, Prolog. á P. II da *Hist. de S. Domingos.*

Nota Cc

Illumino a minha casa para receber os muito poderosos e excellentes senhores Governadores d'estes reinos. pag. 40

«Cum vehementer animo commotus essem, nova et inaudita metamorphosis indignantes parietes injuriae subduxit, in fummum et cineres abiere...»

Prolog. ás *Obr.* de Falcão.

O epigramma latino do mesmo Frei Luiz de Sousa, segundo o refere Barbosa, ainda é mais vehemente e elevado:

Quos flamma absumpsit reddet mihi fama Penates,
Ponet et æternam, non moritura domum.

Acto segundo

Nota A

As armas dos condes de Vimioso. São as antigas da casa de Bragança........ .... pag. 41

V. Memorias dos Grandes de Portugal por D. Antonio Caetano de Sousa.

Nota B

E o principio d'aquelle livro tam bonito .... pag. 4'

São effectivamente estas, que Maria cita gracejando, as primeiras palavras do mysterioso livro das *Saudades* de Bernardim Ribeiro, que tam popular foi entre nós, apezar, ou talvez pela mesma obscuridade, de seus enigmas e anagramas. Na rara edição, que agora alcanço, de 1559, têm alguma differença.

Nota C

Faredes o que mandado vos é .... pa.. 4'

E' o antiquado de «faseis», que Maria aqui emprega com graciosa affectação, para falar em estylo de donzella romanesca dando ordens ao seu escudeiro.

Ponho isto aqui porque sei que me notaram o archaismo como improprio do tempo; era-o com effeito no seculo XVII em que ahi estamos, se não fôra trazido assim.

Nota D

A ousadia reflectida que está n'aquelles olhos rasgados, no apertar d'aquella bocca .... pag. 45

De todos os retratos de D. Sebastião que sei existirem, creio que o mais authentico é o que está, ou estava pelo menos até 1832, em Angra na ilha Terceira, no palacio do governo que antigamente fôra Collegio dos Jesuitas. E' tradição ter sido para alli mandado por el-rei mesmo em sua vida. Muitas vezes contemplei longamente aquelle retrato na minha mocidade, e por elle é feita a descripção que puz na bocca de Maria.

Nota E

Pois não ha prophecias que o dizem? .... pag. 45

Veja a nota O ao primeiro acto, pag. 94.

Nota F

Quando o vi a ultima vez... foi no alpendre de San Domingos em Lisboa .... pag. 45

E' sabido que o nosso illustre poeta passou os ultimos tempos da sua vida na conversação e intimidade dos bons padres de San'Domingos de Lisboa, e que reviu e alterou em muitas coisas o seu poema pelo conselho e aviso de alguns varões doutos que abundavam n'aquella ordem, e de quem era tam estimado quanto foi mal visto e perseguido dos Jesuitas. O alpendre de San'Domingos é dos sitios mais historicos de Lisboa. Alli se passaram muitos dos memoraveis successos das nossas revoluções, alli se fizeram e desfizeram reis, alli levaram os povos muito engano e desengano. Era logar de commum frequencia para ociosos e negociosos, que o habito geral e a popularidade dos padres alli attrahia.

Nota G

San'Telmo seja commigo n'este cabo da navegação pag. 45

San'Telmo (San Pedro Gonçalves Telmo, da ordem dos dominicos) é o advogado dos mareantes. Todos sabem o que é o fogo de *San'Telmo* em que a nossa gente do mar não quiz nunca vêr o phenomeno natural senão o annuncio da protecção do seu santo.

Nota H

Lá foi Luiz de Camões n'um lençol para Sant'Anna pag. 45

A egreja de Sant'Anna, hoje do convento de freiras do mesmo nome, era então parochia. Veja o que a este respeito escrevi nas notas ao poema *Camões*, I vol. d'esta collecção.

Nota I

Não te lembras o que lá diz do nosso rei D. Sebastião? pag. 46

A invocação a D. Sebastião, nos *Luziadas*, parece escripta depois da primeira jornada d'el-rei a Africa; não é um tributo de van lisonjaria, como a do *Orlando* ou a de *Jerusalem* e as de quasi todas as outras epopêas modernas; mas o enthusiasmo ardente do guerreiro, a offerta sincera do patriota que põe á disposição do seu rei mancebo e emprehendedor «o braço ás armas feito» e «a mente ás musas dada.»

D. Sebastião era talvez homem para sentir o valor da offerta: mas tinha uma côrte, como são todas as côrtes, em que só tem valia e valimento a baixeza covarde e a intriga sem merito: Camões foi tratado como devia ser.

Nota J

Então para que fazeis vós (versos) como elle? .... pag. 47

Além do bello epigramma que já citei na nota Cc ao primeiro acto, pag. 97, restam-nos alguns outros fragmentos de poesias de Frei Luiz de Sousa que bem mostram quanto era intimo no commercio das musas. Alguns versos do seu poema *Navegatio antarctica* conservados por Barbosa, e em que elle encarece as saudades da mulher e da filha, são dignos de se recordarem:

Quin et curarum fluctu contundor acerbo
Dum, procul a patria, toto jam dividor orb,
Et subeunt conjux, et natae dulcis imago.

No prologo ás *Obras* do seu amigo e mestre, Jayme Falcão, assim descreve elle Almada e a vida poetica e descuidosa que alli vivia antes que o obrigasse a emigrar a prepotencia dos Governadores. *Locus Ulyssiponi imminet brevi freto interfluente Tago, saluber cœlo, fontibus exuberans*, musaram otiis *commodissimus.*

Mas que não tivessemos nenhum d'estes documentas na suave melancholia, nas sinceras bellezas da prosa de Frei Luiz de Sousa, tinhamos segura próva de que, na mocidade e no seculo, devia ter sido grande poeta quem, na velhice e na religião, escrevia d'aquella prosa. Ha, na *Vida do Arcebispo* e na *Historia de San Domingos*, trechos de poesia descriptiva — de drama — aspirações de quanto ha mais sublime e elevado no coração humano — que são modellos perfeitissimos d'arte, verdadeira reverberação do ideal em que unicamente está, e esteve sempre, a genuina poesia.

Nota K

E' raro ver tam perfeita similhança.............. pag. 48

Devia de ser extremamente parecido um retrato que pôde ser immediatamente reconhecido pelo pe-

regrino que apenas tinha visto a D. João em Jerusalem no fim de tantos annos e depois de tantos trabalhos. E assim é como a historia se conta pelos biographos de Frei Luiz de Sousa. No presupposto do presente drama, a explicação é mais facil e podia ser outra.

Nota L

O vosso convento novo de freiras abaixo de San Vicente.. pag. 49

Este convento, instituido por causa do religioso divorcio dos condes de Vimioso, D. Luiz de Portugal e D. Joanna de Castro Mendonça, esteve interinamente, desde 1607, n'umas casas que foram de morgado, dos campos abaixo de San' Vicente do Fóra e sobre o bairro de Alfama. Só em 1616 é que se mudaram as freiras em solemne procissão para a nova e propria casa *sobre o rio*, *junto á ponte de Alcantara.*

V. *Hist. de S. Dom.*, T. III, Cap. XV.

Nota M

Sexta feira! ai que é sexta feira.................. pag. 50

Em algumas partes do reino a terça é mais aziago dia ainda do que a sexta feira. Esta porém, não só entre nós mas em quasi todo o mundo, é havida por dia nefasto e de máo agouro.

Nota N

Olha a condessa de Vimioso, esta Joanna de Castro, que a nossa Maria tanto deseja conhecer..... .... pag. 51

E' altamente interessante ver como o mesmo Frei Luiz de Sousa narrou depois a historia d'esta separação, que fôra o exemplar da da sua

V. *Hist. de S. Dom.*, P. III, Cap. XV.

Nota O

Um captivo, um remido? — Não, senhora, não traz a cruz.. pag. 56

Os remidos traziam um escapulario branco com a cruz da ordem das Mercês ou da Redempção, que entre nós se chamou da Trindade. São frequentes

nos nossos escriptores as descripções da solemne procissão em que davam como a sua entrada publica no seio da christandade a que eram restituidos os captivos. Com aquelle signal, que a todos inspirava respeito e sympathia, esmolavam depois pelas terras e muitos ajuntaram quantias avultadas.

Acto terceiro

Nota A

Frei João de Portugal, que é o prior de Bemfica, e tambem vigario do Sacramento........................ pag. 66

«Frei João de Porugal foi prior de Bemfica, vigario do convento do Sacramento, inquisidor da mesa grande, e ultimamente bispo de Vizeu de 1625 até 1629 em que acabou uma carreira de bom exemplo.»

Memor. do sr. bispo de Vizeu; V. *Frei. Luc. de S. Cath*, P. IV. L. I; *Collecção dos Doc.*, da Acad. R. de Hist. etc.

Nota B

O segredo do seu nome verdadeiro está entre mim e ti .... pag. 66

Seja verdadeira ou não a historia da apparição do peregrino em casa de D. Magdalena, ella foi geralmente acreditada até ás judiciosas duvidas do sr. bispo de Vizeu, que não passam de duvidas comtudo. Fazer do peregrino o proprio D. João de Portugal, foi supposição poetica, todavia bem provavel e possivel, e que mais facilmente explicaria todas as circumstancias mysteriosas d'aquella apparição e das suas consequencias.

Nota C

Para a cabeça (encanecer) bastou uma noite omo a que veiu depois da batalha d'Alcacer .... pag. 70

Ha muitos exemplos de encanecerem gentes de repente por grandes medos ou desgostos. São justamente celebrados os versos de Lord Byron que se referem a este notavel phenomeno, no *Prisioneiro de Chillon.*

My hair is gray, but not with years,
Nor grew it white
In a single night
As men's have grown from sudden fears.

Nota D

Diz-lhe que tudo isto foi vil e grosseiro embuste dos inimigos d'esse homem........................ pag. 71

Talvez assim fosse, com effeito. Nem o padre Encarnação, nem nenhum dos outros que referem a historia do peregrino, dizem o que foi feito d'elle: e a explicação mais plausivel que a tam estranho successo achou o bom do padre, foi que sería talvez um anjo mandado por Deus para chamar aquellas duas almas ao céo, pelo caminho do claustro. E' quasi uma sahida dramatica, das que tanto incorreram na censura de Horacio: *nec Deus ex machina.*

Nota E

E tem um filho elles?... Eu não................. pag. 71

D. João de Portugal teve, de D. Magdalena de Vilhena, os filhos que vão enumerados na nota G do acto I, pag. 90. Não designando Telmo o sexo do filho de Manuel de Sousa, fica natural e possivel a reflexão de D. João aqui.—Além d'isso, ao drama e á posição das suas pessoas, como o auctor a concebeu, e ao interesse que elle queria concentrar todo n'esta unica filha de Manuel de Sousa, não convinha considerar por nenhum modo os filhos da primeira união de D. Magdalena de Vilhena.

Nota F

Todas estas coisas são já indignas de nós........ pag. 74

As palavras que Frei Antonio da Encarnação põe na bocca de Manuel de Sousa, n'esta occasião, merecem appontar-se aqui:

«Chegando elle (Manuel de Sousa) de fóra, ella lhe relatou tudo o que tinha passado com o peregrino. e o mais que tinha visto seu irmão, o mestre Frei Jorge, e assim, que visse o que na materia se devia fazer. Não se suspendeu, mas respondeu logo, dizendo: Até agora, senhora, vivi em boa fé comvosco: e creio de vós, que na mesma fé vivestes commigo; porque fio de vós que não casarieis outra vez senão tivesseis por certa a morte do vosso primeiro marido.. O que convem mais, é fugir para o sagrado da religião... etc.»

Prologo á II P. da *Hist. de S. Dom.*

Nota G

De profundis clamavi ad te, Domine.............. pag. 75

Tive conselhos para não pôr em latim estes bellos versetos do Psalmo penitencial que faço cantar aos frades. Não cedi, porque era faltar á verdade, e diminuir a solemnidade da impressão que a lingua latina inquestionavelmente produz nas cerimonias da egreja. Mostrou-me a experiencia que eu é que tinha razão.

N'um poema narrativo, teria feito como fiz no segundo canto do *Camões*, que traduzi os versos de Job: em drama, o que se representa deve ser o mais proximo possivel do que effectivamente se passou, ou devia de passar.

APPENDICE

JUIZO CRITICO SOBRE FREI LUIZ DE SOUSA

Advertencia dos editores

Extrahimos da *Revista Universal*, publicação litteraria bem conhecida, e damos aqui, em appendice, o juiz critico de *Frei Luiz de Sousa*, que alli appareceu, e que obteve geral acceitação, tanto pelos profundos conhecimentos d'arte que o joven escriptor n'elle desenvolveu, como pela concisão com que tratou as mais vastas questões estheticas e moraes que o assumpto suscitava, e sem as quaes não podia ser dignamente examinado. O sr. Luiz Augusto Rebello da Silva mostrou que era capaz de subir a altura das grandes considerações em que hoje está envolvida a litteratura; e com os francos e justificados louvores que lhe tributa, associou o seu nome á gloria litteraria do nosso auctor.

FREI LUIZ DE SOUSA

A ideia progressiva que revolve a sociedade actual, na expressão litteraria, criou uma critica sua: já se não sabe, nem que se soubesse, se podia moldar o *bello* moderno pelos baixos relêvos de Pompeia: o pincel de David, còrrecto e verdadeiro na copia, era todo romano como os Horacios,—quebrou-se deante de *Meduza*:—a estatua no quadro sahia grandiosa e sublime nos traços do mestre, mas sempre estatua: e hoje a poesia hade retratar a vida em todos os seus aspectos—no interno, o mysterio intimo do coração e da alma nas suas luctas e tormentos—no externo, todas as côres e matizes, todas as attracções,

todas as antinomias, laços umas vezes claros, outras quasi invisiveis—invisiveis de todo, que ligam o Prometheu á sociedade, que o põem d'alvo ao espectaculo tristissimo; á profunda tragedia da humanidade em todas as suas variadas fórmas de vêr, sentir e padecer.

Antigamente custava pouco o ser Frazon: estendiam o escriptor no leito do Procusto, e o afferiam desapiedadamente por uma medida herdada de Stagyra ha dois mil annos; desconjunctavam-n'o até dar a altura requerida n'aquelle bemaventurado codigo penal de Aristoteles; e para lhe tapar a bôcca no meio das intoleraveis dôres d'estes tratos inquisitoriaes em vez de fel, faziam-lhe engulir, em doses enormissimas, centos de paginas copiadas da *Pratica de Theatros*, do reverendo Aubignac, mil vezes mais custosas de tragar do que o absintho mais amargo. Tudo isto tinha seus laivos de similhança com a vara legal do recrutador; os infezados afugentavam-n'os com um par de golpes puxados d'alma; os gigantes ficavam a marcar o passo e a fazer exercicio pelos doze tempos prussianos.—Era delicioso.

Esta existencia, que deixou saudades, foi dura de vida: chegou-lhe a sua hora extrema; chamaram-lhe indecente e aristocrata, e morreu no garrote de revolução, ás mãos do velho Ducis, como hecatomba sagrada aos manes do honrado Shakespeare.

E era justiça. A academia de Richelieu, atrazada um seculo, como todas as academias, tinha afogado o *Cid* logo á nascença; La Harpe cravára de settas o poeta inglez e a scena hespanhola—andaram a levantar um calvario, onde depois a philosophia de Kant e a critica allemã pregou na cruz adoradores e idolos: trocou-lhes a regalada festa do banquete olympico em desconsolado desterro; emparedou-os nos armarios sepulchraes das bibliothecas; correu-se o véo que escondia Borgia, acabou o *ipse dixit*, miraculoso santelmo dos lances apertados. Partidas aos pedaços as andadeiras e muletas classicas, já os invalidos greco-romanos não podiam nem ousavam dar passo: pararam e foram-se sentar ao soalheiro da praça, de cabeça pendida e olhos chorosos, a vêr as turbas derribar e arrastar pelo lodo a estatua de Pasquino—o povo não entendia ainda o *post fata, quiescit*!

Mas as actas do concilio classico estão registadas no *Spectador* do secretario do conde Wharton; do virtuoso Addison, aquelle mimoso poeta do *Catão*, que nos offerece o exemplo da maior atrocidade humana na teima de tentar á força empalmar as notas da opera *Rosemunda*, com a mesma semcerimonia com que os seus amabilissimos conterraneos mettem o braço até ao cotovello pela bolsa dos outros reinos. Deus lhe perdoe, aonde quer que está, os artigos e a furia musicante.

Felizmente agora, outras ideias de arte demandam outro escalpelo critico; em tudo, mas no romance e no drama especialmente.

Aqui falâmos só do drama.

Raro se desata robusto e viçoso o theatro com as primeiras flores da litteratura de qualquer nação; tem aquella lyra cordas mui subtis, delicadezas melodicas mui altas para soffrer que a ensaiem dedos inexperientes. O frontão do harmonioso templo das musas gregas levantou-o a tragedia de Eschylo; ornaram n'o as creações de Euripedes, mais puras e sentidas; completou-o a Melpómene tam casta e reflectida de Sóphocles.

A scena hespanhola veiu depois de Cervantes, que mal a antevira; mas purificou-se debaixo dos dedos de Calderon, das impurezas de Lope da Vega, dos choutos de Gongora. Shakespeare tirou a ingleza do pego da semsaboria do mais estragado gosto euphoistico, peor cem vezes do que o tumido castelhano, que tinha muita coisa boa para resgatar a sua intoleravel affectação.

Ainda hoje a hesitação da poesia n'este ramo está provando que a arte vacilla incerta; a esthetica ainda não assenta em bases solidas.—Esta arvore quer a terra já revolvida para deitar bons fructos, quer o ar livre de furacões que a não desarreiguem á nascença, só pega bem em terra propria; é como a sensitiva, encolhe e fecha, se lhe falta o sol da patria; se lhe negam o céo e as nascentes do clima onde nasceu; nas estufas murcha e morre.

E' que nenhuma ha mais nacional : e deve-o ser, ou não é nada.

O theatro é quem retrata, a côres fieis, as feições moraes de uma nação, que aponta o caminho que ella leva andado na estrada legitima da civilisação,

quem firma as raias do seu progresso intellectual em todas as relações variadas com o mundo externo; porque o drama, que é devéras, pinta a vida d'alma, da epoca e da arte. E' o espelho do estado social, a que revê todos, até os mais imperceptiveis traços do grande vulto chamado povo.

No fundo do quadro está o pensamento: a ideia una da actualidade, no seu aspecto multiforme.— Pensamento, ideia profunda sempre, que se enlaça como o invisivel pelas aspirações religiosas, com o interno pelos fios da tradição, dos costumes e das crenças do passado, porque a eternidade não é negativa, mas absoluta; não significa termo de tempo, significa plenitude indivisa. Deante da arte, na sua expressão symbolica, na sua fórmula philosophica que é a eternidade? a morte! Se a arte é a imagem da creação! a vida? A vida, sim, mas essa vida immensa, amplissima e mysteriosa, composta do que foi e do que é: vida em que o passado se transfunde no presente, em que o presente se enriquece com os elementos das edades mortas, para legar uma herança doirada de esperanças, de lições, de futuros; herança que passa em deposito das gerações que hoje se revolvem da terra ás que não viram ainda o *fiat lux* do verbo de Deus. A arte encerra em si o passado e o presente; tem nas mãos o talisman do futuro, o pômo da vida ou o pômo da morte; é já do que hada vir pela sua aspiração etherea, está entre o mundo externo e o mundo invisivel. Gera-se da fé do que é sublime, na admiração do que é grandioso na sua belleza vive pelo amor. O amor intrinseco, intimo, indivisivel, que tirou da natureza o symbolo, que assentou aos umbraes do tumulo a esperança para receber o suspiro extremo do que morre na terra, para trocar nas vestes candidas da pureza o lucto da desesperação, para ferir com a vara a rocha, e brotar da aridez da amargura a fonte da consolação suprema. Aonde acabava a arte antiga começa a nova. Na fronte do que expira rompe o sêllo do nada, e com os olhos nas myriadas de espectaculos divinos, quebra a loisa e os grilhões, e aponta para a aurora da glorificação, que vem rompendo sobre a immobilidade das trevas interiores.

D'este ponto maximo deve a critica alongar a vista até á perfeição secundaria dos meios plasticos; já não

representa o papel do povo romano nas luctas do circo, não é para medir com a vista a elegancia do rosto, a ardileza e porte engraçado do gladiador, que ella se fez; não é para se ficar imbellecada deante da formosura das fórmas e apuros das côres; mais se lhe requer; tem maiores brios hoje, maiores responsabilidades. A fórmula sensual e terrena do pagão morreu no dia em que a primeira gotta de sangue do martyr se embebeu nas areîas do amphitheatro para consummar o sacrificio—que renascia o mundo novo das cinzas do mundo velho, que infundia no coração humano outro paraizo intellectual, esperançoso e santo que este seculo, herdeiro dos desvios e experiencias de mil e oitocentos annos, hade encarnar na poesia, e desenvolver até o completar na sua ultima e ainda desconhecida expressão.

Rasgou-se o véo do templo, e veiu a regeneração da arte a par da regeneração do homem. Nasceu a poesia saudosa, chorada n'alma, sentida do coração, inspirada e espiritual; poesia variada nas fórmas mas una na expressão intellectual; caminhando umas vezes da fé para o mundo, como Dante, Milton e Klopstock; atirando se outras do mais agro da peregrinação aos braços da religião a verter-lhe no seio uma lagrima ardente, que na procella dos affectos abrazados fica sellada no sepulchro da existencia material, além da qual o espirito vôa solto nas suas dores mais espinhosas, a buscar o nardo, o balsamo que lhe ameigue as chagas cortadas n'alma — como nos suaves canticos de Lamartine, no melancholico e profundo Chateaubriand, no puro e mavioso Schiller.

Só o bello, que é eterno sempre, da natureza e da humanidade soffre este painel, o invisivel do mundo superior e espiritual não se póde tomar para primeira luz do quadro, sem descahir muitas vezes nos erros dos que o tentaram já: foge ao pincel, retrae-se da imagem o abstracto puro. Mas o fim da poesia é enlaçal-o, traval-o com a vida terrestre, nas suas aspirações e varias tendencias. O presente, que só por si destroe as mais das vezes, pela approximação, todo o ideal, funde-se no quadro, se o recuarmos com o esplendor vicejante das crenças, com o clarão das paixões nobres ou tremendas, com a reflexão da actualidade em todos os seus aspectos até um pas-

sado rico e glorioso; se entertecemos o matiz de cores vivas, e cambiantes acertados, com as lendas e tradições, com o thesouro poetico da nação, assim visto de longe, quando no frouxo e esbranquiçado crepusculo dos seculos apenas resplandecerem no horisonte os vultos colossaes dos grandes feitos e dos grandes nomes. A arte revê mais livre a sua idealidade, fica mais arte e mais e mais poesia, afastada da imitação mediata e quasi sempre servil do que palpamos com os dedos, do que o habito tornou raso e prosaico. Tem-se feito, mas poucas vezes com felicidade.

D'esta relação do tempo com a poesia nos dá Homero exemplo: o passado nos seus versos revê o presente palpitante e formoso, sem resvalar no commum da copia.—Em Ossian, no *Niebelungen*, nas tradições poeticas do norte apparece o mesmo, sempre o mesmo.

D'esta altissima theoria d'arte filha da meditação allemã, nasceu o drama *Fr. Luiz de Sousa*. O nosso poeta tomou a base terrena para d'ahi alargar os traços: as memorias saudosas, as glorias, o viver e sentir e crêr do tempo offereceram-lhe o colorido magestoso, que realça n'esta sua obra, a mais profunda e portugueza de quantas excellentes e primorosas temos já da sua penna.

E' o que veremos na analyse mais attenta e miuda que tentamos, receiosos comtudo de desfigurar a belleza e perfeição de uma creação dramatica, original na fórmaa e no pensamento, fundamental para a eschola de um theatro que deveras seja nosso, e não copiado sem pudor dos reportorias estrangeiros.

A historia tam sabida de Fr. Luiz de Sousa parecia entre as nossas tradições, propria a resolver um grave problema d'arte: os atavios com que um estrangeiro a quiz ornar, não sei se despindo-a do singelo antigo, lhe estragaram a ingenua belleza, em vez de a realçar: se compararmos o romance de Mr. Denis com o drama portuguez, fica, a nosso vêr, corrente esta opinião de leve esboçada no prologo do sr. Garrett. O assumpto que á primeira vista se affigura o mais dramatico, olhado de perto é insufficiente para se fundir n'uma peça; a não o carregarem de côres postiças, de traços falsos que necessariamente hãode desmentir a verdade, que é o seu

maior enfeite; o nosso Poeta, das entranhas do facto, tirou a sublime creação que liga e enriquece a obra, conservando-lhe o mimo, o ideal e a riqueza lyrica, depurados de matizes extranhos, que cabem mal, quasi sempre, que sempre lhe desfeiam as feições severas, prostituindo-lhe a nobreza a requebros fingidos e fóra do natural.

N'aquella edade em que os affectos e as paixões, sem se apagarem, vão mais fundos, e saltam menos á superficie, a linguagem arrebatada e as pompas de amores gastos, ridiculos já, se os pintarem com o fervor proprio de annos verdes servem só de remendar com retalhos inviusados a tela da vida: de roubar á tragedia a formosura graciosa, séria compostura, para lhe substituir as lantejoilas, as bordaduras de ouropel, com que alguns bobos cegam os olhos de longe, á força de copiar as dobras variegadas do seu manto de histriões.

Estes assumptos, que requerem a simplicidade do antigo theatro, se lhes mudam a natureza, ficam contrafeitos, sem poesia, sem verdade: e d'esses aleijões não se curam. Galas de peralvilho, espartilho hygyenico, que, em se desatacando, larga tudo a rir, por pouco enganam; vê-se logo o estafermo torto e desenxabido que alli anda entalado; uma coisa parecida com a resurreição truanesca: cada almofada, cada atacador a voar da mumia, e a ossada nua que vem surdindo: depois um quasi esqueleto de Mathusalem! eis em que param os taes arrebiques, as bellezas de emprestimo!

Ora havia ter que vêr e muito que rir, andados tantos annos de casamento, o serio Manuel de Sousa Coutinho, tam reflectido, tam sabedor, e a virtuosa e casta D. Magdalena de Vilhena, sós, dentro de um casarão neogothico, a declamar, em cantochão de frades, sedicos galanteios, furias apaixonadas de namoricos imberbes! Deus o levaria em conta ao auctor, que o reino do céu é dos pobres de espirito. Tinha já o passaporte para lá.

O sr. Garrett, com o seu gosto apurado e alto engenho, deu de mão a estas molas enferrujadas, cansadas de todo, viu que a melancholia resignada, a uncção religiosa, não sei de que suave e triste, que chega logo dentro a quem lê uns trechos do melhor prosador portuguez, deviam de revelar, transparecer

algum reflexo das agonias occultas d'aquelle coração robusto, d'aquella alma inteira que se não abalou com o furacão repentino do temporal; que o affrontou de pé, fugindo nos braços da religião á maior, á mais acerba dôr de quantas cortam chagas vivas dentro do peito.

Esta resignação quasi sobre humana com que se consummou o sacrificio, com que o coração curtiu, sem estallar alli, as maiores angustias, os espantosos tratos moraes que a cada hora crescem e o dilaceram, podia parecer demasiado sublime no theatro, se a não precedesse um painel, onde se pintassem ao natural as feições historicas d'aquelle nobre caracter; se o poeta não adivinhasse esta duvida, e lhe não respondesse com a maior acção que viram aquelles tempos de lodosa e torpe covardia civica.

Representar o generoso e severo Manuel de Sousa Coutinho, erguendo-se recto e firme no meio de tanto arbusto infèzado que levantara a copa ousadamente, e se vergava agora servil ao sôpro lisongeiro do Escurial; mostral-o a pagar á sua custa a divida honrada de um reino inteiro, com a maior lição que nunca um homem só dera a uma terra, e a uma gente degenerada, a estrangeiros e a estrangeirados ainda peiores cem vezes; pôl-o deante do mando absoluto dos governadores, a resistir-lhe, ao passo que o celebre defensor de Diu, D João Mascarenhas, com os pés dentro da cova, estendia a mão para acceitar o preço da infamia por que vendera Portugal a Castella; e fechar o quadro com aquellas palavras tam portuguezas, tam verdadeiras, no meio do incendio; largar-lhe de corrida os tristes presentimentos de D. Magdalena deante do retrato a arder; aquelles sustos e agoiros tam proprios de mulher que se teme, sem poder dizer de quê, tudo falado em dialogo singelo, natural, sem poesia de emprestimo nas palavras, sem as imagens altisonantes que só apparecem para esconder a pobreza lyrica das situações, do pensamento e do fundo do drama; tudo isto prova que o auctor, e já o tem mostrado assás, conhece profundamente os mysterios do coração humano, das contradições perennes dos affectos;—é ver de muito alto as combinações mais sublimes da arte, encarnal-as na natureza, olhal-as á luz da epoca, e correr-lhe um pincel facil, delicado e gracioso como o do Corregio,

que deita a fugir, os toques magicos, quasi sem ostentar que os sabe. E' possuir, até nos relêvos menos apparentes, nos que só aventuaram com felicidade grandes engenhos, a verdadeira perfeição, que não faz gala do primor, dos esmeros embellezados de correcção miope, que não são, nunca podem ser de mestre.

Na desgraçadissima batalha de Alcacer Kibir, em que os areaes d'Africa beberam o sangue da flor da nossa nobreza, cahiu tambem D. João de Portugal, primeiro marido de D. Magdalena de Vilhena: as diligencias e indagações, que sua esposa arriscou, por aduares de moiros, por bazares de escravaria, para descobrir se acaso gemia captivo e perdido entre tantos e nobilissimos cavalleiros que se disfarçaram por não accrescentar o resgate, provaram claramente que o alfange dos filhos do Islam cortára, com o cedro real, um dos mais robustos guerreiros que o defendiam, n'este duello entre duas crenças, — entre a velha Europa e a soberba Africa!—O cadaver de D. João lá ficara a par do rei, como penhor da victoria, exposto ao sol abrazador dos sertões. Pelo menos todos o acreditaram: já não era crime o amor ardente que D. Magdalena tinha a Manuel de Sousa Coutinho, amor sumido dentro da alma, calado sempre, e que então, só então, se revelou: casaram, e nunca, por largos annos, um vislumbre de suspeita lhes envenenou as alegrias d'este viver tam innocente e socegado.

A volta de D. João ao reino, e a separação dos dois esposos, sendo, como é, um lance essencialmente tragico, não basta só por si para dar um drama: entertecer-lhe lavores extranhos, correr-lhe tres passes de espada preta, especie de embrocata ou punto-riverso, com que os modernos Vicentios Saviolas da esgrima theatral cortam as difficuldades, deitar-lhe por cima uns enredinhos á Lope da Vega, era estragar o assumpto e crear uma pessima obra. O sr. Garrett apartou-se sem cerimonia dos sans-culotes do romantismo tonto, e dos estafermos classicos, que para tudo têm promptas as suas dóses hemœopathicas; voltou-se para a simplicidade da tragedia grega. Sem beaterio e com as situações moraes, com os santos affectos, com a virtude singela, e limpa de arrebiques, alcançou o maior triumpho.—O terror e

a compaixão, a lyrica mais profunda, os grandes lances das paixões reaes da existencia, repassaram-se-lhe debaixo dos dedos de um ár, de uma côr, de um natural tam portuguez, tam verdadeiro e tam do coração, que n'aquelle auditorio escolhido, aonde leu a sua peça, nem um rumor nem um lançar de olhos se percebia. A tragedia moderna, á vista do seu *Fr. Luiz de Sousa*, já ninguem dirá que é impossivel: achou-a, é sua. Schlegel, Antonio Allegri, Schiller, e ultimamente um poeta francez de fama, já tinham demonstrado que se podia fazer: mas, e não se estranhe á conta de vangloria o que os entendidos sabem que é justiça rigorosa, aquelles escriptores parece que se dão mais á imitação das fórmas, do que a sondar, com o prumo da boa critica, o fundo da poesia grega: o nosso poeta entendeu-a e soube transplantal-a. Os presentimentos, os agoiros, a tradição e as glorias nacionaes, que aproveitou com tanto primor, dão-nos um retrato mais fiel do sentido da arte antiga do que a copia mais ou menos livre do seu theatro na parte plastica. Foi por isso que, tomando para primeira luz do quadro, não a separação dos dois esposos pela volta de D. João, mas as consequencias que d'ahi resultavam a uma filha unica, criada entre tanta meiguice, e tam estremecida de ambos, suppriu, com o interesse d'esta situação sublime, a falta de acção do facto principal. Disseram ahi que era meio velho, usado já no theatro grego! Desde que ha mundo, ha amor de pae; mas a expressão, as circumstancias, o nó que este desaperta, é o mais perfeito, mais original, mais profundo que até agora nos apresentou o theatro.

Aquella filha, pura rosa virginal ainda em botão, traz já no seio a morte: vae murchando a pouco e pouco nos braços da mãe, deante dos olhos do pae; e não o percebe a innocente: a febre devora-a lentamente: cada dia desprende uma folha, e adeanta um passo tremendo para o tumulo. Aos treze annos, em que a vida se desata tão florida de esperanças, em que se alarga descuidada por futuros doirados, ella vê a campa a vacillar, erguida ao despedir da estação das flores; mais esta flôr irá dormir com as outras no frio berço da morte. E todavia nem o suspeita: como acontece na tysica tem uma fé viva de que não padece, adivinha coisas que espantam na

sua edade, solta uma ligeira ironia de criança, um riso que despedaça, um talento, um acêrto, uma agudeza que é como o ultimo lampejar da lampada quasi extincta. N'este caracter tão novo e difficil, o sr. Garrett copiou a natureza, estudou, sentiu profundamente esta contradição que punge, que dilacera; a vida quasi apagada que se abraça com o mundo e não descobre o sepulchro que a chama.—O contraste é mais lyrico, mais melancholico e commove mais do que as tristezas e os suspiros do que se despede da terra, porque já antevê a morte.

E sobre a dôr dos paes, que a vêem caminhar para lá, a realidade, que se levanta entre elles para os arremessar do meio da existencia amena que levavam, para a solidão do claustro, aquella separação, aquelle ferrete de infamia que a sociedade vae pôr na fronte candida da filha dos seus amores! São as scenas mais tragicas que conhecemos, as do III acto do sr. Garrett, em que o pae tam extremoso sente uma alegria horrenda ao contar os instantes que medeiam entre o cahir da ultima folha do lyrio, e a hora em que tem de se consumar o seu suicidio moral: aquella hesitação, aquella lucta cruelissima, que remata na capella com o ultimo suspiro do anjo que vôou para o regaço dos outros anjos.

Que nos digam se ha lances mais sublimes do que este padecer de horas, que comprehende todos os supplicios possiveis; exemplo maior de resignação, poesia mais intima do que as ultimas palavras que fecham o drama, sahidas da alma deante do cadaver da filha e ao pé da triste mãe! Todo este acto é o maior esforço dramatico de que temos noticias. Os affectos, os contrastes, a scena de Telmo Paes com o Peregrino, o equivoco d'este ao ouvir as vozes de D. Magdalena, as esperanças e apêgo que ella tem a seu esposo, a força de animo de Manuel de Sousa, são bellezas que rara vez sáem tam perfeitas da mesma mão. A ultima scena que resume o drama, que o moralisa, a scena em que a victima vem morrer de vergonha e de dor, não se imita nem se pinta; escreve-se só uma vez.

L. A. Rebello da Silva.

A SOBRINHA DO MARQUEZ

Esta lucta continua em que anda a humanidade — e a que parece não haver termo na duração dos seculos — varía comtudo de objecto e de contendores segundo as epocas.

Nossos paes e avós travaram a guerra da classe-média com a aristocracia, e tiveram os reis de sua parte. Durava inda a peleja aqui ou alli, quando viémos ao mundo quasi todos os que hoje vivemos: assistimos portanto á victoria dos burguezes; e vimos a monarchia, sua auxiliar e protectora assustada e vacillante no campo da batalha, tremer de seu proprio triumpho, porque se viu e sentiu na dependencia dos mesmos a quem tinha ajudado a vencer.

Elles, com effeito, tiraram para si o forte dos despojos, e pouco deixaram — ou pouco tempo o deixaram — á corôa. Fizeram mais: substituiram-se aos vencidos em quanto poderam, que foi em tudo, menos no respeito popular, porque o povo, que se inclinava ao 'coronel' dos duques e dos marquezes feudaes, que olhava com veneração para os arminhos e cottas d'armas das familias historicas, nunca tomou a sério os brazões dos novos condes, e ria ás gargalhadas da economica pelle de gato branco que o poupado burguez punha aos seus hombros

de villão para arremedar a nobreza antiga, e se vestir baratinho de gran'senhor.

Certare pares!

Ainda combatiam para ser pares dos outros, mas já era só n'isto.

Não falo dos abusos, dos erros, dos crimes de ninguem, de nenhuma classe: digo o que foi e o que é, mais nada.

E como estamos em pontos de comedias, menciono o que é mais saliente no ridiculo da epoca.

A classe-média, vencedora, foi para as suas delicias de Capua, e amolleceu n'ellas. Hoje quer defender o que ganhou, e a monarchia com quem o ganhou — e cujas fórmas lh'o mantem — dos novos contendores que lhe surgiram, e com que não contava em sua orgulhosa cegueira de *parvenu*.

Hade-lhe custar: não tem no solo, não tem nas crenças, não tem no material nem no moral do paiz, força nenhuma que se pareça com a que tinham seus antigos contrarios, que tantos annos combateu, que hoje quer em vão fazer seus alliados, seus pares.

Podiam ter creado outra ordem de coisas, podiam ter-se organisado... Talvez! Não sei. Mas sei que o não fizeram, e que tudo o que n'esse sentido tentaram, foi absurdo, foi inconsequente, e o que mais importa aqui agora — porque é da provincia da arte — ridiculo.

Ridiculo, tam ridiculo que dava assum-

pto a novo *Bourgeois-gentilhomme*. E' uma comedia que está por fazer.

A que eu fiz nem pertence a este genero nem a esta epoca: é de duas ou tres gerações, mais atraz, é do tempo da outra lucta.

A' frente d'essa. esteve entre nós o marquez de Pombal. E' ocioso mencionar que teve por contrarios os Jesuitas e a alta nobreza; mas é muito necessario recordar que. para os combater, suscitou, se não creou elle, a classe média; que a separou do povo: que a arregimentou sob o commando da corôa; que reinou com ambas, dominando uma e outra, erguendo-as e contendo-as com a mesma mão.

Aniquilar de todo a aristocracia, ou deixar triumphar completamente a burguezia — que fôra o mesmo—era abdicar nas suas mãos; e o ministro d'el-rei D. José tudo queria, menos abdicar.

Tal foi o pensamento e tal foi a epoca do marquez de Pombal.

Para fazer bem sentir tudo isto, colloquei o meu drama nos ultimos dias, nas derradeiras horas d'aquelle celebre reinado. Os antigos dominadores proscriptos, os nobres, os Jesuitas, levantam a cabeça com a primeira agonia d'el-rei, mas ainda a levantam a medo. Apezar da elevação que lhe deve, que sabe dever lhe a elle, a classe-média teme o marquez de Pombal, não o ama, e detesta a disciplina e subordinação em que a tem,—embora seja para sua vantagem d'ella; aborrece-a, incommoda-a como uns sapatos novos á recruta nos primeiros dias de marcha.

Demais, reagem os antigos habitos da clientella aristocratica e da submissão jesuitica. Em todo o modo de ser social, que durou longamente, ha vantagens por força: e quando elle se destroe, lembram mais essas do que os inconvenientes. Saudades do bem que se teve, duram mais de que o aborrecimento dos males que o acompanhavam. Embora fosse muito maior o mal, que o bem. Fez-nos assim a natureza.

Este era o estado dos animos de Portugal ao expirar D. José I, e ao sentir-se cahir do poder o seu grande ministro. Pareceu-me que esse dia supremo devia, melhor que nenhum outro, pôr em evidencia as paixões, os interesses, as acções e reacções todas de uma epoca tam memoravel.

Estou certo que as figuras, as roupas, o desenho e o colorido todo do meu quadro, são de exactissima verdade. Só e apenas nas attitudes da arte, e menos por usar d'ellas, do que por evitar personalidades desagradaveis aos netos que ainda vivem, se lhes representassem individualmente os avós.

Assim, tirado o marquez de Pombal—typo de si mesmo, e que sómente por si, podia ser representado—todos os outros personagens são typicos; e cada um d'elles figura, não um individuo que existisse, mas uma classe de que é representante.

No padre Ignacio, claro é que se personalisam os proscriptos Jesuitas, movendo surdamente e por todos os meios, sua implacavel vingança; em D. Luiz a antiga fidalguia descahida; na familia do mercador da rua Augusta a burguezia vacillante, in-

certa ainda do presente, com terrores e saudades do passado.

Agora nos dois caixeiros de Manuel Simões balbuciam as primeiras aspirações do povo que ainda não entra em nada, que assiste á contenda das duas classes superiores sem poder nem saber decidir bem ainda nem as suas proprias sympathias, que ora tendem a uma, ora a outra.

Mas, vença uma, ou vença a outra, o que ha para elle na victoria?

Quando o poder muda, seja para quem fôr, applaude, porque o instincto lhe diz que n'essas mudanças descansará elle.

Dei-lhe dois caixeiros ao Manuel Simões, um do norte, outro do sul do reino, porque, além de ser essa a verdade material dos factos e dos costumes, a verdade topographica, para assim dizer, do bairro commercial de Lisboa — tambem se caracterizam assim melhor as tendencias e instinctos, não tam claras como hoje, mas já então visiveis, das duas principaes divisões do povo portuguez.

Se alguem queria vêr outra coisa n'uma comedia do tempo do marquez de Pombal, esse alguem, perdôe-me a sua ausencia, é tolo; e tanto sabe o que é o Portugal em que vive, como aquelle em que viveu seu pae e seu avô.

Lisboa, Abril de 1848.

A SOBRINHA DO MARQUEZ

COMEDIA

Representada a primeira vez em Lisboa, no theatro de Dona Maria Segunda, em 4 de abril

MDCCCXLVIII

PESSOAS

MARQUEZ DE POMBAL
PADRE IGNACIO
D. LUIZ DE TAVORA
MANUEL SIMÕES
TIA MONICA
D. MARIANNA DE MELLO
ZEPHIRINO
ZÉ-BRAGA
SECRETARIO DO MARQUEZ
POVO

DRAGÕES DO MARQUEZ, CALECEIROS, GALLEGOS

Logar da scena –Lisboa

ACTO PRIMEIRO

Sala, meia escriptorio, meia armazem; mobilia dos meados do seculo dezoito. Ruma de fazendas a um lado, carteira alta de escrever, com seu mocho. Portas ao lado e no fundo.

SCENA I

SIMÕES, MONICA, ZEPHIRINO, ZÉ-BRAGA

Simões (*Sentado á carteira, chapéo na cabeça.*) — Está bom, tia Monica, está bom. Vá cuidar no mais. Minha sobrinha póde chegar de um instante para outro; é uma menina delicada, que vem do convento costumada a todo o melindre, não quero que estranhe.

Monica (*A'parte.*)—Sobrinha, sobrinha!... Será. E muito me dá que fazer a tal sobrinha! (*Alto.*) Pois então lá vou. Elle está tudo prompto, mas emfim...

Simões—Vá, vá.

SCENA II

SIMÕES, ZE'-BRAGA, ZEPHIRINO

Simões (*Distrahido, áparte.*)—A sobrinha do marquez em minha casa, e vir aqui passar por minha sobrinha!... E têl-a eu em casa, ter de a tratar deante de gente como tal! Grande honra, Manuel Simões, grande honra!... mas... E o padre-Ignacio sem vir! Não sei como me heide sahir d'esta embrulhada. (*Levanta-se, vem ao meio da scena, e repara em Zephirino e Zé-Braga.*) Esses droguetes para baixo... Dez peças na prateleira da esquerda, uma peça no banco da amostra á porta. Entendem? (*Outra vez distrahido.*) Que eu sou pelo

marquez... Quem não hade ser por elle? É meu compadre... e tam pouco lhe devo eu!... Mas aquelles gritos em Belem... aquellas crueldades... aquella pobre marqueza de Tavora... (*Reparando nos caixeiros que fazem o que lhss mandou.*) Não lhes esqueça de regarem o passeio adeante da porta. (*Falando comsigo.*) E o duque... Oh! aquillo foi por demais.(*Torna a reparar nos caixeiros.*) Sacode essas capas, rapaz: hade estar bonito aquelle panno encarnado se vocês o deixam assim... (*Comsigo.*) È verdade: mas tambem quem lhes mandou atirar aquelles tiros?... (*Aos caixeiros.*) Não sacudas assim, bruto, que tiras a flor ao panno. Ai, que te mando outra vez para Villa-nova-de-Famalicão para andar atraz dos bois, gallego! ..

Zé Braga—Num sou gallego, sô patrão, nem sou lá de Familicão, sou de Vraga nado e criado: canté o tio avade vem n'o save.

Simões — Sejas tu de Vraga ou de Voiças, cala-te, que não estou para te aturar. (*Comsigo.*) Mas quem sabe se foram elles por fim? e fosse como fosse, fosse quem fosse que désse aquelles tiros, nunca eram as pobres senhoras que pucharam o gatilho. (*Para os caixeiros.*) Agora tu, hein! meu alfacinha não sei de quê? isso! endireita o pescocilho e riça o topete, em vez de ires medir aquelle baetão que já veiu ha dois dias, e nada! Não sei como não trazes polvilhos, meu papa... pa...paparrotão. Ai que eu!.. Um brutamontes, outro peralvilho; um minhoto cerrado, outro deslavado alfacinha! estava aviado eu se não fosse o Sr. Luiz (*Aparte.*) Pobre D. Luiz, quem te diria! (*Alto.*) Que é do Sr. Luiz, madraços? Ainda está no seu quarto?

Zephirino—Nós é que semos os madraços, sim senhor. . São oito horas, e o Sr. Luiz ainda está no seu quarto. . mas para nós é que andem serem os... Aqui vem o Sr. Luiz. (*Olhando ao bastidor.*)

Simões—Calem-m'a a bocca! Xó d'aqui ambos! Para a logea, olhar pelos freguezes: e fechem-me essa porta. (*Vão a sahir os caixeiros.*) Oh! e oiçam cá: (*Voltam os caixeiros.*) Em vindo o padre-Ignacio...

Zephirino (*Rosnando.*)—O padre Ignacio é um famoso jesuita!

Simões—Que rosnas tu lá?

Zephirino—Nada: é que ouvi por modo de uma carruagem... Se fosse o Sr. marquez...

Simões—Papalvalhão mettido a esperto! como te lembraste do marquez a estas horas?... Sete horas... sete e meia, o muito.

Zephirino—Que elle não esteve aqui hontem ás oito! E mais a carreira que deu o Sr. Luiz mal que o avistou?

Zé-Braga—An que lh'o démo corresse atraz, num podia correr mais! Deu-m'um pincho para traz do valcão e foi-se metter na locha de traz...

SCENA III

SIMÕES, ZEPHIRINO, ZÉ-BRAGA, LUIZ
(parando á porta do quarto)

Zé-Braga (*continuando sem vèr Luiz*)—Que é isso, que l'eu dixe, sor Luiz? qu'o nosso marquez que num mette medo senão ós xesuitas. Bocencê é cá dos que elle faz festa, da sua chente...

Simões (*que viu Luiz, tira o chapeu com disfarce*)—Cala a bôcca Boiças, e marcha já para a logea.

Zephirino—Então em vindo o padre Ignacio?

Simões—Que entre logo para aqui. Vae-te.

Zephirino—Inda que esteja o Sr. marquez?

Simões—Quem te fala agora no marquez, babau d'alfacinha?

Zephirino—É que o padre Ignacio... já por ahi dizem pelo arruamento...

Simões—Dizem... dizem. (*Encolerisando-se.*) O que é que dizem, tolo?

Zephirino—Que é um refinado...

Simões (*pegando no covado*)—Um refinado o quê?...

Zephirino (*fugindo com o corpo*)—Não dizem nada, senhor; está bom.

Zé-Braga—Dizem, sim senhor, dizem: eu cá num tenho medo, digo-lhe a berdade. Dizem que é um xesuita disfarçado.

Simões (*contendo-se*)—E não dizem mais nada, marotos?

Zé-Braga—Oitros dizem que é ai alma do padre Malagrida que ianda im penas. E mais que fagem grande aquella e pasmachão, os mercadores e capellistas todos, por ber o nosso patrão bindo a xer coma é, compadre do sor marquez...
Simões—Caixeirada!
Zephirino—E os patrões tambem, senhor, que por ahi falam bem n'isso. E' que lh'o não dizem na sua cara... mas por traz, tomára eu que os ouvisse. Que se admiram como o marquez vem a sua casa, e se fia tanto no seu compadre... Que vocemecê é pelos fidalgos que foram a justiçar.
Simões *(A'parte)*—E não se enganam de todo.
Luiz *(A'parte)*—A justiçar, meu Deu!... a assassinar. Chamam áquillo justiçar!
Zé-Braga—Que num acredita qu'os xesuitas tibessem patto c'o demo...
Zephirino—Que está que santo Ignacio foi santo deveras...
Zé-Braga—Que fez uma nobena, mai'la tia Monica, muito em xegredo...
Zephirino—A'quella imagem do santo...
Zé-Braga—Que é de prata moxixa...
Zephirino—Que tem escondida no seu oratorio ao pé da cama.
Simões—Tolos!
Luiz—Impios, servis!
Zephirino *(vendo Luiz)*—Ah! ahi está o Sr. Luiz. Elle que diga. Mas é que tambem deante d'elle não falam, não sei porquê... E olhe, Sr. patrão... Mas é que vossemecê... *(Apontando para o covado.)*
Simões *(retorcendo o covado na mão com impaciencia)*—Dize, dize. *(Para Luiz)*. Muito bons dias, senhor... Muito bons dias, Luiz! *(Para Zephirino)* Anda tu, fala... j'ágora quero saber tudo o que dizem.
Zephirino—E o covado?
Simões—Não te vae o covado, alfacinha reles. *(Atira o covado)*. Dize o que quizeres, tudo o que ouviste...
Zephirino *(Abaixando a voz)*.—Pois dizem que a sua fazenda, toda a sua riqueza que vossemecê diz que deve á protecção do marquez... e as suas fábricas, e tudo tal não é seu, nem lhe veiu d'ahi: que tudo lhe vem pelo padre Ignacio, e que era dinheiro que

ficou escondido nas profundezas do Collegio novo, a Cotovia—E que hoje querem chamar dos Nobres—E que o dinheiro que é dos Jesuitas, e que a principal parte dos lucros que vae para Roma: que vossemecê que acceita mais lettras de Genova e Liorne do que o seu trato pede com aquellas terras... Que assim o disse o outro dia no meio da praça, deante de muita gente, o Sr. José Gramicho.

Simões—Bisbilhoteiros!

Luiz (*ao ouvido de Simões*)—Meu Simões, sou eu que te deito a perder.

Simões (*do mesmo modo*)—Cale-se, senhor!

Zephirino—E o que todos scismam mais, em tudo isto é a amizade do marquez com vossemecê, e o que lhe elle quer, e as visitas que lhe faz, e o que elle enche a bôcca, sendo tamanho fidalgo...

Luiz (*A'parte*)—Fidalgo! onde nós chegámos!

Zephirino (*Olhando para Luiz*)—Pois sendo tamanho fidalgo o que enche a bôcca com o seu compadre Simões! E mais que, estando lá pelo Brazil o afilhado de quem nós eramos compadres—o seu filho de vossemecê - ficasse sempre a mesma amizade.

Simões—Invejosos!

Zephirino—Mas que, se o marquez souber—e o que hade vir a saber, mais dia, menos dia—que vossemecê que fez, inda o outro dia a titulo de ser por alma de sua mulher, mas, mas que não era—que fez um officio de defuntos em San'-José de-Ribamar por alma e tenção do duque de Aveiro que já não é duque...

Simões—Não, coitado! que lhe ficou o ducado no patibulo...

Zephirino—E mais por aquella bruxa da marqueza de Tavora que tinha enfeitiçado a el-rei...

Luiz—Villões ruins, atrevida canalha! que lhe deu a confiança de pôr sua nojenta bocca em minha... em minha madrinha?

Zé-Braga—Sim, sim! Mais cá o sor Luiz que tal sovrinho num é de bossencê que lhe biesse da terra, mais que é...

Luiz—Quem sou eu, miseravel, para me conheceres tu ou elles?

Zephirino—Ah! vê, vê? Mesmo esse ár, que é o que elles dizem; que é um dos mortos que não ficou

bem morto em Belem, e que o patrão que o trouxe para casa de noite ás escondidas, e que lhe deu vida o padre Ignacio outra vez por suas malajartas de jesuita... Deus lhe perdôe!

Simões (*compondo-se e affectando seriedade*)—E não dizem mais nada?

Zephirino—Dizem, sim senhor. Que em o marquez vindo a saber tudo isto, um dia, quando menos se espere, desapparece d'aqui da rua Augusta a famosa logea de pannos, baetas e baetões de Manuel Simões e Companhia; e elle e a sua firma e os seus pobres caixeiros... E que, se ficar a tia Monica para contar do terremoto...

Simões (*benzendo-se*)—Como tu falas em terremotos, bruto!

Zé-Braga—E' a tia Monica: a tia Monica é que está sempre a falar n'isso; e a contar das torres da Sé que dansavam; e a casa alli de Santo Antonio que avriu como uma belancia pela sésta...

Simões—Cala-te, e faze o signal da Cruz, brutinho, quando falares n'esses terrores de Deus. O senhor Jesus seja comnosco. Sanctus Deus! Sanctus fortis! Minha pobre mulher!... (*Põe as mãos na cara e vae encostar-se á carteira.*)

Zé-Braga—Quem? cá a sôra patroa que ficou mesmo esmagada devaixo da casa... a com'assim, com'a?...

Luiz—Nao fales n'isso, José; não vês como affliges o patrão.

Zé-Braga—A tia Monica é que conta assim com'a ella ficou... Stá vom, stá vom: xá me calo.

Zéphirino—Coitado do patrão! em lhe lembrando o terremoto, tudo o mais lhe passa. Vamos para a logea, Zé Braga. Ajuda a estes fardos, Sr. Luiz, olhe que é verdade o que a gente disse. Não se fala n'outra coisa por ahi; o patrão que se acautelle, e vossemecê tambem. O marquez é bom cá para nós do povo, dizem... que eu sempre duvido: os tantos esquartejados do Porto bem do povo eram. Mas cheu! Seja elle por uns ou seja por outros, todos lhe têm muito medo.

Luiz—Medo!

Zephirino—Medo, medo; podéra não! Não que elle, sem mais tir-te nem guar-te. nem juiz nem letrado, nem procurador que te valha, agarra-me n'um ho-

mem, enforca-m'o, entaipa-m'o, esquarteja-m'o... E se depois pelos autos se vê que era innocente...

Luiz—Trancam-se os autos.

Zephirino—Oh! mas não tira que não seja um grande marquez, e que faz muito pela nação.

Luiz (*A'parte.*) — A sangue tudo, a ferro nos quer emendar! com o algoz por mestre, e a violencia por ensino! (*Alto.*) Sim, meu amigo, sim, o marquez não é tam máo como nós o fazemos. Deixa-me-te ajudar. (*Lança mão a um fardo*).

Zé-Braga — Ajudar! Ora isto! com esses braxinhos de louba-a-deus... Olhe os seus punhos de renda não se rasguem. (*Tira-lhe o fardo, e com a ajuda de Zephirino, o deita para as costas.*) Vá lá, homem, upa!

SCENA IV

SIMÕES, LUIZ

Luiz (*Chegando-se a Simões que ainda está na mesma attitude.*)—Meu Simões, meu amigo, meu verdadeiro amigo!...

Simões (*Levantando-se e tomando uma attitude respeitosa.*)—Meu amo, Sr. D. Luiz, perdôe V. Ex.ª...

Luiz — A que vêm essas excellencias, homem? Cuidas que eu eu preciso d'isso ou que posso com isso? —Aqui sou teu sobrinho e teu caixeiro. As outras honras e titulos estão enterrados acolá nos fortes da Junqueira. Esses tristes pergaminhos que não deliu tanto sangue.. lá estão a apodrecer no lodo, n'agua encharcada d'aquelles subterraneos. E eu, eu aqui ha dois annos em tua casa para quê? Pondo em risco a tua vida, fazendo-te passar os dias na anciedade, as noites no terror; porquê? meu velho Simões, e para quê?—Para vêr se acudo a meu pae, se lhe valho... E ha dois annos que voltei de Inglaterra, que aqui estou a empecer-te e a dar-te cuidados e trabalhos... e ainda não pude nem saber se meu pae era vivo ou morto!...

Simões — Hoje, meu senhor, hoje é o dia grande, a noite de alegria que hade pagar tantos sustos e trabalhos.

Luiz—Hoje!... Ha quantos mezes me dizes tu *hoje* todos os dias? E passa-se hoje, ámanhan e outro dia e outro dia... semanas, mezes, annos... e não

sei se meu pobre pae já expiou com a morte o abominavel crime de lhe correr nas veias o proscripto sangue dos Tavoras... Viver meu pae? não póde ser... ha quinze annos! E' impossivel. Quinze annos n'aquella horrorosa prisão! E' uma esperança van, uma criancice minha, porque m'o não hade dizer este perseguidor da minha familia, este verdugo de quanto havia nobre e independente n'esta terra que ha tantos annos tyranniza? Hontem á noite, dize-me : — hontem á noite que elle aqui esteve comtigo mais... Oh! foi mais de tres horas... perguntaste-lhe por meu pae! Deu-te alguma resposta?

Simões — Perguntei, meu senhor: e a resposta foi a do costume.

Luiz—Qual? a infamia do casamento?

Simões — Sempre o mesmo.—«Não sei; se quer ca«sar, verá seu pae ; senão não. Sei que tu tens es«condido esse filho do meu inimigo; sei que voltou «de Inglaterra, sei por onde veiu, que desembarcou «em Galliza, no Ferrol, em trajos de mercador, no «dia .. tal, a tantas horas.» Sabe tudo o maldito «do homem! Que atravessou a fronteira com pas«saporte que lhe arranjou o consul inglez; que es«teve no Porto de noite a... taes horas.» Sempre a data a hora com o relogio e a folhinha na mão!... «Que passou pela Cordoaria, e que, ao vêr certo «espectaculo, certas penduras que ainda lá estavam «pelas arvores, fechou o punho exclamou : *Ah «tyranno!*... E o tyranno sou eu... porque fiz «castigar aquelles republicanos tripeiros que me «queriam ensinar como se faz o negocio dos vi«nhos, e que el-rei meu senhor...» tirando o chapéo: tira sempre o chapéo em falando d'el-rei.

Luiz—A si se corteja, o hypocrita; porque el-rei bem sabe elle que não é nada.

Simões — «Eu sei tudo» continuou elle «sei tudo «compadre Simões; e por amor de ti finjo que não «sei. E o rapaz é bello rapaz, é instruido: appren«deu muito nas suas viagens. A mim m'o deve: «não sahia d'aqui do canto do mundo esta gente «se os eu não fustigasse...»

Luiz—Malvado!

Simões—Será, sim senhor ; mas lá isso, faz-lhe justiça a V. Ex.ª Ainda foi mais o que elle disse hon-

tem, muito mais: eu estava pasmado. «Tem real-
«mente muito merecimente o teu protegido, Si-
«mões.» Suas proprias palavras: «Não se peja de
«sêr industrioso; com o pouco que lhe escapou do
«sequestro, sei que tem negociado, que é teu so-
«cio...» Fiquei a tremer quando tal ouvi. Elle:
«Não tenhas medo, tolo: é um serviço que fizeste
«a el-rei meu senhor» barretada «e ao Estado. Es-
«se dinheiro de fidalgos ia-se em toiros e cavallos:
«confiscaste tu, para a industria e civilisação do
«reino, o que escapou ao fisco real. Tanto melhor!
«por um ganhas conto, e mais elle. Não lhe quero
«mal, ao contrario: o rapaz não tem as ideas de
«aristocracia feudal d'estes ferrabrazes que eu puz
«a direito»...

Luiz—Infame!

Simões—«Que eu puz a direito,» dizia elle «com
«sua dureza, é verdade: mas não havia outro re-
«medio. Porém o que lá vae, lá vae: o rapaz tem
«juizo: estou prompto a ser seu amigo, que case
«com minha sobrinha. Marianna é formosa, tem
«espirito, e é um bom partido... leva-lhe em dote
«a liberdade do pae, e a casa que lhe eu mando
«logo entregar..»

Luiz—Indigno! Antes a barra de ferro no peito, como....

Simões—È verdade, é verdade: V. Ex.ª tem muita
razão. Mas... e seu pae?

Luiz—Meu pae, meu desgraçado pae! Oh!...

Simões—«Diga elle que sim» foram as ultimas, for-
maes palavras do marquez—«diga elle que sim, fi-
«ques tu por seu fiador; e eu farei por elle e por
«ti o que ainda se não fez por ninguem, desde que
«eu.. desde que el-rei meu senhor governa. Abrir-
«se-hão os calaboiços da Junqueira, e verá seu
«pae.» Eu tremendo com muito medo, mas sem-
pre lhe disse: «Talvez para não tornar a sahir.»—
Elle muito irritado: «A minha palavra, Manuel Si-
«mões! Atreve-se a duvidar da minha palavra?»

Luiz—Atrevo eu. Mas não importa: deixe-me elle
entrar, e que eu abrace, ao menos uma vez ainda,
o meu pobre pae!... Oh! mas o preço...

SCENA V

SIMÕES, LUIZ, PADRE-IGNACIO

Ignacio—O preço é de quem sabe o que vende, e o freguez que tem. A bençam de Deus seja comvosco, meus filhos. Luiz, D. Luiz, coitado! Attribulados nos vemos, meu filho... Ora paciencia, paciencia! Deus dará remedio.

Luiz—A meu pae, só se fôr no céu, padre.

Ignacio—E mais na terra, e mais na terra Ora pois. —Seu pae está vivo, D. Luiz.

Luiz—Vivo!... Oh !padre, Deus lhe pague essa nova. Vivo, meu pae?—Mas como sabe?... Não póde saber.

Simões—Sabe, sabe; se elle o affirma, é porque é assim. (*A'parte*) O que eu ainda ando para saber é qual dos dois adivinha mais cá n'esta terra, se o marquez, se o padre Ignacio.

Ignacio—Que rosnaes vós lá, Simões?

Simões—Eu nada, padre. (*A'parte)* Vêem o outro com os seus oiros e velludos, este com aquella loba velha e safada... a mim me melem se este o não enfia.

Ignacio—Simões?

Simões—Senhor.

Ignacio—Vós pensaveis, Simões, e...

Simões—Eu!...

Ignacio—Vós, sim, Simões! (*Pausa*) Manuel Simões, vós fostes criado entre os padres; d'ahi, vós puz eu em casa do Sr... do pae de D. Luiz, Simões; e d'ahi, por meu respeito e da Companhia, vos fizestes gente. Ora a Companhia já lá vae, Simões... mas eu fiquei.

Simões— (*tremendo*)—Vossa paternidade...

Ignacio—Irmão Simões, de joelhos, e diga a culpa! (*Simões ajoelha com grande humildade*) Irmão Simões, eu sei o que passou por vossa fraca e chòcha cabeça, e o peccado contra Deus e a Companhia que vossa caridade commetteu agora por pensamentos. D'isso vos accusaes e pedis perdão a Santo Ignacio e aos seus padres?

Simões—Peço, meu padre, com toda a humildade do meu coração. Perdoae-me, que eu prometto...

Ignacio—Levante-se, irmão.

Luiz *(á parte)*. — Que obediencia, que espanto! Verdadeiramente estes padres ou são inspirados ou possessos.

Ignacio—Está pasmado, D. Luiz! Bem sei o que pensa. Engana-se. Tudo isto é natural e simples.

Luiz—E porque o não faz ninguem mais?

Ignacio—Porque não estudam os homens, porque não cuidam de sua educação, porque de todo o sempre se tem pensado que os vinculos materiaes, sós, podiam ligar os homens. A Companhia de Jesus fez o contrario. A regeneração da especie operada sem crimes nem sangue, sem violencias, obrada só pela intelligencia, era o seu empenho... empenho já meio conseguido. Os reis tiveram medo de nós e do nosso systema. Seja proscripta a Companhia! carreguem-se-lhe mais crimes do que se carregaram aos Templarios. Sejam immoraes, corruptos, regicidas, sacrilegos... bruxos e lobis-homens se quizerem. . Não falta quem crêa. Acabemos com elles antes que elles acabem e consigam que o mundo se povôe de homens. Seu poder é a intelligencia, e a intelligencia é a nossa inimiga grande. O fanatismo disse amen á tyrannia. A ignorancia tola applaudiu, e o mundo ficou para os hypocritas... Para os hypocritas da monarchia, e para os hypocritas da philosophia. Por quantos annos, marquez de Pombal? Esperem pelos recados de França que hãode chegar um dia cedo. A especie humana está a caminho. A civilisação, guiada e contida por nós, vinha lenta e suave. Quebraram-nos as mãos no cepo do algoz; ella ficou á solta: hade doudejar, que é môça... Lá fica o cepo do algoz, e o seu cutello tambem... Veremos contra quem se volta agora. A cruz de Jesus Christo era arvore de sciencia, era bandeira de progresso quando nós a tinhamos na mão .. Agora formaram-se dois campos... e vós fostes hastear a cruz nos arraiaes da ignorancia... Lá estão os philosophos do outro lado. São poucos? Elles crescerão. O povo não os entende? Elle entenderá... E que não entenda, é preciso entender para ser proselyto? Veremos quem vos vale agora, veremos d'onde hade vir a paz ao mundo; veremos quem tem mão na Cruz

de Christo pregada n'esse Calvario de ignorancia e de cubiça.

Luiz—Este homem é anjo, ou?..

Ignacio—Ou demonio? queria dizer. Nem uma coisa nem outra, D. Luiz. Sou um pobre clerigo velho, um triste proscripto da Companhia de Jesus, um d'esses homens tam calumniados porque tiveram a desgraça de preceder o seculo, porque sentiram o caminho que levava o mundo; porque vitam a especie humana atormentada do desejo de melhorar, da ancia das reformas, e conceberam o louco projecto de a salvar das violentas crises que a esperam. Tentaram—e a tentativa era bella!—regenerar a obra da creação sem a precipitar primeiro no cahos. O nosso empenho foi calumniado, foi proscripto: outro systema prevaleceu. Alguma geração futura o bemdirá talvez; mas duas ou tres hãode ser victimas antes . e os paes e avós têm de comprar, a peso de lagrimas e sangue, essas fortunas—bem duvidosas! dos filhos de seus netos cujos paes estão ainda por nascer. *(Pausa)* Pois bem! os Jesuitas são os inimigos do altar e do throno... Lá está a *Deducção chronologica* que o diz... E o seu auctor nas pedras d'Angoche!... Pagaram-lhe bem .. como costumam. Emfim, vamos; depois de perdida a batalha, cuidar dos feridos e resgatar os prisioneiros! D. Luiz, seu páe está vivo, sei-o eu, affirmo-lh'o eu. Podemos salval-o, e é preciso fazêl-o.

Luiz—Como, padre? Diga o quê, que estou prompto. Esse resto de fazenda, a minha vida que seja preciso sacrificar .. Meu querido pae, meu desgraçado pae! se o torno a vêr!. .

Ignacio—Nada d'isso: nem vida nem cabedaes approveitam aqui. Precisamos de sacrificio maior.

Luiz—Ha outro maior?... faz-se.

Ignacio—Maior... é... é... E' para quem, como o geral dos homens, arreda os olhos ga grandeza dos fins, para se occupar das pequenezes dos meios.

Luiz—Não o entendo, padre.

Ignacio—E' preciso acceitar esta proposta de casamento.

Luiz—Esta... proposta... de... casamento!

Ignacio—Da sobrinha do marquez.

Luiz—A sobrinha do!... Eu!... com a sobrinha d'elle!... O filho de!... Luiz de!... o filho de meu pae com uma!... E é conselho do padre Ignacio, do amigo e director de todos os meus?... de um?...

Ignacio—De um Jesuita! acabe. Mas quem lhe diz que vá já solemnisar essa alliança?

Luiz—Alliança do lobo com o cordeiro!

Ignacio—E' verdade; mas quem lhe diz que a faça, que vá já?...

Luiz—Então não percebo. Pois como heide eu?...

Ignacio—Acceitar uma proposta de casamento não é já assignar as escripturas, não é caminhar logo para a egreja, D. Luiz, saiba o que pouca gente sabe hoje em Lisboa. A doença d'el-rei é mais grave do que se diz. Espalham que vae para Salvaterra... mas a sua mais proxima jornada hade ser a San' Vicente-de-Fóra.

Simões (*aterrado e olhando para as portas*)—Estes meus caixeiros que são tam curiosos... Se elles...

Ignacio—Não ouvem, Simões; não tenhas medo. (*A'parte*) E que ouvissem, já não ha tempo de...

Luiz— E como quer o padre Ignacio que eu acceite, que dê a minha palavra para... para quê?... para faltar a ella?

Ignacio—Faltar! Não é faltar, é...

Luiz—Quebrál-a, ser um indigno, um villão-ruim!... Meu padre, esse homem tirou-nos bens, titulos, grandeza, a liberdade, a vida. Uma só coisa nos deixou... uma coisa que elle mais que todas quizera tirar-nos, mas não chega lá o seu poder. A minha honra, quer que lh'a vá eu entregar?

Ignacio—Não, D. Luiz; dê-lhe a vida de seu pae. De seu pae que está agonizando... que, se hoje o não tirarem dos calaboiços da Junqueira, alii morrerá ao desamparo... sem uma voz de amigo que o conforte... sem uma mão que lhe aperte a mão que esfria... sem a piedade dos homens, sem o auxilio da egreja... sem um filho que lhe vá cerrar os olhos!...

Luiz—Padre, padre, não é isso tentação, não é isso forçar-me?... Não é d'isso que accusam a Companhia! Como se combinam com isto, oh! meu Deus!

as sublimes doutrinas, os generosos principios que ainda agora escutei, que me arrebataram?...

Ignacio— Esperava a reconvenção, filho; e não me offende. Conselhos de Jesuita! E' o que quer dizer... moral de Jesuita! Estamos affeitos a ouvir isso todos os dias, a lêl-o em quanto mascavado folheto de papel pardo por ahi se imprime. Entre dois males forçados, necessarios, inevitaveis, optar pelo menor é a nossa doutrina.

Luiz—E perder a honra, padre Ignacio?...

Ignacio (*sahindo*)—Não, filho honrado, perca seu pae.

Luiz (*correndo atraz d'elle*) Padre, padre, por compaixão, padre Ignacio! tenha dó de mim... Meu pae, meu pae, meu pobre pae!—Simões que heide eu fazer? Vamos atraz d'elle, vamos... Não, vae, tu. Simões, traze-o. Quem sabe! pode ser... vejamos. Se se podesse achar algum meio? Meu pae agonizando.. diz elle, elle que sabe tudo! Vae, Simões, vae, faze com que volte; traze-o por fôrça se é preciso; mas que venha. Vae, vae tu Oh! meu Deus!

Simões—Vou, vou, meu senhor... Mas se elle não quizer...

SCENA VI

Luiz (*só*)—Não hade querer... não me hade acudir n'este apêrto? Será possivel! Oh! e que lhe importa a elle, o Jesuita? Jesuitas! Será pois verdade quanto dizem d'estes padres? E todas aquellas bellas e sublimes cousas que ha pouco lhe ouvi, não seriam senão... Não quero, não posso, não devo crêl-o. Mas meu pae?... meu pae que morre por meu capricho! Capricho não é. Quereria elle, meu honrado pae, acceitar a vida por tal preço? Uma infamia! Meu Deus, meu Deus, que isto é endoudecer.. a minha honra, a da minha familia! E' verdade, é.. mas... Mas se... mas esta repugnancia que eu sinto para similhante casamento, não virá ella tambem de outro motivo que eu mal me atrevo a confessar a mim mesmo?... Oh! aquella visão celeste que me appareceu em Santa Joanna d'Aveiro... aquella imagem que aqui anda no meu coração, e que todas as dores, todos os cuidados, todas as desgraças da minha vida não tem podido apagar!... Apagar, só a morte!.. mas nem dimi-

nuir-lhe a viveza!... Meu pae, meu pae! ai, este meu coração, que tenho medo de entrar n'elle...

SCENA VII

LUIZ, TIA-MONICA

Monica (*Falando comsigo.*)—Está tudo prompto; cama feita, quarto perfumado, os lençoes de esguião com seus folhos... E' um palmito o quarto da senhora minha sobrinha que eu nunca vi... nem sabia que a tinha, que ainda é mais! Mas diz meu irmão que é; seja. Vamos, vamos, que aqui ha outro parentesco, seja elle qual fôr... (*Vendo Luiz.*) Oh, sr. Luiz! boas novas venham a mim: toca a alegrar-me esse rosto sempre triste, que se vae remoçar esta casa. Até eu me sinto outra. Com gente môça me mate Deus, que para velha basto eu!

Luiz—Bons dias, tia Monica!

Monica—Tia Monica: diz bem. Hoje é que eu começo a ser tia Monica devéras. E que festas que a rapaziada hade fazer á tia Monica!... Já se sabe porquê.

Luiz—Não a entendo. Muito alegre está hoje! (*A' parte.*) E Simões sem voltar! Se iria devéras o padre e que não queira tornar? E' impossivel. (*Alto.*) Pois olhe, tia Monica, estou hoje mais triste do que nunca.

Monica—Sabe que mais, Sr. Luiz? tome o meu conselho, e deixe-se de cuidados. Um rapaz da sua edade, com esse ár e sua figura...

Luiz—Tam rapaz sou eu? Ai tia!

Monica—Isso: faça-se velho: não lhe falta mais nada... Que vergonha, sempre triste, sempre melancholico! valha-o Deus! Divirta-se, gose da vida, olhe que a mocidade acaba cedo.

Luiz—Eu não tive mocidade, minha boa Monica; saltei, do berço quasi, para os cuidados de homem feito; tem-se me ido a vida a esperar e a soffrer... e estou quasi velho.

Monica (*Rindo.*)—Não verão o velho! Ora não seja criança. Olhe: tenho um segredo que o não hade saber o boiças do Zé-Braga nem o bonifrate do Zephirino... e ao senhor heide-lh'o dizer, que é

um rapaz de juizo, e que me cahiu em graça pelo seu bom modo. (*A' parte.*) Parece um fidalgo o diacho do caixeiro, com aquelle ár de gente que tem... Deus me perdôe!

Luiz—Ora venha lá o segredo, tia Monica. E é só para mim, este?

Monica—Só. E cuidado com o mano Simões e mais o padre Ignacio... que se elles sabem que eu fallei!...

Luiz—O padre Ignacio! (*A' parte.*) Que será isto? (*Alto.*) Diga, diga: bem sabe que falo pouco de meu natural.

Monica (*Com mysterio.*)—E' uma rapariga linda e rica... e com um dote!...

Luiz—Uma rapariga?...quê... como?

Monica—Dezesete a dezoito annos... vá que sejam dezenove!... E que fossem vinte!... se ella é môça, se é formosa como um anjo: dizem elles todos!... Lá de cima, do Porto ou da Beira, d'essas terras lá de Traz-os-Montes. Só moios de milho, parece que são mais de vinte. Quanto é vinte moios de milho, Sr. Luiz?

Luiz (*Aborrecido.*)—E' uma figa, tia Monica: sabe o que é?

Monica—Essa palavra agora é que não foi sua!... o Sr. Luiz, que era o meu valido?

Luiz—Tem razão, tia Monica; perdôe...Mas é que ...Se soubesse como eu estou hoje!—Ora vamos: o segredo então é?...

Mônica—Eu lh'o digo. Hontem á noite, era já muito tarde, ia-me eu deitar; tinha sahido n'aquelle instante o sr. marquez, que esteve cá com o mano até alta noite: chama-me elle do seu quarto, e diz: «Monica»

Luiz—Quem, o marquez?

Monica—Ora, sr. Luiz!—Não senhor, o mano Simões: o marquez, já se tinha ido. Vou-me eu ao quarto d'elle, e quem havia de eu lá achar?

Luiz—O marquez?

Monica—Não senhor: valha-me Deus! se o Marquez já se tinha ido.. não lhe disse? Nada, não: sabe quem? o padre Ignacio muito agachadinho.

Luiz—O padre-Ignacio! Então tinham estado todos tres juntos, em conferencia. O padre Ignacio com o marquez de Pombal!... Ah Jesuitas...

Monica—Sempre é muito bom rapaz, muito simples! Lá ia o padre Ignacio mostrar a sua carinha de frade da Companhia—que ficou tal qual como era, menos a roupeta, o mais é o mesmo! —o Padre-Ignacio ao marquez de Pombal! Essa faz-me rir. Mas olhe: (*Muito em segredo*) em o mano Simões estando no quarto, fechado com o marquez, conte certo que está o padre-Ignacio por perto. Como elle o faz é que eu não sei. Mas é um bom padre... lá isso é. Elle confessor, elle tudo. Não, se todos eram como este!...

Luiz (*áparte.*) O caso começa a ser grave. (*Alto.*) Com quê então estava lá o padre-Ignacio?

Monica—Como lhe digo: com aquella sua carinha composta e risonha. E o mano triste... E diz-me o mano: «Monica, ámanhã ha-de preparar o quarto grande que era de...» Era o da defuncta... de minha irmã... Nunca fala n'ella, o pobre do Simões, sem se lhe arrazarem aquelles olhos.— «A melhor roupa de casa, as commodas inglezas, as cadeiras de damasco azul, tudo o que houver mais fino em casa; que vem minha sobrinha, disse elle.—«Sobrinha» resmunguei eu cá commigo: d'onde vem e aonde estava esta sobrinha? Mas a elle não lhe disse nada, que lhe tenho um medo ... O sr. Luiz bem sabe.—E sae de lá o meu padrinho Ignacio, todo sopinhas de mel, guardaste-me d'ellas: E' a Marianninha, bem sabe, aquella rapariga linda e rica que estava em Santa Joanna d'Aveiro; a tia Monica bem sabe.» Pois não sei! Nunca em tal ouvi falar.

Luiz—Em Santa Joanna.

Monica—«Santa-Joanna» disse eu «não póde ser, «pois se eu nunca...»—«Em Santa Joanna d'Aveiro,» tornou-me o bom do padre; «a tia Monica bem sabe.»—«Sei, sim senhor; pois não sei?» sei muito bem.»—«E' a sobrinha cá do nosso Simões» disse elle mais «vem cá para casa! é preciso pôl-a á moda, dar-lhe o ár da côrte, e vêr se a casamos cedo.»

Luiz (*áparte*).—Que estranho mysterio ha em tudo isto!

Monica—O mano Simões encolheu os hombros, e com aquelle bello modo que Deus lhe deu quando fala commigo: «Vá, Monica, vá; ámanhã «que-

ro tudo prompto. A' volta do meio dia chega minha sobrinha, e tudo hade estar feito. E Deus a livre, Monica, de que alguem n'esta casa sonhe... Sonhar só! entende? Vá-se deitar.» E eu vim... qual deitar-me! puz-me a lidar, andei com os bahus ás voltas, bati colchões, sacudi roupas ... Eram nove horas, esta manhã, já o quarto estava prompto. Veiu vêl-o o padre-Ignacio em pessoa hoje, haverá uma hora...

Luiz—Uma hora!

Monica—Sim, não ha mais: esteve-o vendo muito bem, e disse-me: «A tia Monica é uma pessoa de primor.» Mesmo assim m'o disse.—«Está o quarto de uma condessa» Eu andei á roda d'elle, a vêr se lhe pescava... se percebia... Mas o padre é fino! Só me disse dos vinte moios de milho e dos dezeseis, dezesete annos. Que eu sempre lhe deito pelos vinte para me não enganar... —E então, não é um segredo de dizer a um amigo, hein? não se me alegra esse rosto com a noticia?

Luiz—E' um segredo, tia Monica, um verdadeiro segredo... e bem extraordinario!—E então seu irmão tinha essa sobrinha em Santa-Joanna d'Aveiro?

Monica—Diz elle que sim... E verdade seja, o mano Simões, é lá d'essas bandas. Elle é certo que já cá estava ha muito em Lisboa quando casou com minha irmã... mas Deus sabe as sobrinhas e sobrinhos que por lá tinha deixado. Isso é certo... mas nunca lhe tinha ouvido falar em tal. Tambem porque não hade ser?

Luiz—Será, será. E porque não hade ser? diz bem.

SCENA VIII

LUIZ, MONICA, ZÉ-BRAGA

Zé Braga — Tia Monica, tia Monica! uma liteira que parou á porta da cassa, e pergunta se é acá que móra o sôr Manuel Simões e Companhia. E eu dixe-le que sim, que era acá: que num estaba em cassa o sôr Manuel Simões, mas que estaba a Companhia E sahiu uma rissadinha de dentro da liteira, uma rissadinha fina e assucarada, e uma bósinha de seraphim que perguntou: «Qu'é d'ella a Companhia?»

—«Que sou eu minha senhora.»—E' uma senhora que está dentro: xá perceveu, tia Monica? N'um perceveu? Ora se habia de percever! Quem, a tia Monica que é mais fina!... «Mas bai'dize-l'eu. «Que sou eu, minha senhora, o Zé Braga, que as- «sim me chamam por cá, e o Zephirino que ahi «bem, e o sôr Luiz e a tia Monica que estão lá em «xima para serbir a bossinhoria.» Num respondi vem, tia Monica?

Monica—Para um boiças, não foi mal.—E' ella, senhor Luiz: vamos lá: o mano não está em casa...

Zé Braga—E beem duas, tres, quatro, num sei quantas vestas de carga—mullas hãode ser, com tantos guissos... e fagem uma vulha! Estão os caigeiros todos ás portas pasmados a olhar, e toda a xente pela xanellas... E tudo é chismarem quem será, d'onde birá? E ninguem save, nem xiquer eu! O Zephirino lá ficou, e eu bim dar-lhe parte... Mas espere, espere, querem ber que é ella? E ail-o o Zephirino; o que é que elle traz, o Zephirino?

SCENA IX

MARIANNA, *em trajes de viagem;* ZEPHIRINO *com um regallo n'uma mão, um sacco de demasco na outra;* UM CALECEIRO E GALLEGOS *com bahus, malas etc.* MONICA, LUIZ, ZÉ BRAGA.

Marianna—Ai! que graça que elle têm! Esperavam um bicho, aposto eu. Estão pasmados de me vêr com cara de gente. Já vejo que me heide divertir muito em Lisboa. Então onde está este senhor *meu tio* Manuel Simões?... e Companhia, como elles dizem... (*Vendo Luiz*) Ah!...

Luiz (*Vendo Marianna*)- Ah!

Marianna—Aqui... Pois?... Não é esta a casa do senhor.. (*Tira uma carta e repara no sobrescripto*) do senhor Manuel Simões e Companhia, rua Augusta esquina de?...

Luiz—Esta, minha senhora, esta mesma... e eu que tenho a honra de ser... seu... seu...

Marianna—Seu?...

Luiz—Seu principal caixeiro e guarda-livros.

Marianna—Seu principal caixeiro e guarda-livros? o

senhor!... de Manuel Simões!... de *meu tio* Manuel Simões... mercador na rua Augusta?

Luiz—Sim, minha senhora; e na sua ausencia prompto a receber as ordens da senhora sua sobrinha.

Marianna—E' verdade... é notavel.

Ze Braga—E aqui está tamvem o Zé Braga que xá tebe o gosto...

Marianna—Ah! o senhor Zé Braga—galante nome! O senhor Zé Braga é!...

Ze Braga—Camarada aca do sôr Luiz, caixeiro do valcom, e de fóra tamvem...

Marianna—Oh! muito bem. E esta senhora?

Zé Braga—A tia Monica.

Marianna—A tia Monica?

Monica—Monica Benavides, uma sua criada. (*A'parte*). Criada! Pois ella não é quasi minha sobrinha?... Mas tem um ár... Nunca hei de tomar geito de lhe chamar sobrinha. (*Alto*) Monica Benavides, irman de quem Deus tem, que era a mulher do mano Simões que...

Marianna—Excellente companhia! (*A'parte*) Estou n'um sonho; isto não pode ser devéras, Luiz de... aqui!... caixeiro do tal senhor meu tio! Eu sobrinha da tia Monica! E' uma comedia, e parece-me que hade ser divertida: façamos o nosso papel... (*Alto*) Minha querida tia Monica...

Luiz (*A'parte*)—E' sobrinha, não ha duvida... Que pena!

Monica (*A'parte*) — Pois desdigo-me: é minha sobrinha, não ha engano. Só aquelle lindo modo!

Marianna — Se eu soubesse, querida tia, onde era a minha camara...

Monica (*A'parte*) — A sua camara! uma sobrinha da provincia, e as falas que tem! Estou vendida. (*Alto*) Vou já mostrar-lh'a, estou morrendo que a veja, minha...

Marianna—Sobrinha, diga sobrinha. Então não sou sua sobrinha?

Monica — Pois sobrinha: seja. Não tinha geito, mas logo o tomo: deixe estar. Com uma sobrinha tam linda, com tam bonito modo! Faz gosto ter uma sobrinha assim... Não é verdade, sr. Luiz?

Luiz — E' verdade, é... mas parece-me um sonho!

Marianna—Tambem a mim! Faz favor, tia Monica,

de mandar buscar... Eu não trouxe os meus criados... de mandar buscar a minha bagagem, essas coisas..

Monica (*A'parte*)—Os seus criados!

Luiz (*A'parte*)—Não trouxe os seus criados!

Marianna—Preciso de me vestir, toucar-me, cuidar um pouco em mim..

Monica—Já, já. Forte descuido meu! Zé-Braga, vamos! tudo para cima. Vou preparar, vou arranjar... Verá que lindo quarto é, e como eu o puz, que palmito! Vamos Zephirino! tudo no seu logar.

SCENA X

LUIZ, MARIANNA *e* ZEPHIRINO

Zephirino (*Tornando a traz, e baixo a Luiz*)—Oh sr. Luiz, ella sempre é linda, a sobrinha do patrão!

Luiz (*Baixo a Zephirino*)—Achas?

Zephirino (*Baixo a Luiz*)—Porque? Oh sr. Luiz!... ai! Eu cá vou-me já pôr de fato novo, riçar este topete... Quem sabe? um rapaz da côrte... Ellas lá por cima não vêem d'isto...

Luiz—Faze-lhe as diligencias: está ao talhar para ti.

Zephirino (*Baixo a Luiz*)—Devéras, acha?

Luiz—Acho.

SCENA XI

MONICA, MARIANNA, LUIZ, ZEPHIRINO

Monica (*Voltando*)—Vamos, venha, minha .. minha sobrinha. O toucador está prompto, a cama feita..

Marianna—Não me quero deitar.

Monica — Ai! é verdade, o que me esquecia!... O caldo de gallinha que tambem está feito. Não me descuidei, deixe estar. Sr. Luiz, faça um boccadinho de companhia a esta senhora, que eu já venho. Pobre menina! ainda não jantou. . querem vêr? Vou já buscar o caldo de gallinha.

Marianna— Não; antes no meu quarto.

Monica—Pois então espere aqui um nadinha. Anda d'ahi, Zephirino.

Zephirino—Senhor Luiz!
Luiz—Hein?
Monica—Senhor Luiz, converse-me com esta menina, mostre que é da côrte. Jesus, que rapaz! E dizer que andou por França, por essas terras... e acanhado assim! Oh! rapazes do meu tempo!
Zephirino (*Baixo a Luiz*)—Senhor Luiz, metta assim uma palavrinha na conversa a meu respeito, diga que a gente cá que...
Luiz—Não será preciso .. mas se fôr...
Zephirino—Sempre é bom, sempre é bom. Ande-me com ella.

SCENA XII

MARIANNA, LUIZ

Luiz (*A'parte*)—Estava quasi indo-lhe já falar no amor do caixeiro... era o melhor despique.. Mas não, desenganemo-nos primeiro. (*Alto*) Será verdade, minha senhora, isto que eu estou vendo com os meus olhos, ouvindo com os meus ouvidos? D. Marianna de Mello, a secular de Santa Joanna d'Aveiro, aquella menina que eu vi com sua tia... duas vezes só, é verdade.. mas que nunca mais pude esquecer!...
Marianna—O caixeiro é galante.
Luiz (*A'parte*)—O caixeiro! tem razão. Que mais sou eu, e que direito tenho! (*Alto*) Aquella menina tam espirituosa, tam gentil, e que tam... tam...
Marianna—Tam fidalga lhe pareceu?.. Não é isso? Ora veja: pois não era senão a sobrinha do senhor Manuel Simões Ha enganos n'este mundo. Tambem eu, quando vi em Aveiro um rapaz que se dizia...
Luiz—Que simplesmente se dizia o amigo e recommendado do padre Ignacio.
Marianna—E' verdade: mas que se deu áres...
Luiz—Ares, minha senhora! A gente como eu... não precisa...
Marianna—Muito bem, muito bem; não falemos mais n'isso. O que está visto é que, sem querer talvez, nos enganámos um ao outro. Em Lisboa e n'esta casa, a sobrinha de Manuel Simões... e o guarda-livros de Manuel Simões... Creio que este é o seu logar na familia...

Luiz—Tenho outro mais importante ainda: sou sobrinho tambem.

Marianna—Oh! sobrinho tambem? Melhor. Somos uma especie de primos. Que delicioso parentesco! não acha?

Luiz (*A'parte*)—Como me trata, inda em cima!

Marianna—Pois bem, senhor primo, e senhor guarda-livros... (*A'parte*) Que ridicula historia! Estou corrida e desesperada! (*Alto*) Aqui em Lisboa devemos ambos esquecer-nos do que se passou ha dois annos em Aveiro. Creio que posso contar...

Luiz (*Fazendo uma profunda cortezia*)—Com o respeito e discreção de um... homem de bem.

SCENA XIII

SIMÕES, PADRE IGNACIO, MARIANNA, LUIZ

Simões—Cá está ella. Como é guapa! Oh! e só aqui com D. Luiz, e em conversação tam animada! Saberão elles!... Não é possivel. (*Alto*) Minha senhora, esta honra, este gosto ..

Marianna—O senhor Manuel Simões?... meu tio não é assim?

Simões—Certamente, esta casa é de seu tio, minha senhora, e. .

Luiz (*Baixo ao Padre Ignacio*)—Padre, padre, estou resolvido, tomo o seu conselho, mudei inteiramente de opinião. Vamos soltar meu pae.

Ignacio—Ah, cahiu em si? depois que o deixei, encontrou razões?... (*Olhando para Marianna.*)

Luiz—Sim, padre: razões que abalaram toda a minha fé, que destruiram todas as chimeras do meu espirito, que desvaneceram todas as illusões do meu coração. Não vivo já, não quero viver senão para meu pae. Casarei com essa mulher que nunca vi, que detesto já sem a conhecer... Mas não importa... eu..

Ignacio (*A'parte*)—Que enigma é este? Aqui anda enredo grande que nem eu entendo. Ah!... ah!... já percebo. Bem: melhor é assim. (*Alto*) Foi Deus que lhe tocou o coração, filho. Agradeça-lh'o e dê-se por feliz.

Luiz (*Baixo ao padre-Ignacio*)—Feliz eu! Ah! se soubesse ..

Ignacio (*Baixo a Luiz*)—Sei.
Luiz (*Baixo ao padre-Ignacio*)—Sabe?
Ignacio (*Baixo a Luiz*)—Sei... O que é que eu não sei, meu filho?

SCENA XIV

MONICA, SIMÕES, PADRE-IGNACIO, MARIANNA, LUIZ

Monica—Ora emfim, minha rica senhora, agora vamos. Mano, deixe esta pobre menina, que ha meia hora que aqui está enfadando-se.
Marianna—Meus senhores...
Ignacio—(*Baixo a Luiz*)—Que lhe parece, D. Luiz? E' gentil, é uma dama perfeita: não é?
Luiz (*A'parte, e cortejando D. Marianna*)—Sobrinha d'elle!
Marianna (*A'parte e cortejando a Luiz*)—Um caixeiro!
Ignacio (*Baixo a Simões*)—Como vae a coisa?
Simões (*Baixo ao padre-Ignacio*)—Mal.
Ignacio (*A'parte*)—Vae bem, bem, optimamente!

ACTO SEGUNDO

Outra sala mais reservada em casa de Manuel Simões que se vê communicar com a do primeiro acto. Porta ao fundo, e portas aos lados.

SCENA I

MARQUEZ, SECRETARIO

Marquez (*Ao bastidor*)—Que não entre ninguem aqui! (*Na scena*) São oito horas da noite: tenho tempo ainda (*Para o secretario*) Ponha essas pastas ahi, e vamos a isto: prepare-se para escrever. Fazemos hoje gabinete em casa de meu compadre Manuel Simões. E' mais seguro do que no paço... Oh! o paço... do que na secretaria d'Estado. Ah! estão montados os meus dragões?

Secretario—Sim, meu senhor, e promptos á primeira voz.

Marquez—As tropas em armas nos quarteis?

Secretario—Tudo está como V. Ex.ª ordenou: a guarnição toda em armas, artilheria de morrão accêso.

Marquez—E o espirito da tropa?

Secretario—Os commandantes respondem dos soldados; e se o povo...

Marquez—O povo!... Oh! o povo... Que dizem hoje os meus agentes secretos? Extractou toda essa papelada?

Secretario (*Que se sentou a uma banca revolvendo as pastas*)—Pela maior parte. Mas ha algumas cartas aqui que V. Ex. hade desejar vêr na sua integra talvez...

Marquez—Pois quê?... temos conspiração, temos Jesuitas, temos?... Deixe vêr. (*Pega nas cartas e abrindo uma*) Da bella e puritanissima condessa. (*Lê*) «A princeza sabe tudo... estamos perdidos.»

(*Fala*) Sabe tudo! não sabe tal. (*Lê*) «Veiu o Jesuita falar com ella, e estiveram muito tempo em conferencia.» (*Fala*) Ah meu padre-Ignacio, cuidavas tu que eu?... (*Lê*) «O principe está furioso, e prometteu... (*Fala*) Prometteu? Que havia de elle prometter? Uma novena a algum dos registos dos santos que traz dentro da cabelleira. Coitado! Para prior do Crato excellente... mas para rei!... Que viva mais oito dias D. José I, e eu lhe direi se o seu successor precisa de fazer mais nada do que accrescentar um ponto ao seu nome.

Secretario—Esta outra carta...

Marquez (*Tomando-a*)—Do meritissimo corregedor dos Romulares. *La robe et l'épée*: todos cá estão no livro preto... ou livro de ouro, que é mais exacto. (*Lê*) «Esta tarde, da uma para as duas, chegou a casa do mercador da rua Augusta Manuel-Simões, casa notada lettra C... (*Fala*) Ah! ah ah! Manuel-Simões! meu compadre!... O corregedor é esperto. Casa notada! (*Lê*) «Chegou a casa do mercador... tal, tal... uma liteira com uma senhora moça, e grande trem de bagagem!» (*Fala*) E' minha sobrinha, minha sobrinha que chegou. (*Levanta-se*) Oh! isto é mais sério... A' uma para as duas da tarde! São oito horas!—e Manuel-Simões sem me apparecer... eu sem saber nada! Seis horas, seis horas perdidas? Ah meu compadre! (*Ao secretario*) Toque essa campainha... (*Toca-se a campainha*) toque mais, mais forte. (*Toca-se*) E chego eu aqui, Manuel Simões fóra de casa... E os estupidos dos caixeiros não me dizem nada. E ella, minha sobrinha, onde estará ella? Aqui ha de estar... Toque outra vez a campainha. (*Toca-se*) Como assim! não ouvem, ou será?... Ai Simões, Simões!

SCENA II

ZEPHIRINO, MARQUEZ, SECRETARIO

Marquez—Oh! finalmente, Manuel Simões onde está, teu amo?

Zephirino—Saberá V. Ex.ª que elle... elle...

Marquez—Elle o quê, pateta?... Onde foi, quando volta?

Zephirino—Não sei dizer, meu senhor. Mal chegou a

menina, esta senhora que é sobrinha cá da casa sahiu logo.

Marquez—Sahiu quem, a sobrinha?

Zephirino—Nada, não senhor, pobre menina! pois ella havia de sahir?

Marquez—Então explica-te, vejamos, e fala claro.

Zephirino—Sahiu foi o patrão, desde que ella chegou, e ainda não voltou; ha bem tempo. E mais sahiu na mulinha por signal.

Marquez—De mais a mais, sahiu a cavallo.

Zephirino—Elle sim, a cavallo! (*Rindo*) O sr. marquez está brincando... O patrão a cavallo!...

Marquez—Pois não disseste?...

Zephirino—Na mullinha, senhor, na mullinha.

Marquez—Pateta!.. E então a minha... a senhora... essa senhora que chegou, está deitada já?

Zephirino—Deitada, não sei; mas ha de estar descançando Ora, uma viagem tamanha! mas ella não parecia muito cansada. Vinha tam perfeita, benza-a Deus! Bem se póde gabar o patrão que tem uma sobrinha...

Marquez (*Zombando*)—Com effeito! Agrada-te? hein?

Zephirino—Se me agrada! E dizer que é lá da provincia, que nunca esteve em Lisboa, e o modo que ella tem! Cá nos arruamentos não ha quem se lhe ponha ao pé.

Marquez (*rindo*)—Muito me contas! Com quê, bonita, hein?

Zephirino—Bonita! Aquillo é... Ora Sr., V. Ex.ª está-me fazendo falar para... mas não importa. Eu digo-lhe a verdade: é uma rapariga qu'a gente ..

Marquez—Que a gente o que?

Zephirino—Qu'um homem... E' Jesus!

Marquez—Pelo que vejo gostas d'ella.

Zephirino—Ah senhor! Se o patrão. . Elle tem-se visto coisas mais extraordinarias. Inda que eu não sou senão segundo caixeiro, e o senhor Luiz!... Oh, lá o sr. Luiz é outra coisa; mas esse! esse sim!

Marquez—Esse?. .

Zephirino—Esse não quer... esse quer lá!

Marquez—O que é que não quer o senhor Luiz?

Zephirino—O senhor Luiz não é cá como a gente. Não é que elle a não ache bonita, que eu bem vi.

Marquez—Ah! tu viste!... O que é que viste? Dize-me.
Zephirino—Ora o sr. Marquez quer rir.
Marquez--Protesto-te que nunca falei tam serio; interesso-me devéras por... por essa sobrinha do meu compadre. Com quê, tu viste?
Zephirino—Ora, o que vi não é nada. Mas sempre vi o nosso querido senhor Luiz que lhe deitou uns olhos.. mas por outra parte, elle mesmo me disse: «Anda Zephirino que está ao talhar para ti.»
Marquez—Ah! elle disse isso?
Zephirino—Disse; mas eu bem n'o entendo. Era como quem dizia: «Cá eu...»
Marquez—Cá eu?...
Zephirino—Ora senhor!
Marquez—Fala, homem, explica-te.
Zephirino—Não senhor, lá isso não digo.
Marquez (*severo*)—Não dizes!... perguntando eu!
Zephirino (*resoluto*)—Não senhor. V. Ex.ª póde fazer de mim o que quizer, estou nas suas mãos; mas atraiçoar eu os meus camaradas!. .
Marquez (*A'parte*)—*Oû la vertu va-t'elle se nicher!* O caracter e a honra refugiaram-se atraz do balcão. (*Alto*) Muito bem, Sr. Zephirino, não lhe quero mal por isso; guarde o seu segredo. Mas para outra vez guárde-o de quem o não souber: para o marquez de Pombal não ha segredos. Entende? O sr. Luiz julga-se muito alta personagem para minha... para a sobrinha do patrão... Bem. Cuidavas tu que eu não sabia quem era o sr. Luiz!...
Zephirino—Oh senhor!.. eu não é que o disse! Misericordia! eu não disse nada. Sr. Marquez, por compaixão! (*A'parte*). Pobre senhor Luiz, coitado! (*Alto*) Oh senhor, não o mande para as Pedras-Negras, não o... (*A'parte*) não o entaipe . .
Marquez (*rindo*)—Vae descansado: juro-te que lhe não succede mal nenhum, ao contrario. Vae, vae, e vae-me buscar Manuel Simões, que venha logo aqui (*Zephirino sae*).

SCENA III

MARQUEZ, SECRETARIO

Marquez (*passeando*)—O medo que elles têm de mim todos! Triste coisa é o poder, fatal missão a minha! Mas sem este poder, que tantas vezes é obrigado a ser cruel, como se havia de regenerar esta nação perdida, refazer este povo degenerado! Ah! se a posteridade me fará um dia justiça? (*Péga nos papeis*) Oh? a parte do senhor Corregedor! Não acabei de a lêr.. (*Lê*) «Uma senhora com grande trem de bagagem... tal, tal, tal... não se sabe quem é, mas suspeita-se... (*Fala*) Que suspeitará o animal do Corregedor? (*Lê*) «por vêr para lá entrar, logo depois, um certo clerigo mal conceituado que dizem ser Jesuita ..» (*Fala*) Ora aqui tem em que mãos anda a policia! O padre Ignacio, Jesuita em corpo e alma, que me serve, coitado! cuidando servir-se a si e aos seus, mas que eu deixo na pia crença de que me engana — porque assim me convem — aqui tem o senhor corregedor que apenas o suspeita de Jesuita? (*Lê*) «Que dizem ser Jesuita...» (*Atira com a carta*) — Ai que gente, que gente! Pobre Portugal se eu!... E somos chegados á crise emfim. El-Rei... (*Para o secretario*) Saia, senhor, e em vindo meu compadre, que me chamem logo.

SCENA IV

Marquez, (*só*). — Estou perdido... perdido sem recurso, «V. Ex.ª não é camarista» me disse hoje aquelle insolente, e não me deixou entrar na camera d'el-rei. E agora morre, não ha duvida e a reacção é infallivel... reinado de frades e beatas! Que me farão elles a mim?—A mim que hãode fazer? Tremer deante de seu senhor, escravos! não me perdem assim o medo, não.—E quem sabe?.. Degradam-me, confiscam-me... enforcam-me talvez... Sim? pois até á ultima carta jogaremos... E quem perder pagará.—Oh! e meus filhos! e esta casa que tanto custou a fazer. . e tudo isto perdido!... Não póde ser, não hade ser. Ainda ha muito recurso, ainda tenho muitos amigos, ainda

posso conceber algum meio. Este casamento é preciso fazêl-o, já, já, e hoje... Hoje hade ser, hoje. Oh se el-rei!... mas el-rei está muito mal; não ha tempo a perder. Silencio, animo! que ahi vem o Simões. (*Senta-se.*)

SCENA V

MARQUEZ, MANUEL SIMÕES

Marquez—Ora venha, sr. compadre, venha, aqui estou ha uma hora á sua espera. Então como chegou minha sobrinha, como a acha, que me diz? E por onde anda o sr. compadre desde as duas horas da tarde que ella chegou?

Simões—Meu senhor, tenho corrido tudo á sua procura, fui á Ajuda, fui ao seu palacio; tenho andado, que se não fosse a minha mullinha...

Marquez—A mullinha do meu compadre é prudente e pausada como elle, meu amigo. Mas emfim Marianna chegou. E' preciso, já já, mandar chamar modistas, costureiras, cabelleireiro... pôr-m'a á moda. Já sei que é bonita, bom é. E' esperta, tem juizo?

Simões—Sobrinha de V. Ex.ª...

Marquez —Bravo! Estás um cortezão perfeito, Simões. E querias ser d'aquella estupida Mesa do Bem-commum, tam reles e villan! Vê lá, desde que te fiz da Junta do Commercio, se não tens outro ár. (*Fica pensativo, levanta-se depois, e passeando*). Com estes é que eu os mato devéras, os meus fidalgos. Elevar a classe média, tirál-a do nada do povo, desligal-a dos interesses d'elle! riqueza, saber, força tudo fica no centro. E para aqui o throno, que é o seu logar. (*Chegando familiarmente a Manuel Simões*). Em Inglaterra, não é assim, meu Simões: a nobreza e o povo são muito lá, que ha liberdade. Cá temos a sciencia certa, o poder supremo... havemos de ir mais depressa e melhor. Tu .. (*zombando*) ainda tens teus ressabios d'aquella roupeta... hein! Vamos, vamos: não tenha medo, compadre. Foste jesuita mas isso já lá vae. E aprendiz só... tu foste só aprendiz de Jesuita... Quantos votos fizeste tu? (*Simões enterna-se*). Bom, bom! não te afflijas: não falemos mais

n'isso. Acabou-se. — Ora pois: e o teu protegido?

Simões (*Confuso*)—Quem, meu senhor?... qual?

Marquez. — Qual? D. Luiz.—Mas é verdade, ambos; que ambos entram no negocio; D. Luiz e o padre. —Então! casa o rapaz? Ajuda-nos o outro devéras, ou cuida que me hade lograr?

Simões.—D. Luiz está resolvido, senhor. Convencemol-o hoje: e foi o padre-Ignacio que principalmente o decidiu.

Marquez (*reflectindo*).—Sim? notavel!—Será que... não póde ser. — Diga-me, compadre, que se diz cá pela Baixa da doença d'El-rei?

Simões. — D'el-rei nosso senhor... não se diz... não se diz nada... Que se hade dizer?—Em minha casa nada.

Marquez. — Em tua casa! que me importa a mim o que se diz em tua casa? Na cidade, nos arruamentos.

Simões—Oh! por ahi... dizem... dizem... que S. M. que está melhor, e que... que como V. Ex.ª tem saude e o despacho não parou...

Marquez — Não parou, não, que a previdente sabedoria d'el-rei meu senhor antecipou instrucções e ordens para todos os casos emergentes. —Mas deixemos isso. El-rei está melhor, o seu incommodo não é nada. Falemos de minha sobrinha. Está justo o casamento: dizes tu. Vamos a isso já; hoje as escripturas feitas e assignadas. El-rei meu senhor, por sua real benignidade. manda entregar a D. Luiz a administração de todos os vinculos, capellas, commendas e bens livres que foram sequestrádos a seu pae por suspeita de crime de alta traição. São as nossas condições: bem sabes. Cumpro fielmente o que prometti. (*Toca a campainha: apparece o secretario)*

SCENA VI

MARQUEZ, SIMÕES, SECRETARIO

Marquez —Senhor secretario, aquelles papeis que hontem trouxe o meu tabellião?

Secretario—Aqui estão, meu senhor.

Marquez (*Folheando*)—Escripturas. Hoje mesmo ás...

— seja ás onze da noite —estará em minha casa o tabellião, as testemunhas e os nossos parentes. A essa hora apparecerás tu lá com. . Póde retirar-se, senhor secretario. (*Retira-se o secretario*) Estarás lá com minha sobrinha. Virá aqui uma carruagem da Casa buscal-os. Em outra irá o padre Ignacio com meu... com meu sobrinho. . Meu sobrinho! Ah! eis aqui como elles são. Por traz, cobrem-me de maldições... deante de mim, ajoelham para beijar a mão que os flagella! Cada vez desprezo mais os homens.—Vamos! tens entendido bem as minhas ordens! Tu com Marianna por um lado, o padre com D. Luiz por outro: ás onze horas em minha casa todos. Está dormindo ella?

Simões — Não sei, meu senhor; mas creio que não. Eu vou saber.

Marquez—Não é preciso: se dorme deixal-a dormir; que descanse. Basta que nos vejamos logo. — Os vestidos estão promptos?

Simões—Sim, senhor, em casa tudo.

Marquez—O cabelleireiro de aviso?

Simões—Tudo se fez como V. Ex.ª mandou.

Marquez — Bem. Não se me dava de a vêr, mas .. (*Puxa o relogio*) — não tenho tempo. (*Repara em Simões que está triste*). Que é isso, Simões? que estás tu com essa cara tam triste, esse ár tam abatido? que queres? fala?

Simõea—Senhor ..

Marquez — Dize, não tenhas medo. Temos mais algum empenho dos teus, algum fradinho da mão furada, algum dos teus Jesuitas que eu tenha de proteger. Eu! Olha que tu sempre me fazes fazer coisas, Simões? Eu, o marquez de Pombal, protector de Jesuitas?

Simões—Meu senhor, não é nada d'isso; mas V. Ex.ª esqueceu-se...

Marquez—De que?

Simões—Da principal promessa que fez a D. Luiz, a que mais o moveu, a que seguramente tem mais valor a seu olhos...

Marquez—Promessa! Qual? Pois não lhe mando entregar a casa, tudo?..

Simões—Oh senhor! e seu pae?

Marquez—Seu pae, seu pae... Isso tem mais que se lhe diga: um preso d'Estado, suspeito de crimes...

Simões — Senhor, senhor! mas V. Ex.ª prometteu senhor, por quem é, lembre-se...
Marquez—Estás certo que prometti?
Simões—Certissimo; e em nome de V. Ex.ª o assegurei a D. Luiz.

SCENA VII

MARQUEZ, SIMÕES, SECRETARIO

Marquez (*Toca a campainha, entra o secretario.*)— Sr. secretario, aquelle aviso para o governador do Forte da Junqueira?
Secretario—Aqui está o sêllo volante.
Marquez (*Severo.*)—Quem lhe disse que o fechasse a sêllo volante?
Secretario—A natureza da ordem: eu..
Marquez — A natureza da ordem? Pois Vm. mette, se a conhecer da natureza das ordens que eu dou. Sr. secretario, quando se escreve a segunda linha de um aviso no meu gabinete, já deve estar esquecida a primeira. Tem entendido? Lacre esse Aviso, ja. (*O secretario lacra o Aviso.*) Bem! dê cá. Mande chamar o padre-Ignacio.
Simões — Eu creio que hade estar ahi. Quando eu entrei de fóra, entrava elle tambem: hade estar com minha irman Monica.
Marquez — Ah! está por cá? Logo vi que não havia de andar longe. Vá chamál-o. Sr. secretario, desça com essas pastas, metta-se na carruagem, e espere-me.

SCENA VIII

MARQUEZ (*Só*)

A rainha quer que soltem todos. Perdôe S. M.; não póde ser. E o bispo de Coimbra? Oh! esse menos ainda. Est'outro não tem duvida, o pae de D. Luiz. E' uma clemencia que não tem perigo e que me faz bem a mim. Ah! se el-rei melhorasse... Aqui vem o Jesuita.

SCENA IX

MARQUEZ, PADRE-IGNACIO

Marquez—Entre, padre, entre, e deixe-se d'essas humlidades hypocritas commigo. Bem sabe que o conheço... que nos conhecemos. O padre é meu inimigo.

Ignacio—Eu, senhor! quem sou eu para?...

Marquez—E' um dos reverendos padres da Companhia de Jesus a que eu fiz tirar a maldita roupeta, mas que ficou tam Loyola, tam solipso, tam jesuita como d'antes; que me tem por mais excommungado que o proprio Calvino, mas que acha, como o nosso amigo Tartufo—sabe?—que *Il y a avec le ciel des accommodements.*

Ignacio—Para fazer uma obra boa...

Marquez — E' verdade: consigam-se os fins, sejam os meios. .

Ignacio—Quaes forem. O marquez de Pombal Jesuita. Hade haver Jesuitas em quanto houver homens. O fim aqui é salvar uma familia illustre, honrada e infeliz. Os meios são fazer um serviço a V. Ex.ª — Tam deshonesto lhe parece o meio, Sr. marquez?...

Marquez — Bravo, padre! A resposta é feliz, e eu dou tudo por um bom dito. Ora pois: assim é que eu quero. Máscara fóra e tratemos como de potencia a potencia... Que a sua ainda é uma potencia... descahida, é verdade: vossas reverencias são uns reis desthronados — desthronados por mim — mas ainda podem bastante. (*Com intenção*) Ainda ha muita casa de commercio que gira com enormes sommas, cujos verdadeiros senhores eu conheço: e, o que mais é, sei onde elles estão e as suppostas firmas que os cobrem. Entende-me, padre?

Ignacio—Entendo o que V. Ex.ª quer dizer; mas sei que está enganado.

Marquez—Eu nunca me engano, padre.

Ignacio—Nem com a doença d'el-rei?

Marquez (*turva-se*) — El-rei!... (*Serenando*) El-rei está melhor. Quem lhe disse?...

Ignacio—Ninguem me disse nada, Sr. marquez; mas el-rei está muito mal hoje, muito peior, sem esperanças de vida. Talvez ámanhan...

Marquez *(Assustado)*—A'manhan o quê?
Ignacio—Talvez ámanhan sentada no throno de Portugal a Senhora D. Maria I tenha de julgar...
Marquez—Julgar.
Ignacio—Ou de perdoar a quem lhe queria tirar a corôa, para dar a seu filho...
Marquez—Padre!
Ignacio—V. Ex.ª exigiu que eu depuzesse a humildade do meu estado, que lhe falasse. .
Marquez—Bem, bem! Mas el-rei meu senhor ainda respira, eu ainda sou seu ministro...
Ignacio—E póde... continuar a sel-o da filha... Quem serviu tam bem o pae... *(A'parte)* N'esta caes tu por isso mesmo que é mais grossa.
Marquez—Certo é que, se a princeza, minha senhora, quando chegar esse fatal dia que Deus affaste... isto é, esse dia feliz em que para gloria do throno e da nação...
Ignacio (*A'parte*)—Em que ficamos? é fatal ou feliz o tal dia?
Marquez—Se S. A., herdeira das augustas virtudes de seu augusto pae, quizer continuar o glorioso reinado que toda a Europa admira...
Ignacio—Deve conservar o ministro a quem toda essa gloria se deve.
Marquez—A gloria não é minha, é d'el-rei meu senhor...—Padre, falemos claro, e deixemo-nos...
Ignacio—De humildades hypocritas.
Marquez—Sim, senhor.
Ignacio—Nós sômos uma potencia cahida, e V. Ex.ª uma potencia que está para...
Marquez—Para cahir! Talvez. Entendamo-nos pois.
Ignacio—E' possivel. E' difficil, mas é possivel.
Marquez—Estipulemos.
Ignacio—Estipulemos.
Marquez—Primeiro que tudo, este casamento hoje.
Ignacio—Concedido.
Marquez—Responde-me d'elle?
Ignacio—Respondo.
Marquez—D. Luiz já viu minha sobrinha?
Ignacio—Já.
Marquez—Sabe que é a noiva que lhe destinamos?
Ignacio—Não, nem convem que o saiba por ora.
Marquez—Mas d'aqui a duas, tres horas se hão de assignar as escripturas.

Ignacio—Então o saberá.
Marquez—E o pae?
Ignacio—O pae ha de fazer o que lhe eu mandar, e o filho tambem.
Marquez—Aqui está a ordem para o governador do Forte deixar entrar a V. Reverencia e a D. Luiz. Logo a dou a Simões.
Ignacio (*A'parte*)—Perdeste a partida, marquez de Pombal!
Marquez—Fechemos aqui o protocolo. O resto, depois de assignadas as escripturas. Continuaremos as negociações no meu gabinete. Tenho muito que fazer agora.
Ignacio—Tem, bem sei. A guarnição está toda em armas, as intrigas fervem.
Marquez—Como sabe?
Ignacio—Eu sei tudo.
Marquez—Sabe, sabe. Padre, até logo. D'aqui a uma hora hão de estar duas carruagens a essa porta; metta-se n'uma com D. Luiz, vão á Junqueira; e depois ás onze em ponto em minha casa.
Ignacio—V. Ex.ª será obedecido.
Marquez (*tocando a campainha*)—Alguem d'ahi!

SCENA X

SIMÕES, MARQUEZ, PADRE IGNACIO

Simões—Senhor?
Marquez—Faze o que te ordenei, e adeus até logo.
Simões—Zephirino! Zé-Braga! as tochas.
Marquez—Fica tu, e vae cuidar do que tens que fazer. Toma. (*Dá-lhe o Aviso lacrado que traz na mão.*)

SCENA XI

SIMÕES, PADRE IGNACIO

Ignacio—Onde está D. Luiz?
Simões—No seu quarto.
Ignacio—Tornou a falar com ella?
Simões—Não; Monica disse-me que não.
Ignacio—Bem. Eu volto d'aqui a meia hora. D. Luiz que me espere.

Simões—Digo-lhe que temos a ordem? (*Mostrando o Aviso.*)
Ignacio—Póde dizer. Mas não diga. Eu lh'o direi.

SCENA XII

SIMÕES, *depois* MONICA

Simões-Meu amo, meu pobre amo! que alegria, que felicidade! Ora vamos a isto que são horas. Monica! Monica!
Monica (*De dentro*)—Ahi vae, ahi vae. (*Sahindo*) Jesus! como esta casa anda! Estou sem cabeça. Uns a entrar, outros a sahir; este que me chama, o outro que me ralha! modistas, cabelleireiros! que desordem... Oh Senhor! haverá algum noivado hoje n'esta casa, ou que é isto!
Simões—E' um noivado: adivinhou, Monica.
Monica—Um noivado! E quem se casa? não sou eu...
Simões (*Rindo*)—Não, por ora, ainda não. Outro dia será. Hoje é minha sobrinha.
Monica—Sua sobrinha! O mano está a brincar.
Simões—Estou a falar serio.
Monica—Então para quando é, e com quem a quer casar? Pobre menina!
Simões—E' para hoje.
Monica—Para hoje?
Simões—E já.
Monica—Ora, mano!
Simões—Não é—ora mano, nem ora mana. E' que se casa hoje, já, e que d'aqui a pouco se assignam as escripturas, e que é preciso que se vista. Ahi está tudo prompto, ahi estão as modistas com os vestidos, o cabelleireiro... Vá fazel-a vestir.
Monica—Oh senhor do céo! pois a estas horas! a pobre criança estafada da jornada, e que ainda não dormiu! temos estado a conversar toda a tarde. Ai! e que ricas coisas que ella sabe, e que me contou do convento, e de!...
Simões—Fez bem, e continue; converse com ella, entretenha-a. E sobretudo, que ninguem mais lhe fale; caixeiros, gente de fóra, seja quem fôr. Tome sentido. Eu vou sahir; d'aqui a hora e meia, duas

horas, volto : quero achar D. Marianna prompta para me acompanhar.

Monica—D'aqui a duas horas ! misericordia, e a Senhora a Grande me acuda n'estes trabalhos. D'aqui a duas horas ! E ainda agora o cabelleireiro começou.

Simões—O cabelleireiro é Monsieur Frisone, homem capaz e desembaraçado, francez de mãos e inglez de palavras, que fala pouco e trabalha muito. Já estava prevenido, em poucos minutos ficará prompta de suas mãos.

Monica—Poucos minutos, senhor ! Esta gente não pensa no que diz : este homem realmente nunca hade saber o que é vestir uma senhora. Oh mano, pois só os sinaes, o pôr dos sinaes ! o recortar do tafetá !

Simões—Patetice ! Sr.ª D. Marianna, minha sobrinha, é já formosa bastante por si, não precisa d'esses arrebiques. Que vá sem sinaes.

Monica—Sem sinaes, ih Jesus ! Aquelles olhos, tam lindos, mortos sem um sinal preto que lh'os avive ! Oh mano, realmente diz coisas... Pobre menina !

Simões—Pois que leve quantos sinaes quizer, com tanto que esteja prompta á hora dada. (*O cabelleireiro atravessa a scena.*) Ahi foi o cabelleireiro : vê ? não lh'o disse eu ? Ora vá, vá fazer entrar as modistas. Que m'a vistam, que m'a calcem, que m'a ponham de ponto em branco. E adeus ! Outra vez, Monica, outra vez lh'o repito, e sentido commigo ! n'esta sala, aqui, nem n'essa camera, nem d'aquella porta para dentro, ninguem mais senão eu. (*Reflectindo.*) Só se fôr...

Monica—Quem ?

Simões—O padre Ignacio. Esse... esse não é ninguem.

SCENA XIII

MONICA (*Só*)

Não é ninguem o padre Ignacio ! Eu quero endoidecer com isto. E o pobre do Sr. Luiz, coitado ! Que eu inda tenho os meus olhos; não me digam que não; e bem vi os que lhe elle deitava. Parecia-me outro homem ! que animação, que ! .. E ella ! Ella por modo que... E dizer que m'a vão casar

assim de repente! Deus sabe com quem? Algum malaventurado que a não saiba estimar... Eu que já cá tinha feito os meus planos tam bem feitos! nada, não! que são mesmo ao talhar um para o outro. Como *Carlos e Rosaura* por uma penna Ella toda senhora, toda filagrana, toda gentilezas, que ninguem dirá senão que nasceu para andar na côrte. Elle com aquelle ár de gravidade que parece mesmo embaixador! Ai! Deus os fez, e bem feitos que os fez; mas para os juntar, não póde, não, que se metteu no meio o Jesuita. E Deus me perdôe, que aqui anda elle, o mofino do padre Ignacio, por mais que me digam, n'este enrêdo do casamento. Ora vamos lá, vamos vêr a pobre da menina. minha sobrinha que eu em tal sobrinha não creio ainda, apezar de tudo. Sobrinha aquillo, de Manuel Simões! Está bom.

SCENA XIV

MONICA. *Indo a sahir encontra-se com* LUIZ

Monica—Misericordia! O Sr. Luiz aqui ..

Luiz—Tia Monica!

Monica—Não sou tia Monica.

Luiz—Por caridade oiça-me.

Monica—Não tenho caridade, não tenho ouvidos, não tenho senão mêdo. E Jesus! vá-se, vá-se já, ande senhor não me perca, deixe-me, vá-se.

Luiz—Que é isso, tia Monica, que tem, que lhe fiz eu?

Monica—Não me fez nada: vá se. Não tenho nada: deixe-me. Jesus, se o mano vem!...

Luiz—Não vem.

Monica—Quem lh'o disse?

Luiz—Sei-o eu. Foi-se e não torna tam cedo. Assim ouça, escute: E' um caso de vida e de morte. . de morte só, porque eu estou resolvido a morrer.

Monica—Jesus á minha alma, Sr. Luiz! morrer, morrer! como esta gente moça fala em morrer! Bem se vê que é de longe. Quem se sente já perto d'ella, da morte, como eu, oh! fala com mais respeito... Mas tudo isto é serrar madeira para nada, Sr. Luiz O tudo é que o mano não quer que entre aqui

ninguem esta noite. Vá-se, vá-se já: fico perdida se elle chega e o encontra aqui. Vá-se.

Luiz—Já lhe disse que elle não vem. E oiça-me, Monica. Dou-lhe eu a minha palavra que a não comprometto em nada. Fia-se na minha palavra?

Monica—Fio, fio; mas por outra parte desconfio. Ai senhor Luiz, pois não sabe como é o mano?

Luiz—Sei: mas a seu irmão, que aqui estivesse, lhe diria o mesmo que agora lhe digo. Monica, eu não sou de muitas palavras, nem leves: bem o sabe.

Monica—Sei: pois então diga. Quantas palavras?

Luiz—Duas só. Eu morro.

Monica—Ai menino! diga tres, diga vinte; mas não diga essas duas que são tam feias.

Luiz—Pois está na sua mão dar-me vida.

Monica—Na triste mão da velha! Tome-a e viva... (*A' parte*) Enfeitiça-me com aquelle ár de senhor, o mofino. Manoel Simões que faça o que quizer, eu não posso resistir a isto. (*Alto*) Diga, diga, ande e avie-se

Luiz—Tia Monica, eu heide falar já, já, com... com sua sobrinha.

Monica—Com minha... sobrinha? Está doido, senhor. Pois não sabe?

Luiz—Sei.

Monica—Tudo?

Luiz—Tudo.

Monica—Então?

Luiz—Então?

Monica—Então vá-se e deixe-me: tenha juizo (*A'parte*) Que pena. Duas almas que se querem... está visto... adoram-se. Diz que morria. Já sei o que elle morre... é que...

Luiz—Duas palavras só, mas heide dizer-lh'as a ella.

Monica—Como as que me disse a mim ainda agora?

Luiz—Como. . sim... as mesmas... Não sei... Pois sim .. Deixe-me: heide dizer-lh'as, heide. E' este o quarto, vamos.

Monica (*pondo-se deante da porta*)—Que faz senhor, que é isto? Ai se o mano tal visse! Ih Jesus! senhor, pense no que faz, lembre-se...

Luiz—Não me lembro de nada: heide entrar.

SCENA XV

MARIANNA, *abrindo a porta do fundo*, LUIZ, MONICA

Marianna—Não hade. Sou eu que saio, e d'esta casa já para sempre, se não hei-de ser respeitada n'ella.

Monica—Bem vê que não é minha culpa: eu queria... eu não queria...

Marianna—Queria e não queria: ha muita gente assim; bem o sei.

Monica—Eu era...

Marianna—E não era. Tambem assim ha muitos (*A Luiz*) Não lhe parece?

Luiz—Nem todos podem ter a presença de espirito, o sangue frio...

Marianna—Que eu tenho. Exactamente. E' o meu forte, o tal sangue frio. Tia Monica, o Senhor... o Senhor... o Sr. Luiz... de?...

Luiz—Luiz só...

Marianna—O sr. Luiz só... quer-me falar; e com tal empenho, bem vê, com o sangue tam quente. (*A Luiz*) não é isto?... que lhe subiu á cabeça, e o perturbou a ponto de querer violar o sagrado da minha camera. Não permitta Deus que por tam pouco se arrisque tanto. Eu estou penteada e quasi vestida Traga para aqui o resto das minhas coisas, o espelho, o mais que é preciso. (*Monica sae*) Póde falar o senhor... o Sr. Luiz.

Luiz *(áparte)*—Dá-me vontade é de lhe virar as costas e não tornar a vêl-a. Que mulher! que indifferença, que frialdade!... ai! (*Volta Monica trazendo o que se indicou.*)

Marianna (*assentando-se, e começando a mirar-se ao espelho*)—Fale, senhor; estou disposta a ouvil-o: Bem vê.

Monica—O mano tinha dito...

Marianna—O mano disse que eu era sua sobrinha... e este senhor tambem. Sômos primos portanto, bem o vê, e temos que falar. Entre primos não ha nada mais natural. Deixe-nos um instante sós, tia; eu tomo toda a responsabilidade sobre mim. Vá, vá. E que responsabilidade! É ridiculo isto. (*A Luiz)* Pois não é? diga...

SCENA XVI

MARIANNA, LUIZ

Luiz—E' muito sério, minha senhora; muito mais serio do que cuida.

Marianna—Assusta-me devéras. Que ár tam solemne.

Luiz—Solemne sim, e grave: trata-se da minha vida, da minha honra.

Marianna—E' um desafio: querem vêr? á espada, ou?...

Luiz—Prouvéra a Deus que eu tivesse com quem jogar a vida assim, e que a morte a que caminho, fosse...

Marianna—A morte! Oh! não zombe com essas palavras. Merecia-me o conceito de valer mais alguma coisa do que os dizedores vulgares d'essas banalidades que... que já não são moda.

Luiz—Eu não sei o que é moda, sei o que é verdade.

Marianna—Na côrte, para zombar de uma provinciana, tudo é permittido: não é assim! Diga. Pois diga.

Luiz—Digo-lhe o que tenho no coração, o que n'outro tempo lhe disse, o que sabe que é verdade.

Marianna (*Confusa*)—E', bem o sei, mas não lh'o quero ouvir. Ai! já de mais o fiz! Bem sei que me ama; mas eu não posso nem devo... Eu não sei. n'esta confusão em que estou, o que é verdade, nem o que não é. Nem pretendo sabel-o. Se o objecto d'esta *(solemne e grave)* conferencia é repetir-me essas coisas que lhe ouvi n'outro tempo, quando...

Luiz—Quando?

Marianna—Quando eu era livre.

Luiz—E agora?

Marianna—Agora não o sou, e não as quero ouvir, mais. Emfim, não falemos serio no que é só para brincar. Meu tio Manuel Simões bem sabe, nosso tio, Manuel Simões e Companhia. .

Luiz—Senhora, deixemos enigmas e zombarias. Eu não sou sobrinho de Manuel Simões.

Marianna—Ah! não é sobrinho?... Pois sou eu.

Luiz—Não é.

Marianna—Sou.

Luiz — Basta. Eu tinha jurado conservar este incognito...
Marianna—E que bem guarda os seus juramentos!
Luiz — Marianna, Marianna, por quem é, não abuse da minha situação, lembre-se...
Marianna—E' justamente o que eu não quero, é lembrar-me. Preciso esquecer-me, oh! sim! esquecer-me... e heide esquecer-me.
Luiz—Quem podéra ser assim!
Marianna — Póde sel-o quem quer, quem tem obrigações de cumprir, deveres sagrados a que obedecer. Eu. .
Luiz—E eu não os tenho?
Marianna—Quaes?
Luiz—Os de um homem condemnado a morrer para salvar a vida a seu pae.
Marianna—Que diz?
Luiz—A verdade: vou morrer.
Marianna—Como?
Luiz—Dando a minha mão a uma mulher que detesto, casando-me com um monstro. .
Marianna—Casando! (*A'parte*) Ai que dôr! não cuidei que custava tanto. Que diz elle? (*Alto*) Pois vae?... Pois é verdade?... Pois assim se esqueceu?...
Luiz—Não me disse ainda agora?...
Marianna — Disse. . que disse eu? Eu disse? Ah! sim; mas eu é differente. E eu não disse.. eu não faço... eu não posso.—Luiz, D. Luiz, que enigmas são estes, que mysterios, que enrêdos fataes andam aqui? Eu prometti, é verdade, a meu tio... a meu tio sim... meu tio verdadeiro... a meu tio que não é... que é. . que... E não tenho já outro parente no mundo senão elle — prometti-lhe obediencia cega, prometti acceitar o esposo que me destinou; mas... Oh meu Deus!...
Luiz—Mas?...
Marianna—Mas, se é verdade que as nossas promessas são mais antigas, e que as acceitou Deus antes ...Que digo eu! eu estou louca. Não oiça o que eu digo, deixe-me, deixe-me por compaixão. D'aqui a uma hora, ai! — Mas não me disse que seu pae, a vida de seu pae? .
Luiz — Depende, sim, disse e é verdade, do infame casamento a que estou condemnado; da minha

morte certa, porque eu não sobrevivo á deshonra de acceitar por mulher a... a detestavel creatura que me destinam. Não, não sobrevivo á perda de todas as minhas esperanças, ao acordar d'este sonho que nós sonhámos ambos, Marianna quando...

Marianna — Quando horas e horas nas grades d'aquelle convento nos estavamos devorando com os olhos, jurando eterna fé, jurando morrer antes do que...

Luiz — Do que pertencer a outro, e eu pertenço ao algoz!...

Marianna —Meu Deus!... que diz este homem? Este homem está louco.

Luiz—Estou.

Marianna—Isso não é verdade: diga...

Luiz—E' oh! é Marianna: a minha estrella fatal não se desmente, não se desvia um instante d'esta perseguição funesta que é o meu destino.

Marianna—E se meu tio Manuel Simões?...

Luiz - O que?

Marianna—Não fôr meu tio devéras, se?...

Luiz—Maior é a minha desgraça, mais profundo é o abysmo em que me vou lançar, em que me arrojam! E quem sabe, oh meu Deus! se por fim meu pae?... E' capaz de me enganar, o malvado homem, de me trahir, o Jesuita... Quem sabe se meu pae vive? Quem sabe se m'o restituirão, se?... Marianna, Marianna, por Deus que está no ceo, promette-me?... (*Arrebatado, toma-lhe a mão e vae a ajoelhar.*)

SCENA XVII

PADRE IGNACIO, LUIZ, MARIANNA

Ignacio—Não prometta nada, sr.ª D. Marianna. E a loucos ainda menos. Este homem não sabe o que quer, nem o que pede. Seu pae está agonisando, e elle aqui! Aqui em requebros o filho, e o pae lá... O homem a cuja sombra elle escapou ao patibulo, á infamia, á miseria — esqueceu-se de tudo o que lhe devia, e em sua propria casa, n'este asylo a que se accolheu, aqui vem seduzir-lhe a donzella do seu sangue, a filha do seu irmão, transtornar-

lhe as suas esperanças, fazer... Oh! se me contassem esta acção de outro, mas de...

Luiz—Padre!... padre, repare bem no que diz. Perdôo-lhe porque não sabe...

Ignacio—Sei tudo.

Luiz—Não sabe.

Ignacio—Sei; e tambem sei que tenho aqui esta ordem por escripto, e que seu pae nos espera. (*Mostra um Aviso fechado.*)

Luiz (*lendo o sobrescripto*)—E' a minha sentença de morte. Se será o resgate da vida de meu pae? Marianna; Marianna, pela ultima vez e para sempre... Oh! para sempre adeus!

Ignacio—Coitados!—Deus fará tudo por melhor. Vamos, senhor.

SCENA XVIII

MARIANNA (*só*)

Partiu! vae ser de outra, tem animo para m'o dizer, para sahir de deante de mim e ir... salvar seu pae, o infeliz! Oh! que agora é que eu sei o que lhe quero, agora sim que eu conheço o que amo. Santo Deus! e d'aqui a pouco tambem eu ajudarei por minha parte a levantar entre nós um muro de separação eterna. Tambem eu... Oh meu tio, meu tio! que me importam as tuas grandezas, os teus planos, a tua fortuna? E quanto melhor não era que me deixasses na minha obscuridade? Bem o não queria eu abandonar, o meu querido convento. Oh! antes alli perpetuamente reclusa, antes morrer alli de uma vez para o mundo, do que ter de agonizar assim toda a vida no meio de suas pompas e de seus enganos.—Quem vem ahi?

SCENA XIX

MARIANNA, SIMÕES, *depois* MONICA

Simões—Monica, Monica, não ouve? Já, já, venha... Oh! minha senhora, perdôe, não a via, não a suppunha aqui. A carruagem está á porta: são mais que horas de partir. V. Ex.ª bem sabe...

Marianna—Sei, partâmos. (*A'parte*) E' morrer isto; mas se elle tem força para o fazer, tambem eu heide tel-a. (*Alto*) Vamos, senhor.

Monica—Menina, menina, minha senhora, o lenço, as luvas, o leque. Ih Jesus, olhem como ia! ai. (*Baixo a Marianna*) O mano não sabe nada do senhor Luiz?

Marianna (*Baixo a Monica*)—Não; socegue, e se souber, é por minha conta.

Monica (*Baixo)*—Ai! ainda bem. (*Alto*) Rapazes. Zephirino, Zé Braga, sr. Luiz, venham vêr a nossa menina. Como ella vae linda! ai que amor de rapariga! Deus a fade bem! Oh mano, mano. Olhe lá, mano, se... Ih Jesus! casarem-m'a assim!

Simões—Monica, tenha juizo um dia.

Monica—Juizo, juizo! elles é que o têm, os homens, e tudo fazem assim... as véssas!

ACTO TERCEIRO

Sala livre do Forte da Junqueira. Bancos e cadeiras velhas. Luzes. E' noite.—Porta praticavel no fundo e outra ao lado.

SCENA I

PADRE IGNACIO, SECRETARIO

Secretario—São as ordem de S. Ex.ª.

Ignacio (*lendo um papel*)—As ordens de S. Ex.ª?... repita-me isso, senhor secretario. Tenha a bondade; não percebi bem. Estes meus ouvidos—como tudo o mais aqui—não regulam. Determina o sr. marquez?

Secretario—Disse-me que viesse a toda a pressa para o Forte da Junqueira, que entregasse este papel a vossa paternidade que cá havia de estar; e que lhe dissesse de viva voz que... que era preciso que o esperassemos aqui todos, porque elle não tardava.

Ignacio—Isso é o que está escripto n'este papel. Não trouxe mais nada o sr. secretario?

Secretario—Trouxe uma ordem para o governador do Forte.

Ignacio—Ora acabe com isso: custou-lhe! Trouxe ordem ao governador do Forte para me retêr a mim e a D. Luiz, e para...

Secretario—Não, senhor, não diz isso a ordem.

Ignacio—Então o que diz, sr. secretario?

Secretario—As ordens do sr. marquez ..

Ignacio—São todas secretas e mysteriosas: bem o sabemos. Altos mysterios para quem não está iniciado n'elles, para os profanos. Commigo inuteis, perdidos todos esses segredos!—e podem ser prejudiciaes, muito prejudiciaes, a alguem. Entende-me?

Secretario—Perfeitamente. Mas a verdade é esta: o sr. marquez vem ahi já, e não queria desencontrar-se...

Ignacio—De nós? Porque? E para que? S. Ex.ª esperava-nos em casa, mandou-nos ir ao seu palacio

das Janellas Verdes, onde, a esta hora, devia estar reunida toda a sua familia; Manuel Simões tambem já lá deve ter chegado, e com elle a sobrinha... a senhora D. Marianna, que é uma gentil menina, verdade seja! E' pena, é pena que se desarranjem estas coisas que estavam tão bem arranjadas. Não acha, senhor secretario?

Secretario—Não sei o que me quer dizer.

Ignacio—Mas sabe que tudo estava determinado assim, e que D. Luiz, depois de vêr seu pae—de vêr emfim seu pae ao cabo de tantos, tantos annos—devia ir d'aqui commigo, d'aqui d'estes horrorosos calabouços, para o magnifico palacio do sr. marquez de Pombal, e... Hein? pois não era isto?

Secretario—Sim senhor: mas apenas entrava em casa o senhor marquez para os esperar, quando recebeu uma carta, creio que coisa de muita pressa; expediu logo um correio a Manuel Simões, mandou-me a mim para aqui... e elle foi..

Ignacio—A Ajuda: bem sei.

Secretario—Quem lh'o disse?—Eu não sei... não creio.

Ignacio—Crê e sabe; e tambem o sei eu. Foi á Ajuda.— E el-rei? diga, el-rei?... Diga, senhor secretario: el-rei?

Secretario—Não está melhor... Sua Magestade... Sua Magestade parecia...

Ignacio *(Erguendo a voz)*—Sua magestade está a esta hora na presença de outra magestade, senhor, da tremenda magestade de outro rei, d'aquelle rei que não morre, d'aquelle rei que é o rei e o juiz de todos os reis. Oh! D. José I deixou de reinar. Que Deus faça, que Deus tenha.. ah! Que Deus tenha misericordia com a sua alma! (*Ajoelha e reza.*)

Secretario *(A'parte)*—Que lhe pedirá elle a Deus, o Jesuita? Pobres de nós todos se aquellas orações são ouvidas. (*Ignacio levanta-se.*) Mas, senhor, el-rei, nosso senhor...

Ignacio—El-rei, nosso senhor... nosso senhor?... Não minta, senhor secretario, que ja é tarde para mentir. E de que lhe serve ? El-rei está morto.

Secretario—Quando Deus fosse servido chamar á sua gloria...

Ignacio—Deus chama á sua gloria os que o servem, os que o honram, os que deram gloria ao seu nome

na terra. Mas diga, diga essas phrases banaes que apprendeu com os reposteiros do gabinete; diga o que quiser agora, que a mim o que me importa é.... (*Chama á porta da esquerda para dentro*) D. Luiz. D. Luiz! venha, D. Luiz.

SCENA II

LUIZ, PADRE IGNACIO, SECRETARIO

Luiz—Que me quer, padre? Aqui estou! Oh! não sabe? meu pae, está melhor, muito melhor, padre. Que fortuna! foi uma crise nervosa o que elle teve, diz o doutor; e de certo foi, mas terrivel. Cuidei que me morria nos braços. Alegria, pasmo de me vêr! Não queria acreditar os seus olhos, os seus debeis olhos desacostumados da luz, ha tanto, tanto tempo. Ai! o que tem padecido aquella alma n'aquelle corpo! Emfim passou-lhe, está melhor, e o medico responde por elle. Mas, esta noite já o não podemos tirar d'aqui: é preciso esperar pelo dia, e amanhan il-o habituando gradualmente ao ar livre.

Ignacio—Pois o meu conselho agora, D. Luiz ..

Luiz—Que bem me aconselhou, padre, que bem fez em me salvar de mim mesmo! Restitui a vida a meu pae.. Oh todo o sacrificio é pequeno. Vamos quando quiser, vamos já, vamos assignar essas terriveis escripturas, vamos levar ao tyranno o preço da vida de meu pae. (*A'parte*) Ai Deus, ai minha alma! ai meu pobre coração! (*Alto*) Nao importa, vamos já; estou prompto, estou resoluto (*A'parte*) Marianna... Marianna, adeus, oh para sempre adeus! Perdôa-me, Marianna; é meu pae, meu pae. Adeus! (*Alto*) Elle está socegado agora, padre; dorme profundamente; o medico promette não sahir d'aopé d'elle, e affiança que dormirá umas poucas de horas seguidas. Aproveitemos esta occasião, vamos: não se arrependa o nosso inimigo da sua generosidade.

Ignacio—Não tenha medo, D. Luiz, socegue. O marquez de Pombal é tam fiel ás suas promessas, é tam generoso, tam leal, que, para dissipar a mais leve sombra de receio, acaba de nos intimar .

Luiz—De intimar... o quê? Faz-me tremer, padre...

Ignacio—De nos intimar, aqui pelo senhor secretario que presente se acha, que nos dispensa da visita promettida... exigida para esta noite em sua casa, e que...

Luiz—E que?...

Ignacio—E que ficâmos nós á sua ordem n'este Forte...

Luiz—Presos?

Ignacio—Presos... litteralmente presos, não. Que diz, senhor secretario? Retidos, retidos até que... (*Secretario inclina-se em signal d'assentimento.*)

Luiz—Devéras? Oh providencia divina! Bemdito sejaes, meu Deus! E abençoado sejas tu um dia por uma coisa emfim na tua vida, marquez de Pombal! Oh meu Deus, meu Deus, que vos dignastes acceitar o sacrificio terrivel a que eu me submettia! Oh padre, padre! Deus é pae por fim. Então prendem-me aqui, fico aqui com meu pae—E o infame casamento?

Ignacio—Inutil j'agora, desnecessario.

Luiz—Será verdade?. . meu Deus! E' possivel? que fortuna! Oh adorada Marianna!

Ignacio—Adorada Marianna! O rapaz está louco.

Luiz—Estou louco, estou;—doido furioso de contente. Ai! se soubesse, padre...

Ignacio—Não sei; agora não sei, confesso. Pela primeira vez não sei e não entendo. Pois D. Marianna?...

Luiz—Marianna, ou D. Marianna, chame-lhe como quizer: sobrinha ou não sobrinha, Marianna é um anjo, é a minha vida, é a minha alma, é a parte da existencia que me faltava, e que em vão tenho buscado no mundo. Achei-a, e... Oh! o padre não comprehende isto.

Ignacio—Lá me custa, a falar a verdade. Mas póde ser que .. Diga, diga.

Luiz—Achei-a, ai! encontrei-a emfim. E quando eu começava a acreditar que a Providencia se tinha compadecido de mim, quando principiava a crêr na misericordia divina, quando esta alma—tam contristada sempre—se abria á primeira felicidade que viu lusir... Oh padre, então vinha este sacrificio tremendo que era necessario para salvar meu pae, vinha cortar-me para sempre toda a esperança. Bem sabe que não hesitei, bem viu que estava

prompto. Mas o que não sabe, o que não viu. o que ninguem mais saberia na terra ou no céo, é que pela vida de meu pae eu dava mais do que a minha vida, do que a minha liberdade, do que a minha honra. Amando... oh! amando como só sabem amar os desgraçados—o amor dos felises é um praser de mais — sentimento, sentimento profundo, só no coração do desgraçado! — amando, amando como eu amo a Marianna...

Ignacio—Marianna! Mas qual Marianna, com Deus?

Luiz—Marianna! a minha Marianna. Pois qual? a minha. Aquelle anjo de bondade, aquelle coração de oiro, aquelle espirito celeste que só eu sei o que vale—e ninguem mais; ninguem, porque ninguem é feito para a conhecer senão eu.

Ignacio *(A'parte)*— O rapaz endoideceu de todo. de todo.

Luiz — Pois veja, padre; amando eu assim, certo de ser amado, e quando a sorte, por um mysterio que ainda não comprehendi, nem me importou entender, parecia trasel-a aos meus braços depois de longa e desesperada ausencia .. veja qual seria a minha desgraça conhecendo que devia renunciar a ella, e ir entregar a minha mão, a minha vida a esse monstro. . que não póde deixar de ser um monstro, é d'aquelle sangue maldito, é d'aquella raça de tigres que beberam todo o meu, que destruiram a minha familia, que... Oh! bemdito sejaes mil veses, meu Deus! eu ia como Isaac para a montanha levando a lenha para o proprio sacrificio: e Deus contentou-se com a minha resignação. Deus é pae, oh! é: agora o vejo, padre. Ficarei preso aqui: não importa: ficarei com o meu pobre pae, a ajudál-o, a servil-o — e sobretudo a gosar da minha liberdade n'estes ferros.

Ignacio — Sim, sim, lá me parece que aqui a liberdade hade ser...

Luiz –Pois quê? o que são essas grades, esses ferrolhos, os grilhões que me possa lançar aos pés, ás mãos, comparados com as ignominiosas cadeias que me esperavam, esta noite, no palacio do tyranno? Eu com esta mão, eu assignar tal papel! Eu, esta mão, ir levar-lh'a a elle! Eu, esta mão, ir dál-a a essa mulher! ..

Ignacio—Qual mulher?

Luiz—Qual mulher! mas essa mulher que me estava destinada, essa que...

Ignacio—A sobrinha?

Luiz—A sobrinha, sim.

Ignacio—Então?... Pois?... Agora percebo: é que não sabia que a sobrinha de Manuel Simões era a mesma que...

Luiz—A sobrinha de Manuel Simões! (*Rindo*) É muito fino o nosso padre Ignacio, sabe tudo mas...

Ignacio—Mas o quê?

Luiz (*Rindo*)—Mas ha algumas certas coisitas que escapam á sua penetração e perspicacia.

Ignacio—Sim?

Luiz—Sim, senhor, sr. padre Ignacio.

Ignacio—Com effeito? Ora veja.

Luiz (*Em ár de confidencia*)—A sobrinha do nosso Manuel Simões, da tia Monica... (*rindo*) a sobrinha da tia Monica! Que famosa historia! E o padre Ignacio cahir n'esta!—A sobrinha não é sobrinha tal: disse-m'o ella, sei-o eu.

Ignacio—Ah! disse-lh'o ella? Então sabe tudo. Então ainda entendo menos... Então sabe... e sabe portanto que a sobrinha do marquez?..

Luiz—Sei, padre, sei: pois não m'o disse ainda agora? que essa maldita sobrinha do marquez, essa com quem me ia casar esta noite, já não quer elle que case; que mudou de tenção, e que meu pae...

SCENA III

ZEPHIRINO, PADRE IGNACIO, LUIZ, SECRETARIO

Zephirino—Senhor patrão, senhor patrão! Está aqui o meu patrão? não está? Senhor patrão, senhor Manuel Simões?

Luiz—Que é isto? Zephirino, aqui?

Ignacio—Como o deixaram entrar?

Luiz—Que é isso, homem!

Secretario—Como entraste aqui? as guardas...

Zephirino—Quaes guardas? Bem me importam a mim as guardas! Onde está, onde está o patrão, sr. Luiz? Ai meu Deus! este não é o sr. Luiz. O sr. Luiz tam bordado, tam tafulo? Onde está o outro?

Luiz—Qual outro?

Zephirino—O outro sr. Luiz?
Ignacio—Estás pateta, rapaz? Este é o sr. Luiz; falla. Que succedeu, que é isso? Como vieste aqui ter? Como te deixaram entrar?
Zephirino—Ai senhor! Deixe-me tomar fôlego.
Luiz—Socega, Zephirino, descança, vamos.
Zephirino — Jesus! que não sei onde estou. E é devéras o sr. Luiz? Será. E é; eu é que não sei, que não vejo. Ai sr. Luiz, ai sr. Luiz, ai sr. padre Ignacio, não sabe o que vae. Vm., que sabe tudo, não sabe de certo, não póde saber. Acaba-se hoje o mundo, é outro terramoto. ou que será, senhor? Eu fui ao palacio do sr. marquez... mas qual marquez! Fui á Ajuda... peior!... Tudo alvorotado por ahi, tudo cheio de povo. Na Baixa então isso, lá pelos arruamentos, isso é então uma assuada! Pois não sabe? Queriam deitar fogo á nossa casa. E porquê, senhor! porquê? que é o que eu dizia á tia Monica, porque nós somos pelo marquez. Vá que fossemos pelo marquez; era o patrão, está visto. Mas nós que sômos os caixeiros, e a tia Monica? A tia Monica então! a das novenas de Santo Ignacio. O padre bem sabe; ella, hein! Mas não senhor; que tudo vae na mesma firma... Elle é de rasão: Manuel Simões e Companhia. Mas companhia nas perdas sem ganhos! que acha, sr. Luiz? Pois queriam-nos deitar fogo á casa! E andam aos magotes pela rua a gritar «Abaixo o marquez de Pombal!» «morra o marquez de Pombal!» E a tia Monica disse-me: «Vae Zephirino, vae vêr se encontras o patrão, e dize-lhe que não tenha medo, que ninguem cá hade entrar na casa nem na logea; mas que venha elle sempre o mais depresssa que podér.» E lá ficou a tia Monica, mais o Zé Braga —que está a rir, o maldito boiças e não tem medo. Faz mesmo vergonha aquillo, faz saltar o sangue, vêr que não tem medo nenhum, o patéta. Está tam fresco, de páo na mão, e rindo-se: diz que até vinte alfacinhas que basta elle... tolo! Pois emfim, eu vim, e aquella gente a gritar, e foram ao Terreiro do Paço para arrancar a medalha — aquella que está ao pé do cavallo: sabe?
Ignacio—E sempre a arrancaram?
Zephirino—Não, porque diz que hade de ir á camara, o senado, para vêr como a coisa se faz, e que

hade ser de dia, com foguetes. Bem sabe que em Lisboa sem foguetes ..

Ignacio—Não se faz nada.

Zephirino—Sim senhor. Pois ahi está. Eu vim ás Janellas Verdes; mas já disse, nem marquez nem meio marquez! » E eu vim á Ajuda. Lá é que encontrei um criado do senhor marquez disfarçado em povo . Bom povo aquelle! mas eu bem o conheci. E elle é que me disse que o senhor marquez e mais o patrão que vinham aqui ter: que viesse cá se a coisa era de pressa. Nada, não era de pressa! Deitei a correr; mas o povo é tanto por ahi, e tropas pelas ruas—as carruagens não podem chegar cá tão cedo. Mas ainda agora deram vivas outra vez ao senhor marquez, porque elle diz que vem aqui para soltar os presos por ordem da nossa rainha, porque el-rei...

Luiz—El-rei?

Ignacio—El-rei é morto, D. Luiz.

Zephirino—D. Luiz! Bem o dizia eu, e não me enganava. Oh! sr. Luiz, sr. D. Luiz, e o nosso patrão agora que hade ser d'elle e da nossa casa?

Luiz (*Meditando*)—El-rei, el rei D. José! morto!...

SCENA IV

LUIZ. PADRE IGNACIO, ZEPHIRINO, SECRETARIO, POVO, *de fóra*

Povo—Viva a nossa rainha! Soltem-se os presos Queremos vêr os presos.—Viva a nossa rainha!

Luiz—Que é isto?

Ignacio—Não ouve o que é, D. Luiz? E' o povo que acclama a nossa rainha, e a liberdade de seu pae a sua, a nossa.

Luiz—Meu pae, meu pae livre, e eu tambem.

Ignacio—É a tyrannia d'esse homem sem Deus e sem lei que acabou emfim.—Ah marquez de Pombal, marquez de Pombal.—D. Luiz, vamos d'aqui! Seu pae está entregue a pessoas de confiança. Deixemol-o descansar, e vamos nós, que é preciso.

Luiz—Padre, deixe-me respirar... deixe-me entender esta fortuna que me espanta. Estranho-a, não a comprehendo, e não me comprehende a mim

ella. Não sei porquê, no meio de tamanha alegria, sinto uma tristeza inexplicavel que me aterra... sinto como um remorso da minha felicidade. Parece-me que offendo a Deus com o meu contentamento, que falto não sei a quê, que traio não sei a quem... Ai! que terei eu n'alma e de que será feito este coração para me atormentar assim como tudo! Vá, padre, vá; eu aqui ficarei com meu pae até que o possa fazer conduzir a casa .. A casa! nós já não temos casa. A minha casa, a antiga habitação de meus antepassados foi arrazada e salgada por mãos de algoz; nem herva cresceu nas suas ruinas que ficaram malditas! iremos para casa de algum amigo. Oh! sim, o meu Simões, o meu Simões, o meu bom Simões, me acudirá como sempre: para sua casa iremos. Vá padre, vá animal-o. Pobre Simões! em que sustos elle estará! Se o povo realmente...

Zephirino—Para isso lá está o Zé Braga: não senhor, lá a casa não vão elles; não, que o Zé Braga... E sabe que mais, sr. Luiz? Eu desconfio que o Zé Braga por fim que está com elles e que não é muito pelo nosso marquez.

Luiz—Sim?

Zephirino—Eu cá me entendo.

Luiz (*A'parte*)—E Marianna, e Marianna! Oh meu Deus! (*Alto*) Padre, agora me lembrou de repente. Tem razão, devemos voltar a Lisboa já... ambos. O caso de Manuel Simões é sério: quem sabe o que póde acontecer? E meu pae. . diz bem, padre... está entregue em boas mãos. E tambem nós podemos ir, e tornar logo. Mas agora vejo que é preciso ir. Vamos. Venha, padre.

Secretario—Perdôe-me, senhor, mas não tenho ordem.

Luiz—Ordem! Que ordem! Eu heide sahir...

SCENA V

SIMÕES, MARIANNA, PADRE IGNACIO, LUIZ, ZEPHIRINO, SECRETARIO, ZÉ BRAGA

Simões—Luiz, D. Luiz, padre Ignacio! Oh! cá estão ambos. Estamos salvos. Santo Deus! respiro. Oh

que susto! Oh! estamos salvos. Ainda não entro em mim.

Luiz—Marianna aqui! Oh! Simões, e tu? Que é isto?

Simões—D. Luiz, D. Luiz, o povo.. o povo... ai que gente! valeu-nos a sege da casa em que vinhamos... e valeu-nos correr á desfilada. Abençoadas mulas! Oh! padre, padre, que não sei ainda onde estou. D. Marianna, senhora D. Marianna, não lhe succedeu nada? Está boa, não tem nada? Diga, minha senhora, Jesus! que animo de menina! uma senhora d'aquella edade, e não ter medo assim!

Marianna—Medo de quê?

Simões—De quê! Senhor Jesus dos Terremotos! Dos gritos d'este povo, das ameaças, do que elles nos diziam .

Luiz—Onde estão os villões ruins? Quem são, onde estão elles? (*Querendo sahir.*)

Ignacio (*Contendo-o*)—D. Luiz!

Marianna (*A'parte*)—D. Luiz, com effeito! Oh! não é caixeiro. Bem m'o dizia o coração.

Luiz—Marianna, Marianna, o que foi? diga-me por Deus, que aconteceu?

Marianna—Aconteceu unicamente... Faz favor de me dar uma cadeira, uma d'essas coisas.

Luiz (*Chegando-lhe um assento*)—Oh minha senhora!

Marianna (*Sentando-se*)—Aconteceu que chegando nós ao palacio do marquez de Pombal para onde iamos, eu e... e meu tio, o sr. Manuel Simões...

Luiz—Iam para casa do marquez!

Marianna—Iamos, sim; mas quiz Deus que não podessemos entrar.

Luiz—Como assim! Pois?...

Marianna—Não podémos entrar, porque era immenso o tumulto do povo, e uma vozeria: «Abaixo o marquez! Viva a rainha!»

Luiz—E então?

Marianna—Então, mudámos de caminho, e viémos para aqui, onde Simões... onde o sr. Manuel Simões diz que tinha. . que vinhamos encontrar o marquez.

Simões—E' verdade, quando sahiamos de casa, da rua Augusta, recebi aviso d'elle que, se o não encontrassemos no palacio, que viessemos aqui ter.

Ignacio—Providentissimo e previdentissimo sempre o nosso marquez?

Zephirino - Oh sr. patrão, e o Zé Braga! que terá feito o Zé Braga! Elle que era tanto contra o sr. marquez!...
Simões—Deixa-me, tolo: que me importa a mim?...
Zephirino—E' que o Zé Braga é capaz por fim de andar mettido nos magotes. Eu que o conheço!
Simões—Ai minha casa! E a pobre Monica! Mas tu, que fazes tu aqui? Eu endoideço: este é, é o dia de juizo, hoje.
Luiz (*A' parte.)*—Marianna que ia para casa do marquez á mesma hora que eu devia ir!... que mysterio!... (*Alto.*) Padre, quem é esta senhora?
Ignacio—A sobrinha do nosso amigo Manoel Simões e Companhia.
Luiz—Impossivel!
Ignacio—Se lhe repugna vêl-a sobrinha do nosso Simões.. veja lá de quem quer que o seja. De quem mais estimaria? Diga. A gente hade ser sobrinho de alguem, hade ter os seus tios por força...
Luiz—Padre, veja o que diz! não zombe commigo, padre Ignacio. Eu não estou, eu não posso... D. Marianna, por Deus lh'o peço, desenrede este enigma. Oh, diga, diga por quem é.. diga que não é... que não é sobrinha d'elle, diga que...
Marianna (*Levantando-se.)*—Que não sou?...
Luiz Sobrinha d'elle, senhora.
Marianna—E não sou Já não ha para que fingir agora, meu Simões: não sou.
Luiz—Não é? Santo Deus, que felicidade!
Ignacio Com effeito. D. Luiz o nosso Manuel Simões muito agradecido lhe deve estar. Pois custava-lhe mais, senhor.. Sr. D. Luiz, que esta menina, esta bella e gentil senhora fosse do sangue do seu bemfeitor, do seu amigo, do que lhe salvou a vida, do que tem arrostado perigos e terrores para o defender?
Simões—Padre, que está a dizer? Padre Ignacio, por quem é..
Ignacio (*Com severidade*)—Cale-se, Simões, e não me interrompa. Que sabeis vós o que dizeis, Simões, ou que entendeis vós do que eu digo? *(Para D. Luiz.)* Custava-lhe isso mais, Sr. D. Luiz de Tavora, do que achar n'ella o sangue do seu implacavel inimigo, do verdugo dos seus!...
Luiz—D. Marianna, D. Marianna, pois não me disse

agora, não acaba de me dizer que não é?...

Marianna—Que não sou sobrinha de Manuel Simões.

Luiz—Ai não era d'esse que eu falava, que com tanta anciedade lhe perguntei. Bem sabia já que não, bem o sentia. Oh! do outro, do outro é que eu pergunto, do outro...

Ignacio—Esta senhora, D. Luiz, a Sr.ª D. Marianna de Mello, é sobrinha de Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras, marquez de Pombal.

Luiz—Meu Deus, meu Deus! (*Silencio geral.*)

Zephirino—Ai! e eu! que pateta que eu sou! O que eu disse esta manham ao Sr. marquez!... Olha se elle não cae tam depressa, o que seria de mim! entaipado pelo menos, entaipado o pobre do Zephirino! Sr. patrão, Sr. patrão, viva a nossa rainha! abaixo o marquez de Pombal!

Simões—Cala-te, pateta.

Zephirino—Pois se elle já lá vae, agora póde a gente..

Simões—Que sabes tu de quem lá vae ou de quem lá torna?

Ignacio—Simões, deixe o rapaz. Grita, rapaz, grita, que já temos liberdade...

Zephirino (*A' parte a Zé-Braga.*)—Liberdade! não lh'a quero a sua liberdade. Já não tenho vontade de gritar. O marquez era um grande marquez por fim, homem que fazia muito pela nação. Eu é que me não fio n'estes Jesuitas. Vae-te, vae-te, Jesuita, deixa que... hasde ficar logrado, porfim, eu t'o prometto, com tudo isso ..

Zé Braga (*A' parte a Zephirino.*)—Tu és tolo, Zephirino, mas a modos que num és pateta de todo.

Marianna (*Que tem estado pensativa e sem vêr nada do que se passa*)—Sr. D. Luiz de Tavora, agora sei que este é o seu nome, e nunca o tinha ouvido antes. Deus me é testemunha. Não o sabia em Aveiro quando o vi a primeira vez, não o sabia hoje quando nos encontrámos em casa do nosso supposto tio.—Agora me explico, agora comprehendo o invisivel e invencivel podêr que nos separava, quando os nossos tam cegos sentimentos pareciam querer unir nos. Fatal, funesta sympathia que se tinha apoderado de nossos corações... porque nos não conheciamos! Nenhum de nós sabia quem era o outro; e desde que o sabemos... tudo está di-

to... Que mais póde haver entre nós?... Ou o soubessem ou o ignorassem. (*Olhando significativamente para o padre Ignacio)* os que decidiam de nossos destinos, vejo, conheço tambem agora... vejo que, uns de boa, outros de má fé, tinham determinado unir-nos. Laço impossivel, união abominavel. D. Luiz! não é verdade? Este sacrificio que lhe exigiam, e de que a liberdade, a vida de seu pae era o preço, creia, D. Luiz, acredite-me que lh'o mereço—não teria nunca o meu consentimento... Oh! jámais. Que o não teve, bem vê. Eu sabia que me casavam com uma pessoa desconhecida, com um homem que eu suppunha não ter visto nunca, um homem que eu sentia que não havia de amar nunca, oh! nunca, nunca... porque o meu coração ..

Luiz—Marianna! oh Marianna!

Marianna—Basta.—Esse perigo passou, estamos livres ambos. Meu tio, meu tio verdadeiro, esse ministro tam detestado... esse homem caiu; e seu pae já não precisa do sacrificio. D. Luiz, eu volto para o meu convento... e volto mais feliz do que...

Luiz—Do quê, Marianna?

Marianna—Do que se chegasse a ser espôsa de um homem que me detesta... que tam profundamente me aborrece.

Luiz—Eu! Ah! eu? Pois assim se esquece?...

Marianna—Não me esqueço de nada. Oh! quem podera esquecer! Sei que em Aveiro, sei que no meu convento, ignorando quem eu era...

Luiz—Amei com todas as forças da minha alma, com uma adoração que me fez esquecer...

Marianna—Tudo, menos a supposta baixeza do meu nascimento quando me julgou a sobrinha do seu bemfeitor.

Luiz—Oh! D Marianna.

Marianna — Tudo, menos o odioso do meu sangue quando me soube parente do homem que abomina. Já vê, D. Luiz, que se enganou: é um pobre sentimento, uma debil affeição, a que não resiste nem á vaidade nem ao odio!

Luiz—Ah! se soubesse...

Marianna—Sei que esse homem tam detestado póde ser tudo menos infame, que tudo será, menos máo portuguez, que é...

Luiz — Que é um grande homem, D. Marianna! E que sou eu, eu que o confesso, eu a quem a sua grandeza tanto sangue e tantas lagrimas tem custado.

Ignacio—D. Luiz, D Luiz de Tavora!

Luiz — Sou Luiz de Tavora, sou, e bem sei as obrigações que nos impõe o meu nome.

Simões (*Ajoelhando e beijando lhe a mão*)—E' o meu amo, o filho do meu bom amo. Oh meu senhor, isso é que é ser cavalheiro, ser fidalgo deveras. Ah! se todos fossem assim!

Luiz — Deixa-me, Simões; sou Luiz de Tavora, mas não sou.. (*Ouve-se ruido dentro.*)

Simões (*A' parte*)—O marquez! Acudamos a isto depressa.

Luiz—Mas não sou, não...

SCENA VI

MARQUEZ, LUIZ, MARIANNA, PADRE IGNACIO, ZEPHIRINO, SECRETARIO

Marquez —Mas não é Jesuita. Pelo menos não tem o quarto voto. Professe, professe, e verá que o Evangelho é uma chimera, o temor de Deus um sonno, que é licito mentir. fingir, trahir, vender e vender-se... Não é assim, padre Ignacio? tudo é licito, menos perdoar as injurias, menos ser fiel ás suas promessas. Sr. D. Luiz de.. Sr. D. Luiz, eu tenho estado áquella porta, ha alguns minutos e ouvi tudo.— Seu pae estava livre, livre por minha propria e espontanea vontade. O preço que eu parecia exigir, não era para mim, D. Luiz; era para a tranquillidade d'esta terra que é nossa, de nos todos. Ai! quantas acções parecem más, quantas motivadas por vís interesses, e que têm origem nos mais nobres sentimentos! Mas oh! é muito tarde já . ou antes, é muito cedo ainda para eu me justificar. O meu poder acabou, ou como se acabasse está; o nosso contracto de sua natureza se rompeu. Não me queira mal pelas tenções que tive. Assás motivos tem de me detestar, D. Luiz—para desprezar-me, nenhum—e ninguem os tem, bemdito seja Deus! ninguem, não. Concebi este projecto quando fui informado da sua inclinação para Marianna, informado por este amigo... o nosso padre Ignacio...

Ignacio—Eu disse... eu julguei... eu não queria senão...

Marquez—Não sei o que vossa paternidade queria—mortificar-me talvez, ter-me na sua dependencia: que sei eu! Por mim, o meu principal desejo era acabar com estes odios fataes, esquecer estas funestas severidades que a dureza dos tempos...

Ignacio—A dureza d'esse coração, marquez de Pombal, a maldita crueldade d'essa alma, Sebastião José de Carvalho!—Quem hade esquecer...

Luiz—Padre Ignacio, eu estou aqui; e sou eu...

Marquez—Deixe-o, deixe-o dizer...

Luiz—Não deixo, não soffro... Eu que sou...

Ignacio—Que sou o quê, D. Luiz? O sobrinho, o filho de alguns imbecis que esse homem estrangulou sobre o patibulo? O que é isso, o que significa isso? Quem lhe diz que esse homem não fez... que não tinha direito, que não tinha razão, que não tinha obrigação talvez de o fazer?

Luiz—Ah!

Marquez—Com effeito! E então?

Ignacio—Sim.. talvez: não sei. Perdôe-lhe se quer, perdôe-lhe se póde. Que me importa a mim, que importa a Deus e ao mundo? Mas a fé de Christo que esse homem perseguiu, a Companhia de Jesus que elle destruiu, a Egreja catholica que não póde sustentar-se sem ella?... d'esse attentado monstruoso nem Deus nem os homens podem absolvel-o; por esse a maldição eterna cahirá sobre o impio.

Marquez—Se deixassemos essa bella tirada para outra vez, padre Ignacio? Para quando concluissemos aquelles ajustes começados esta manhã?

Ignacio—Sr. marquez... eu...

Marquez—Sr. padre Ignacio, eu ainda sou ministro de S. M., e vossa reverendissima ainda não é provincial da Companhia—nem Deus tal permittirá—porque eu posso cahir, padre; (*A'parte*) e cahido estou! (*Alto*) mas a Companhia não se levanta.—D. Luiz...

Ignacio—D. Luiz, vamos d'aqui, vamos, senhor. deixemos...

Luiz—Eu não deixo meu pae, não saio d'aqui agora, senhor.

Ignacio (*Sahindo*)—Bem, sr. D. Luiz, muito bem!

SCENA VII

MARQUEZ, LUIZ, MARIANNA, ZEPHIRINO, SECRETARIO, POVO *(fóra)*; *depois* ZÉ BRAGA

Povo—Soltem-se os presos! viva a rainha! abaixo o marquez!

Marquez—Sr. secretario, que não façam mal ao povo, mas que o contenham! Dê ordem aos meus dragões que ahi estão. Oh! veja que gente é essa que grita. E' a mesma de ainda agora?

Secretario *(depois de ir vêr)*—E' a mesma, senhor. Rapazes pela maior parte, e gente de pouco.

Marquez—Convidem da minha parte o cabecilha, o chefe d'essa gente, a vir-me falar. Um tribuno do povo deve ter animo para encarar face a face o tyranno! Quero ouvir, quero entender bem essas queixas do povo de Lisboa contra mim: hão de ser curiosos os capitulos. Venha, venha o coice do asno.

Zé-Braga *(de fóra)*—Deixem-me, soltem-me; eu sei ir por meu pé. Sim, senhor; conheço muito vem o marquez; num n'o habéra de conhecer? Quem, eu! Cuidam que eu que sou Zephirino? num lhe tenho medo, num senhor, nenja eu.

Zephirino—Que rapaz, que Zé Braga este!

SCENA VIII

MARQUEZ, LUIZ, MARIANNA, ZEPHIRINO, ZÉ BRAGA *conduzido por* SECRETARIO E DRAGÕES

Ze-Braga — Está aqui o sôr marquez? Pois sim senhor: eu lhe direi tudo o que tenho que dizer. E hade oibil-as voas. Deixem-me.

Marquez—Soltem o rapaz, o meu amigo Zé Braga. Não é este o seu nome, Zephirino!

Zephirino—Saberá v. ex.ª...

Zé-Braga—Ai! o Zephirino aqui tamvem!

Marquez—Ora venha o sr. Zé-Braga, venha em nome do povo de Lisboa, e diga de sua justiça, que aqui estamos para o ouvir.

Luiz *(A'parte.)*—Que animo de homem, que admiravel sangue frio! Oh! porque havia de este homem ser meu inimigo. Oh meu pae!—D. Marianna?

Marianna—Sr. D. Luiz?
Luiz—Se nos não tornarmos a vêr...
Marianna—Adeus D. Luiz!
Luiz—Oh! E' impossivel isto, impossivel!...

SCENA IX

MARQUEZ, MARIANNA, ZEPHIRINO, ZÉ BRAGA, SECRETARIO

Marquez—Com que então, até o meu amigo Zé Braga se declarou contra mim?
Ze-Braga—De sorte qu'eu, sor marquez, eu .. não era pelo tanto... E' que lá os rapazes da Vaixa, bista a coisa estar feita... sim. . de estar tudo já com'aquella. . com'a quem diz... emfim que elrei nosso senhor que estaba ido, e que o sr. marquez já num intaipaba a chente—dixeram elles: «Bamos então lá, e bá tudo com ceiscentos demonios!» E' o que elles diciam. E d'ahi quiceram deixar fogo a nossa cassa, não mais senão só por ser a chente—cá o patrão — compadre do sor marquez. E eu sempre lhe digo, quando tal bi, quizme ir a elles. Mas a tia Monica que não, que não, que os lebasse por vem. Que lhe hoibera de eu fazer! Fui-me de por bem com elles, porque nos não queimassem a cassa e tanto panno fino que lá temos e tudo aquillo. D'ahi ó despois...
Marquez—Depois?
Ze-Braga—O' despois, a berdade, berdade, é que entrou a chente a gritar, a correr as ruas — e tomei-lhe gosto á cousa. E' que elle é vom, vom de béras. Lá isso é! nem rondas, nem patrulhas, nem corregidor, nem juiz do crime; e a chente senhora das ruas. Biba este, morra aquelle! E' com'a quem diz...
Zephirino—Ah Zé Braga, Zé Braga,que nos cobriste de vergonha para sempre!
Zé-Braga—Tamvem tu! Pois elle é o que faltaiba. Ora isto, o alfacinha!
Zephirino—Ah boiças, boiças!
Marquez—Basta! (*A'parte*) E d'isto quiz eu fazer gente! (*Alto*) Marianna, minha querida sobrinha, perdôa-me. E vamos d'aqui, filha. Em má hora me lembrei de te tirar o socego do teu convento.

Quiz-te engrandecer, cuidei fazer-te feliz, e não consegui senão envolver-te na minha ruina! Vamos, filha, vem apprender como se deixam as honras e as grandezas, e como na desgraça se póde ser grande, muito maior que na felicidade.—D. Luiz! (*Não o vendo*) Onde está D. Luiz!

Marianna—Senhor, elle...

Marquez—Ah! assim devia ser. Elles têm razão, filha. E ainda foi generoso este. Verás os outros—já os estás vendo—os que me devem tudo quanto são, a quem eu nunca fiz senão favores, que os tirei do nada.. vêl-os-has.—Oh! e Manuel Simões? tambem esse! Bem.—Marianna, vamos. Sr. secretario, as ordens da rainha, minha senhora, que se cumpram; todos os presos d'Estado estão livres. Começa a tremenda reacção: como acabará ella? Se eu fui talvez mais longe do que a justiça e a razão pedia?... Póde ser.—Vamos, Marianna. Mas tu estás triste, filha? Pobre menina! vieste assistir a este grande naufragio, vêr a ruina dos teus, e quem sabe? tomar tambem parte—ai! temo que muito grande parte n'ella... porque tu... não era possivel... oh! que fiz eu! é certo, é certo, bem o vejo. . tu tinhas-lhe muita affeição, Marianna?

Marianna—Tinha, meu tio; e não sei se tenho ainda. Mas creia, senhor, que a filha de sua irmã não hade envergonhar, nem desmentir a fortaleza d'essa alma que hoje se mostra maior que nunca. Ninguem sabe ainda que estou em Lisboa: voltarei sem que o saibam. Esta boa gente não falará: e os seus inimigos não hão de ter o gôsto de se divertir com uma aventura quasi. . quasi ridicula. (*A'parte*) Oh! que me importava a mim o ridiculo, se não fosse! .. (*Alto*) Por essas poucas horas que tenho de estar em Lisboa — e que já me parecem seculos—tornarei a ser sobrinha da tia Monica...

SCENA X

MARQUEZ, MARIANNA, ZEPHIRINO,
ZÉ-BRAGA, SECRETARIO, MONICA, SIMÕES

Monica—Ella aqui a tia Monica. Ai! que noite esta, que noite, minha querida sobrinha! ai filha! que a tórno a vêr. Mas aonde, aonde meu Deus! n'esta

feia casa. . Abrenuncio! E dizer que o marquez aqui tenha presa aquella boa gente! Ai o sr. marquez aqui! Deus me perdôe! Eu não o dizia por isso, sr. marquez; mas vêr aqui a minha pobre sobrinha...

Simões (*Baixo ao marquez*) — Sr. marquez, eu fui buscar Monica, e sei que fiz bem. A sr.ª D. Marianna póde ir com ella e tornar para aquella casa, que — V. Ex.ª bem o sabe, não póde duvidar, sr. marquez — é mais sua do que minha.

Marquez (*Apertando-lhe a mão*) — Meu Simões, perdôa-me; eu não te conhecia.

Zephirino — Oh Zé Braga, Zé Braga, ella então torna a ser sobrinha do patrão, hein?

Ze-Braga — Deixa-me homem. Sabes tu que o nosso marquez que era um grande homem porfim?

Zephirino — Oh se era! bem grande. Mas deixal-o estar assim pequeno, que sempre a gente dorme mais socegada.

Zé-Braga — Apparece-me que tu que tens razão, Zephirino.

Marquez — Pensaste bem, Simões. Assim é, e assim deve ser, meu compadre. Marianna volta com a tia Monica...

Monica — Pois com quem havia de voltar a pobre menina? Deixemos passar estes barulhos e vêr em que isto pára: depois falaremos. Oh sr. marquez, pois com esta cara quem fica sem achar casamento? Lá sem falar nos taes vinte moios de milho, que eu ainda não sei bem quanto é. Aquelle sr. Luiz, aquelle sr. Luiz, que me disse uma palavra! ainda me não esqueceu: «Uma figa, tia Monica!» Uma figa a mim!

Simões (*com aspereza*) — Monica, então?

Monica — Basta, senhor do céo! basta; já não digo nada.

Marquez — E' tarde, vamos. Adeus filha, até ámanhã. Falaremos. Agora é preciso que eu appareça, que não digam os meus inimigos que o marquez de Pombal abandona o campo. Oh! o marquez de Pombal não succumbe assim, meus senhores. A lucta hade ser longa. E quem sabe? Elles não podem, elles não sabem governar isto. Este já não é o Portugal dos frades e das beatas. E o que eu semeei n'esta terra — seja elle flores ou abrolhos —

já lh'o não arrancam, já o não extirpam. Oh! eu por fim sou o marquez de Pombal!... e elles o que são? Que sabe d'elles o mundo, e que hade saber a historia dos seus feitios? A historia, a historia! vaidade, orgulho dos nescios... (*Pausa*) Vamos, Marianna, não me estejas triste.

Monica — Qual triste! ella está lá triste com a sua tia Monica!

Marianna — E é, oh! é a minha querida tia Monica.

Marquez — E depois, quem sabe? nem todos hãode ser tam vis, tam...

Marianna—Ai! meu convento, ai quem me déra...

Monica—O convento! não verão? Não hade ir para o convento, não senhora; hade ficar alli na nossa rua Augusta, que é a mais divertida rua de Lisboa. Tomára que a visse n'um dia de procissão, armada de damascos, e que...

Simões (*Ralhando*)—Monica, Monica!

Monica—Monica! está calada a Monica. Pois vamos então.

Marquez (*A'parte*)—Para ceder sempre é tempo: eu quero, eu posso ainda... (*Alto a Simões*) Vão. vão. Simões, eu conto comtigo. Marianna, até ámanhã.

SCENA XI

MARQUEZ, LUIZ, MARIANNA, SIMÕES, MONICA, ZEPHIRINO, ZÉ-BRAGA, SECRETARIO.

Marquez—D. Luiz!

Marianna—Oh! ainda aqui estava?

Luiz — Aqui estou. Que pensava de mim? Outra injustiça, oh! — Sr. marquez de Pombal, eu venho, em nome de meu pae, a cujos pés me lancei, de meu pae que foi seu inimigo e que o não é já... venho, com licença de meu pae, pedir-lhe em casamento a Sr.ª D. Marianna de Mello. E que seja esta mão, Sr. marquez (*Indo a tomar a mão de Marianna*) esta mão... (*O marquez enternecido colloca a mão de Marianna na de Luiz que a beija*) esta mão que apague emfim a derradeira memoria de tantas... de tantas desgraças!

Marquez—Ah! D. Luiz! eu não soube, não soube fazer nem amigos nem inimigos.

Zephirino—Que te dizia eu, Zé-Braga? Eu bem t'o

dizia, que elle que era um, mas que eu que bem sabia que elle que era outro.

Zé Braga—E tu nem és nem um, nem outro, és só ametade de um.

Zephirino—Porquê?

Zé-Braga—Porque és um pedaço d'asno.

Monica—Eu estou pateta. Pois elle?...

Simões (*A'parte*)—E o padre Ignacio? Que dirá elle a tudo isto? Estou-lhe com medo.

Marquez—D. Luiz! Marianna! oh se podessem acabar assim as nossas discordias civis!

SCENA XII

MARQUEZ, LUIZ, MARIANNA, SIMÕES, MONICA, ZEPHIRINO, ZÉ-BRAGA, SECRETARIO, PADRE-IGNACIO

Ignacio—Não acabam, não, marquez de Pombal, porque n'esse coração, porque em nenhum coração d'esses hade morrer nunca a ambição.

Luiz—Oh padre, aqui n'este... (*Apontando para o coração.*)

Ignacio—N'esse ainda ella não nasceu. Veremos com o tempo.

Luiz—Eu não vejo, eu nunca heide ver senão a ti, Marianna.

Ignacio—Por'ora.

Luiz—Para sempre!

Marquez—Que Deus o oiça, D. Luiz, e lhe não dê nunca a provar o que eu sei.

Ignacio—E eu.

Marquez—Oh padre, padre!... Vamos: a sua mão (*Dão-se a mão.*) De amigo?

Ignacio—Veremos... E a Companhia?

Marquez (*Soltando a mão do padre*)—Jámais!

Ignacio—Pois guerra!

Marquez—Sim.

Ignacio—Até á morte!

Marquez—Seja. Eu cahirei, mas...

Ignacio—Hade cahir.

Marquez—Mas os Jesuitas não se levantam.

Ignacio—Veremos.